

**CARINE COLLET**

**FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE:  
Um estudo com as seleções brasileiras de voleibol**

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para o recebimento do título de Doutora em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandra Folle.

Área de Concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

**FLORIANÓPOLIS/SC  
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Collet, Carine

FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE : Um estudo com as seleções brasileiras de voleibol / Carine Collet ; orientador, Juarez Vieira do Nascimento, coorientadora, Alexandra Folle, 2018. 193 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Formação esportiva. 3. Voleibol. 4. Atletas de elite. I. Nascimento, Juarez Vieira do. II. Folle, Alexandra. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. IV. Título.

Carine Collet

FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE:  
Um estudo com as seleções brasileiras de voleibol

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora em Educação Física” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

FLORIANÓPOLIS, 23 de FEVEREIRO de 2018.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly Samara da Silva  
Coordenadora do PPGEF/UFSC

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandra Folle (Coorientadora)  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Rafaela Galatti  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joice Mara Facco Stefanello  
Universidade Federal do Paraná – UFPR

---

Prof. Dr. Valmor Ramos  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

---

Prof. Dr. Michel Milistetd  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

---

Prof. Dr. Júlio César Schmitt Rocha  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Este trabalho é dedicado à minha  
família: meu refúgio, minha  
alegria, minha plenitude.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida, pelas bênçãos e pela proteção a mim concedidas. De nada adiantaria tanto esforço se Deus não permitisse que as metas traçadas, um dia fossem alcançadas.

Na sequência, muito obrigada...

... ao meu amigo, “papito” e orientador Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento pela oportunidade, pelos ensinamentos, pelo exemplo de competência e dedicação; por compartilhar seu conhecimento e me mostrar que eu não **acho** nada, eu **penso** a partir de bases teóricas e evidências... estendo o agradecimento à Solange, pela acolhida e amizade;

... à minha amiga e coorientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Folle, pela parceria, ensinamentos, comprometimento, conselhos e atenção com a tese, inclusive por me lembrar, a todo o momento, da famosa pergunta: “qual é a tua tese?”;

... ao amigo e orientador estrangeiro Prof. Dr. Sergio José Ibáñez, pela acolhida, confiança e ensinamentos; por abrir meus horizontes na pesquisa e nos dados da tese; além de tudo, pelo suporte durante o período na Espanha... estendo o agradecimento à Charo, pelo carinho e atenção;

... ao amigo Prof. Dr. Jean Côté, pelas conversas, ensinamentos, aconselhamentos e suporte teórico; também pelo suporte durante o período no Canadá... estendo o agradecimento à Kristin, pelo apoio e afeto;

... ao CDS, à coordenação e professores do PPGEF/UFSC, pela formação e troca de conhecimentos, e à CAPES/CNPQ pelo apoio financeiro e por ter viabilizado minha formação no exterior por meio da bolsa PDSE;

... aos membros da banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Rafaela Galatti, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joice Mara Facco Stefanello, Prof. Dr. Valmor Ramos, Prof. Dr. Michel Milistetd e Prof. Dr. Júlio César Schmitt Rocha, pelas contribuições, considerações e momentos de reflexão, fundamentais nesse processo de formação;

... à toda a minha família, que pela união me ensinou valores que carrego por toda a vida, que sempre me apoiou e torceu por mim... em especial à minha mãe Lourdes, à minha avó Delvina, ao meu irmão André, que sempre estiveram ao meu lado, me dando apoio, carinho e amor incondicional... ao pequeno Matheus, que trouxe mais luz e brilho à minha vida;

... à Marcia, pelo enorme carinho, companheirismo, apoio e por estar ao meu lado em todos os momentos, por me acompanhar nessa jornada e na vida, além das correções e opiniões sobre a tese;

... ao Anderson e ao meu avô Orlando, que até hoje são meus exemplos de vida, de garra e de vitórias; pelas conversas e principalmente pelo amor e carinho sempre demonstrados... duas das estrelas brilhantes do céu, anjos a me acompanhar.

... à “família” LAPE, pela amizade, risadas, convivência, discussões, troca de informações, aprendizado e ajuda em momentos de dúvida... muitos chegaram, muitos partiram, mas todos contribuíram para minha formação e o vínculo afetivo será sempre maior que a distância;

... aos meus queridos amigos, que muito me apoiaram antes e durante a realização do doutorado, os quais foram a base emocional para a concretização dos meus objetivos, estando presentes nos momentos de alegria e naqueles momentos em que só um ombro amigo pode confortar;

... aos amigos da Espanha, membros do GOERD/UEX, pela acolhida, troca de conhecimento e amizade, principalmente à Maria e ao Mancha, *¡muchas gracias!*;

... à Confederação Brasileira de Voleibol pela autorização da realização desse estudo, em especial ao amigo Antônio Rizola Neto, que me acolheu e viabilizou a coleta de dados junto aos atletas;

... aos atletas de elite do voleibol brasileiro que aceitaram participar do estudo, pela atenção e fornecimento de informações que possibilitaram a sua realização;

... por fim, a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização e concretização de mais essa etapa da minha formação profissional.

A todos, a minha profunda gratidão e reconhecimento.



## RESUMO

O envolvimento com o esporte profissional e a busca pela excelência esportiva exigem que a preparação dos atletas seja qualificada e direcionada para a busca de resultados. Os atletas são inseridos em diferentes contextos, participam de inúmeras atividades e relacionam-se com pessoas que influenciam suas decisões, fatores determinantes para o alcance do sucesso esportivo. Nesse sentido, o objetivo principal do estudo foi analisar o processo de formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, considerando os elementos dinâmicos (atividades, relações e contextos) em cada estágio da formação. Participaram do estudo 121 atletas das seleções brasileiras femininas e masculinas de voleibol das categorias sub18 (n=18), sub19 (n=19), sub20 (n=22), sub21 (n=19), sub23 (n=19) e adulta (n=5), bem como atletas que já encerraram a carreira esportiva (n=19). Os dados foram coletados a partir de um questionário elaborado para o estudo, o qual buscou informações acerca dos três elementos dinâmicos em cada estágio da formação esportiva. A análise dos dados foi realizada pela estatística descritiva e inferencial, a partir de testes específicos contidos no Programa SPSS versão 23. Os resultados indicaram equilíbrio no envolvimento em atividades de prática deliberada e jogo deliberado nos anos de diversificação e, posteriormente, aumento gradativo do envolvimento com a prática deliberada e, conseqüentemente, diminuição do envolvimento com o jogo deliberado no decorrer dos estágios. As associações significativas entre os tipos de atividades e o sexo dos atletas revelaram que as meninas se especializaram no voleibol mais cedo, enquanto os meninos se envolveram com atividades mais diversificadas no primeiro estágio da formação esportiva. Os atletas investigados relataram alto incentivo percebido dos treinadores/professores durante toda sua formação esportiva, principalmente quando se tratou do voleibol em específico. Os familiares foram mais importantes durante o primeiro estágio e os amigos foram os agentes sociais que menos incentivaram os atletas durante a sua formação esportiva. Com relação aos contextos, observou-se que os atletas praticavam atividades físicas e esportivas em ambientes mais estruturados, como clubes e academias, principalmente durante os anos de especialização e de investimento. Além disso, a prática nos clubes destacou-se entre as atletas do sexo feminino, entre os atletas que, atualmente, pertencem às categorias mais jovens (infanto-juvenil e juvenil) e que vivem nas metrópoles brasileiras (acima de 1 milhão de habitantes). De maneira geral, as evidências permitem concluir que a

formação esportiva dos atletas de elite do voleibol brasileiro aconteceu por meio de atividades diversificadas no estágio inicial passando para atividades voltadas especificamente ao voleibol; contou com o incentivo dos pais no estágio inicial e treinadores durante todos os estágios e predominou a prática em ambientes mais estruturados em todos os estágios. Assim, os três elementos dinâmicos influenciaram diretamente na formação esportiva dos atletas investigados até chegarem ao nível de alto rendimento. Embora haja grande variedade de percursos e de aspectos influenciadores desse processo, foi possível identificar algumas tendências que podem elucidar a formação de atletas de voleibol no Brasil e esclarecer aspectos que possam justificar a sua posição de destaque no cenário internacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Voleibol. Atletas de elite. Elementos dinâmicos. Formação esportiva.

## ABSTRACT

The involvement with the professional sport and the search for the sport excellence requires that the preparation of the athletes be qualified and directed to the search of results. The athletes are inserted in different contexts, participate in numerous activities and relate to people who influence their decisions, factors that determine the achievement of sports success. In this sense, the main objective of the study was to analyze the developmental process of Brazilian volleyball elite athletes, considering the dynamic elements (activities, relationships and contexts) at each stage of development. A total of 121 athletes from the Brazilian women's and men's volleyball national teams of U18 (n = 18), U19 (n = 19), U20 (n = 22), U21 (n = 19), U23 (n=19) adult athletes (n = 5), as well as athletes who have already completed their sports career (n = 19). The data were collected from a questionnaire prepared for the study, which sought information about the three dynamic elements at each stage of the sports development. The data analysis was performed by descriptive and inferential statistics, based on specific tests contained in the SPSS program version 23. The results indicated a balance in the involvement in deliberate practice and deliberate play activities in the diversification years and, later, gradual increase of involvement with deliberate practice and, consequently, decrease of involvement with deliberate play in the course of the stages. Significant associations between the types of activities and the sex of the athletes revealed that girls specialized in volleyball earlier, while boys engaged in more diversified activities in the first stage of sports development. The investigated athletes reported a high perceived incentive of the coaches / teachers throughout their development, especially when dealing with volleyball in particular. Family members were more important during the first stage and friends were the social agents who less encouraged athletes during their sports development. Regarding the contexts, it was observed that athletes practiced physical and sports activities in more structured environments, such as clubs and academies, especially during the specialization and investment years. In addition, practice in clubs stood out among the female athletes, among the athletes who currently belong to the younger categories and who live in the Brazilian metropolis (above 1 million inhabitants). In general, the evidence allows to conclude that the sports development of Brazilian volleyball elite athletes happened through diversified activities in the initial stage moving to activities specifically geared to volleyball; had the encouragement of parents in early stage and coaches during all stages

and practice prevailed in more structured environments at all stages. Thus, the three dynamic elements directly influenced the sports development of the investigated athletes until reaching the high level. Although there is a great variety of paths and influential aspects of this process, it was possible to identify some trends that can elucidate the development of Brazilian volleyball athletes and highlight aspects that may justify their prominence in the international scene.

**Key words:** Volleyball. Elite athletes. Dynamic elements. Sports development.

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO A: Autorização da Confederação Brasileira de Voleibol para a realização do estudo junto aos atletas.....	185
ANEXO B: Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC.....	189



## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: Instrumento de Avaliação da Formação Esportiva no Voleibol (IAFEV) .....	157
APÊNDICE B: Quadro geral de variáveis .....	163
APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Atletas .....	171
APÊNDICE D: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Atletas menores de 18 anos .....	175
APÊNDICE E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Responsáveis pelos atletas menores de 18 anos .....	179





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. <i>Developmental Model of Sport Participation</i> . .....	40
Figura 2. Elementos dinâmicos da formação esportiva. ....	44
Figura 3. Distribuição do local de nascimento dos atletas nas macrorregiões e estados do Brasil. ....	62
Figura 4. Variação na duração das atividades de prática e jogo deliberado ao longo dos estágios da formação esportiva. ....	93
Figura 5. Representação gráfica da formação esportiva a partir do <i>DMSP</i> e encontrada em atletas de elite do voleibol brasileiro. ....	94
Figura 6. Atividades de jogo deliberado realizadas em cada estágio da formação esportiva e seu respectivo grau de associação (V Cramer). ..	98
Figura 7. Atividades de prática deliberada realizadas em cada estágio da formação esportiva e seu respectivo grau de associação (V Cramer). ..	99
Figura 8. Frequência relativa do nível de incentivo percebido em cada estágio da formação esportiva. ....	104
Figura 9. Frequência relativa do nível de incentivo percebido ao voleibol e para outras atividades em cada estágio da formação esportiva. ....	109
Figura 10. Mobilidade entre estados e número de clubes participantes da Superliga Nacional de Voleibol 2016/2017. ....	123



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sete postulados para a iniciação esportiva. ....	42
Quadro 2. Características específicas de jogo deliberado e prática deliberada. ....	46
Quadro 3. Matriz analítica do IAFEV. ....	65
Quadro 4. Testes estatísticos utilizados em cada estudo empírico. ....	71
Quadro 5. Categorização das variáveis do estudo sobre a diferença entre os sexos. ....	73
Quadro 6. Categorização das variáveis do estudo acerca do nível de incentivo. ....	74
Quadro 7. Categorização das variáveis do estudo acerca do contexto esportivo. ....	75



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil dos atletas de elite do voleibol brasileiro.....	61
Tabela 2. Atendimento aos critérios de seleção dos avaliadores do instrumento.....	63
Tabela 3. Questionários respondidos de acordo com as categorias.....	69
Tabela 4. Índices de Validade de Conteúdo V de Aiken e Intervalos de Confiança de 95%. .....	84
Tabela 5. Dados referentes à estabilidade e à consistência interna dos itens de cada questão do instrumento. ....	86
Tabela 6. Resultados descritivos e diferenças entre a duração de cada tipo de atividade em cada estágio da formação esportiva. ....	91
Tabela 7. Comparação entre os estágios da formação esportiva, considerando as horas de prática e jogo deliberado. ....	92
Tabela 8. Frequência percentual da distribuição dos locais de prática de atividades físicas e esportivas dos atletas de elite do voleibol brasileiro. ....	117
Tabela 9. Associação das variáveis com os locais de prática esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. ....	118



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>27</b>
1.1	O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA	27
1.2	OBJETIVOS	31
1.2.1	Objetivo geral .....	31
1.2.2	Objetivos específicos .....	31
2.2	JUSTIFICATIVA	32
1.4	DEFINIÇÃO DE TERMOS	33
1.5	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	34
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>35</b>
2.1	FENÔMENO ESPORTIVO E VOLEIBOL	35
2.2	PANORAMA ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA	37
2.3	ENGAJAMENTO PESSOAL EM ATIVIDADES AO LONGO DA FORMAÇÃO ESPORTIVA	44
2.4	QUALIDADE DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA	50
2.5	CONTEXTOS APROPRIADOS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA	56
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>59</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	59
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO	59
3.3	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	64
3.4	PROCEDIMENTO DE Coleta de dados	67
3.5	TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	69
3.6	CUIDADOS ÉTICOS	76
3.7	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	76
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>79</b>
4.1	CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO ESPORTIVA NO VOLEIBOL	81
5.1.1	Processo de construção do IAFEV .....	82





4.1.2	Processo de validação de conteúdo do IAFEV .....	82
4.1.3	Confiabilidade do IAFEV .....	85
4.2	ENVOLVIMENTO PESSOAL EM ATIVIDADES DE JOGO E PRÁTICA DELIBERADA NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL	89
4.2.1	Duração semanal do engajamento pessoal nas atividades .....	89
4.2.2	Mudanças no decorrer dos estágios da formação esportiva.....	92
4.3	ENGAJAMENTO EM ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL: DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS	97
4.3.1	Envolvimento com o jogo deliberado .....	98
4.3.2	Envolvimento com a prática deliberada.....	99
4.4	RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA: NÍVEL DE INCENTIVO PERCEBIDO POR ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL	103
4.4.1	Nível de incentivo à formação esportiva.....	103
4.4.2	Nível de incentivo, considerando o tipo de atividade	108
4.4.3	Nível de incentivo, considerando o sexo dos participantes .....	111
4.5	CONTEXTOS DE PRÁTICA NA FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL BRASILEIRO	113
4.5.1	Locais de prática de atividades físicas e esportivas	113
4.5.2	Variáveis intervenientes na determinação dos locais de prática.....	116
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>155</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>183</b>



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

A prática esportiva se constitui de um importante elemento da cultura e da história da sociedade, principalmente pela sua diversidade de manifestações e por se configurar um fenômeno em constante transformação (GALATTI, 2010). As mudanças políticas, econômicas e culturais, ocorridas ao longo do tempo têm influenciado as transformações nos diferentes ramos da sociedade, inclusive no contexto esportivo. Se no início o esporte apresentava um sentido utilitário, passando por contextos ritualísticos e de não-profissionalismo (OLIVEIRA, 1994), atualmente ele se apresenta como um fenômeno multifacetado, que pode atender aos diferentes objetivos de quem o pratica (GALATTI, 2010).

No contexto do desenvolvimento esportivo, a busca pelos melhores resultados exige que a preparação dos jogadores seja qualificada e direcionada à formação do cidadão e à busca pelo sucesso esportivo. Os elementos constituintes do esporte devem ser abordados de forma pedagógica e condizente com o processo de maturação do indivíduo, visando evitar problemas físicos e psicológicos que levem ao abandono da modalidade. Mais especificamente, nessa etapa inicial, o rendimento ótimo não deve ser relacionado com esporte de alto nível, com competição exacerbada ou especialização precoce, mas preconizar o rendimento ótimo, de acordo com as possibilidades e com a evolução do aprendiz (COSTA; NASCIMENTO, 2004).

Atingir a *performance* de elite no esporte se constitui, assim, em um longo e árduo caminho, que exige dedicação, superação e inserção em programas que visem a formação esportiva. Envolver-se com diferentes tipos de atividades físicas e esportivas durante a infância poderá influenciar positivamente na prática esportiva sistematizada na adolescência e na idade adulta, tendo em vista que a iniciação esportiva normalmente acontece em uma fase de transição da infância para a idade adulta (MESQUITA, 1998; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; MILISTETD et al., 2010). Momentos com atividades lúdicas e autorreguladas (jogo deliberado), mescladas com atividades voltadas para o rendimento específico (prática deliberada), são a base para esta formação.

Nesse cenário, modelos internacionalmente reconhecidos têm sido utilizados para determinar a melhor maneira de formar atletas profissionais ou praticantes ao longo da vida (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016). Independentemente do fim a ser atingido, o caminho percorrido segue alguns pressupostos que têm sido indicados no contexto internacional: praticar elevado número de atividades variadas antes de se especializar em uma só modalidade esportiva (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016); obter incentivo e apoio das pessoas mais próximas (CÔTÉ, 1999; PETITPAS et al., 2005; KEEGAN et al., 2009; FRASER-THOMAS; STRACHAN; JEFFERY-TOSONI, 2013); bem como envolver-se com contextos adequados de prática (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; MACDONALD, 2010; VIERIMAA et al., 2012; BALISH; CÔTÉ, 2013; MACDONALD; BAKER, 2013). Tais pressupostos propiciam o desenvolvimento de crianças e jovens de maneira saudável e compensadora e, conseqüentemente, favorecem a expansão de indivíduos envolvidos com o esporte.

Muitos são os modelos desenvolvidos internacionalmente para definir a trajetória de atletas de sucesso, porém, a investigação no Brasil, mais especificamente no voleibol, merece maior aprofundamento. Além disso, a manutenção de excelentes resultados das seleções brasileiras no contexto internacional sugere uma organização na formação de atletas no país e de elaborados meios e métodos de treinamento de seleções adultas e de base. No entanto, a literatura não apresenta indícios de um processo sistematizado de preparação de atletas a longo prazo na América Latina e no Brasil, o que chama a atenção para o estudo do desenvolvimento da carreira de sucesso de atletas brasileiros.

A predominância do tipo de atividade a ser realizada em cada estágio da formação é descrita a partir de diferentes modelos e indicações, com o intuito de tornar o esporte uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento humano. O *Developmental Model of Sport Participation - DMSP* (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), elaborado a partir dos conceitos teóricos de jogo deliberado, prática deliberada e estágios da formação esportiva, configura-se como uma ferramenta que busca o desenvolvimento harmonioso da criança durante o seu percurso esportivo. As indicações sobre os estágios da formação esportiva possuem características específicas, tanto no que diz respeito à diversificação e à especialização esportiva, quanto na participação em

atividade de prática e jogo deliberado (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012). Muitos estudos visam entender como as atividades estruturadas (prática deliberada) e não estruturadas (jogo deliberado) podem ajudar o desenvolvimento do esporte e promover o caminho para o esporte de elite (FORD et al., 2009; COUTINHO et al., 2016; FORSMAN et al., 2016; HORNIG; AUST; GULLICH, 2016; GULLICH, 2017).

Além das atividades realizadas, as diferentes influências e contextos podem ser determinantes para que crianças e jovens busquem algumas modalidades esportivas específicas para praticar regularmente. As motivações internas, a busca por questões de saúde e aperfeiçoamento técnico, o apoio dos pais e amigos, o acesso às estruturas esportivas adequadas, facilitam o processo de inserção e permanência no contexto do treinamento esportivo (INTERDONATO et al., 2008; CAMPOS; VIGÁRIO; LÜRDOF, 2011; VINK; RAUDSEPP; KAIS, 2015).

Todos os acontecimentos, as atitudes dos agentes sociais e os significados atribuídos ao contexto em geral podem afetar o desenvolvimento esportivo das crianças e dos jovens em maior ou menor grau. Geralmente, os agentes sociais que se encontram mais próximos são percebidos como os maiores influenciadores, mas a complexidade das interações também é responsável pela promoção de um ambiente favorável à formação esportiva. As relações interpessoais que acontecem nesses ambientes envolvem a participação dos pais, treinadores, colegas atletas e outras pessoas, bem como os papéis que eles desempenham no processo (CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016). Estudos têm sido conduzidos no sentido de identificar de que maneira os pais (CÔTÉ, 1999; SALMELA; MORAES, 2003); os irmãos (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; FRASER-THOMAS; STRACHAN; JEFFERY-TOSONI, 2013); os treinadores (CÔTÉ; GILBERT, 2009; VELLA; OADES; CROWE, 2011; ERICKSON; GILBERT, 2013); os pares (VAZOU; NTOUMANIS; DUDA, 2005; COBLEY et al., 2009; BRUNER; EYES; TURNNIDGE, 2013); entre outros personagens (BALISH; CÔTÉ, 2013) podem influenciar na inserção e na permanência de jovens na prática esportiva.

Juntamente com as relações interpessoais, os contextos de prática esportiva são importantes fatores que podem influenciar a escolha e a permanência no envolvimento com o esporte. Tais contextos possuem características relacionadas aos locais escolhidos para a prática (mais ou menos estruturados e específicos), bem como relacionados aos locais de nascimento e de desenvolvimento ao longo da infância e

adolescência. Não há consenso sobre como esses locais interferem no desenvolvimento esportivo, pois enquanto alguns estudos têm verificado o efeito do tamanho da cidade de nascimento em países como Estados Unidos, Canadá e Austrália (CÔTÉ et al., 2006; MACDONALD et al., 2009a; HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013; TURNNIDGE; HANCOCK; CÔTÉ, 2014), outras investigações, ambientadas em países europeus (BAKER et al., 2009; BRUNER et al., 2011; ROSSING et al., 2016; ROSSING et al., 2017) mostraram dados inconsistentes sobre tal efeito. No caso do Brasil, há uma tendência de que os atletas se concentrem em estados da região Sudeste (ROTHER, 2014), mas se faz necessário compreender quais fatores, para além do efeito do local de nascimento, interferem na escolha dos contextos de prática esportiva durante a formação de atletas.

Diferenças nos padrões de participação esportiva entre os sexos têm sido encontradas em muitos estudos (COAKLEY; WHITE, 1992; COUTINHO et al., 2014; GÓMEZ et al., 2015; EIME et al., 2016; TELFORD et al., 2016). Tais diferenças podem ser explicadas tanto por questões de predisposição masculina à competição e ao envolvimento com o esporte (LOMBARDO, 2012; APOSTOLOU, 2014; BALISH et al., 2016), mas principalmente por questões históricas e socialmente construídas (FREDRICKS; ECCLES, 2005; CHALABAEV et al., 2013). As maiores oportunidades esportivas são oferecidas ao sexo masculino, enquanto que a participação feminina no esporte já passou por proibições legais, preconceitos e obstáculos que dificultaram e ainda influenciam no seu desenvolvimento (DEANER; SMITH, 2012; PNUD, 2017).

No contexto esportivo brasileiro, o voleibol tem se tornado um esporte cada vez mais popular, o que pode ser justificado pelo atual cenário de conquistas das seleções nacionais no cenário internacional, em que a figura do ídolo esportivo e de exemplos bem-sucedidos faz com que haja o aumento do interesse dos jovens pela modalidade. Dados da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) trazem o Brasil no primeiro lugar no *ranking* mundial na categoria adulta masculina e quarto lugar na categoria adulta feminina. Além disso, as categorias de base também se destacam internacionalmente, sendo que todas as seleções estão entre as nove melhores no *ranking* mundial (FIVB, 2017a). A boa organização administrativa, os investimentos de patrocinadores e a interferência da mídia têm alavancado o processo de desenvolvimento do esporte. Sendo assim, a elevada qualidade do voleibol no Brasil e as conquistas internacionais das seleções brasileiras destacam a importância de entendimento do processo formativo desses

atletas, no sentido de estabelecer indicadores que favorecerão a formação de novos atletas. Poucos estudos (COUTINHO, 2014; ROTHER, 2014; MENDES, 2017) são encontrados quando se trata especificamente do voleibol, principalmente no contexto brasileiro e com atletas de elite da modalidade. Assim, há a necessidade de realização de estudos que contemplem o processo de formação esportiva em diferentes modalidades e países, tendo em vista que as diferenças socioculturais influenciam diretamente nas atividades, nas relações e nos contextos de prática esportiva.

Diante do exposto, a presente investigação pretendeu responder ao seguinte problema: como ocorre o processo de formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro? Para tanto, foram elaboradas algumas questões norteadoras, as quais buscaram ser respondidas, posteriormente, a partir dos objetivos específicos:

Quais as principais atividades físicas e esportivas com que os atletas de voleibol se envolveram no decorrer da formação? Existiram diferenças entre os sexos ao se tratar de envolvimento com atividades físicas e esportivas? Quem foram os principais incentivadores e apoiadores durante a trajetória até chegar ao grupo de selecionados nacionais? De que maneira os contextos de prática influenciaram no decorrer da formação?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar o processo de formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Construir e verificar a validade de conteúdo e a confiabilidade de um instrumento para a análise da formação esportiva no voleibol;
- Verificar o envolvimento pessoal em atividades físicas e esportivas de atletas de elite do voleibol brasileiro, considerando a duração semanal do envolvimento em atividades de prática e jogo deliberado durante os estágios de formação esportiva;

- Verificar a existência de diferenças entre os sexos no tipo de atividade realizada durante o processo de formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro;
- Identificar o nível de incentivo dos agentes sociais percebido por atletas de elite do voleibol brasileiro em cada estágio da formação esportiva, relacionado a cada grupo de agentes sociais e de acordo com o sexo;
- Identificar a influência dos contextos durante a formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, a partir dos locais de prática de atividades físicas e esportivas e da distribuição geográfica dos atletas.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A realização do presente estudo se justifica pela busca de informações que possam elucidar a realidade do caminho inicial percorrido pelos atletas de seleções brasileiras do voleibol até chegarem ao alto rendimento e ao nível competitivo internacional. De posse de tais informações, será possível identificar os caminhos percorridos pelos atletas e buscar evidências de fatores que são determinantes na formação de atletas nesse nível, ambientado no contexto brasileiro. Modelos internacionalmente conhecidos foram utilizados como base teórica para a identificação dos estágios da formação esportiva de atletas de voleibol no contexto brasileiro, sendo possível identificar características específicas em cada um deles.

A lacuna identificada na literatura sobre como formar atletas de elite no voleibol brasileiro justifica a elaboração do estudo, pois não são encontrados estudos que apresentem indícios de um processo sistematizado para a formação de atletas de voleibol no Brasil, principalmente no contexto de elite.

A partir da compreensão da formação esportiva de atletas de voleibol de elite, será possível identificar contextos, vivências e experiências que poderão servir de exemplo ou de orientação para o desenvolvimento cada vez mais abrangente e qualificado de praticantes e atletas. Para tanto, foi necessário compreender quais atividades, relações e contextos relevantes, bem como as características de cada estágio. Dessa forma, será possível elucidar alguns indícios da formação esportiva geral e específica a atletas de voleibol, visando melhorar a sua qualidade e, conseqüentemente, manter o voleibol brasileiro como



esporte amplamente praticado e também na condição de potência mundial. Manter o voleibol no seu mais alto *status* esportivo advém da constante interação entre a tradição e a inovação, o que exige a união da experiência com a evolução na pesquisa e nas intervenções da modalidade.

A motivação pessoal sobre o tema perpassa pelo interesse prático e acadêmico pelo voleibol, nomeadamente como atleta (competição) e como praticante (lazer), bem como em razão de pesquisas já desenvolvidas na área. A iniciação e o desenvolvimento da carreira esportiva, bem como o processo de ensino-aprendizagem-treinamento de voleibol compreendem temas de interesse na pesquisa, principalmente no que se relaciona à trajetória que leva um atleta até a elite esportiva na modalidade.

#### 1.4 DEFINIÇÃO DE TERMOS

- **Atletas de elite:** atletas com alta *performance*, avaliados por *experts* ou que tenham reconhecimento social (prêmios), os quais possuem níveis de treinamento regulares e participam de competições internacionais (BAKER; WATTIE; SCHORER, 2015). No caso do presente estudo, serão considerados atletas de elite, os integrantes das seleções nacionais de voleibol, sendo eles jovens (categorias sub-18 a sub-23), adultos (categoria adulta) e ex-integrantes das seleções nacionais.

- **Processo de formação esportiva:** processo que envolve a preparação esportiva, visando o desenvolvimento geral, não somente específico ao esporte, com participação para toda a vida, separados por fases com características predominantes em cada uma delas (MESQUITA, 2004; MILISTETD et al., 2010).

- **Prática deliberada:** exercitação individualizada de atividades específicas de treino intencionalmente planejadas por um treinador ou professor, de forma a melhorar aspectos da *performance* de um indivíduo por meio da repetição e do refinamento sucessivo, apoiados em constante monitoramento e emissão de *feedbacks* por parte do condutor do processo (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993). No presente estudo, o termo prática deliberada traduz o treinamento ou exercitação de atividades estruturadas, organizadas por

um professor/treinador, em ambiente e com materiais específicos, visando a melhora do desempenho.

- **Jogo deliberado:** conjunto de atividades físicas e vivências de movimentos de forma espontânea e autônoma, a partir de diferentes jogos e brincadeiras que são praticadas nas ruas, parques e em ambientes não formais, determinadas e reguladas pelos próprios praticantes (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

## 1.5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo buscou analisar o processo de formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, ativos ou que encerraram a carreira como atletas (aposentados). Participaram do estudo os atletas de elite integrantes das seleções masculinas e femininas das categorias que participam de campeonatos internacionais, a partir da classificação da FIVB (Feminino: Sub-18, Sub-20, Sub-23; masculino: Sub-19 e Sub-21) e que estavam treinando no Centro de Desenvolvimento de Voleibol em Saquarema (RJ), no período da coleta de dados (julho e agosto de 2016). Além disso, fizeram parte do estudo os atletas das categorias adultas e os atletas aposentados que concordaram em participar da pesquisa a partir de recursos *on line*, os quais responderam ao questionário alocado na ferramenta *google docs*, recebido via e-mail.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo tem o intuito de apresentar, a partir de estudos teóricos e empíricos, as bases conceituais utilizadas no desenvolvimento do estudo. Assim, para elucidar as principais questões relacionadas à carreira esportiva de atletas, buscou-se na literatura especializada os conceitos e as pesquisas empíricas acerca do fenômeno esportivo, do voleibol e dos aspectos relacionados ao desenvolvimento esportivo. Assim, estruturou-se a revisão de literatura em cinco partes. Inicialmente houve a preocupação de abordar, brevemente, o fenômeno esportivo e o voleibol, destacando as múltiplas possibilidades de envolvimento com o esporte, bem como alguns aspectos históricos e contextuais do voleibol. Na sequência, foram abordados os aspectos gerais da formação esportiva, com ênfase no modelo que visa o desenvolvimento positivo de crianças e jovens, a partir de estágios sequenciais. Posteriormente, foram abordados os três elementos dinâmicos da formação esportiva (engajamento pessoal em atividades físicas e esportivas, relações interpessoais e contextos de prática esportiva) em tópicos específicos, embora se reconheça que este se constitui de um processo de interferências constantes e diretas entre todos os elementos.

### 2.1 FENÔMENO ESPORTIVO E VOLEIBOL

O esporte como manifestação sociocultural tem evoluído a partir das possibilidades de prática por diferentes populações, em diferentes contextos e com diferentes objetivos. De acordo com Marques, Almeida e Gutierrez (2007), são os próprios indivíduos que determinam os sentidos do esporte, considerando seu papel social, suas intenções, suas expectativas e seus conhecimentos. O esporte praticado em escolas, clubes, praças, em ambientes formais e informais permite que esse fenômeno se espalhe e consiga atingir um número cada vez maior de pessoas e cumpra seu papel social. Além disso, é preciso considerar os valores que o esporte transmite em qualquer forma de manifestação.

Diversos ambientes representam uma possibilidade de prática, dependendo dos objetivos e metas do público alvo. Por se tratar de um fenômeno multifacetado, as manifestações do esporte podem ser divididas em sete grandes grupos: profissão, representação, saúde, estética, lazer, socialização e educação, os quais possuem significados

não isolados e nem estáveis, pois podem se inter-relacionar, sendo designados pela pessoa ou grupo que convive com o fenômeno (GALATTI, 2010).

Em conjunto com essa evolução para uma manifestação multifacetada, o esporte profissional tem exigido cada vez mais preparação e competência para alcançar os melhores resultados, visando atingir o alto rendimento e a elite esportiva. De acordo com Gagné (2008) o desenvolvimento de talentos esportivos é um trabalho realizado durante um período significativo de tempo, de um programa estruturado de atividades que levam a um objetivo específico: a excelência. Para tanto, é necessário que a iniciação esportiva na escola ou no clube seja adequada e qualificada, com boas estruturas, abordagens coerentes e possibilidades de formar bons esportistas, tanto atletas profissionais quanto amadores.

O voleibol tem acompanhado a evolução do fenômeno esportivo, apresentando um número cada vez maior de praticantes e com qualidade para bem desempenhar seu papel na modalidade. O voleibol é o segundo esporte mais praticado no país, a primeira preferência da audiência feminina e vem ganhando cada vez mais espaço dentro da cena esportiva profissional (MARONI; MENDES; BASTOS, 2010). Assim, diferentes populações devem ter a possibilidade de contato com a modalidade e desfrutarem de seu potencial formador, desde crianças até idosos.

A evolução das regras do jogo deste esporte, desde a sua primeira apresentação, perpassou pela diferença no sistema de pontuação, número de jogadores em quadra, altura da rede, locais do corpo onde a bola pode ser interceptada, tamanho da quadra, dentre outras modificações estruturais e da parte técnica para a realização de uma partida (BIZZOCCHI, 2004). Essa evolução permitiu a especialização de funções em quadra (inclusive com a criação do jogador líbero, em 1998), buscando tornar o jogo mais disputado para as equipes e mais atraente para o público. As regras são constantemente revisadas e divulgadas no *site* oficial da FIVB e da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), sendo a última versão definida para 2017/2020 (FIVB, 2017b).

O voleibol apresenta algumas características que o tornam mais atrativo ao público, entre elas o fato de os jogadores tentarem fazer com que a bola caia no campo adversário, além de evitar que caia sobre seu próprio campo de jogo. Para que isso aconteça, as ações são executadas a partir de contatos breves com a bola, sem poder agarrá-la ou mantê-la sobre sua posse (MESQUITA, 1998). Além disso, a evolução das

regras, que tornou o jogo mais competitivo, e a participação da mídia na divulgação do esporte ajudaram no processo de massificação da modalidade.

O principal passo para o desenvolvimento do voleibol no Brasil, começou com o desenvolvimento de uma visão integrada da lógica de negócios para o esporte no final da década de 1980 (ALMEIDA et al., 2012). O voleibol no Brasil passou a ser considerado um exemplo internacional, a partir do momento em que a CBV passou a desenvolver estratégias específicas, entendendo voleibol como um negócio que gera benefícios claros para seus parceiros, com gestão e estrutura que envolve a contratação de profissionais (atletas, comissão técnica e dirigentes), simplificando as ações e colocando uma visão estratégica competitiva no campo (MIRANDA et al., 2016).

Outro passo importante foi a construção do Centro de Desenvolvimento do Voleibol (CDV) pela CBV em 2001, na cidade de Saquarema (RJ), o qual consiste em um centro integrado de treinamento com uma equipe interdisciplinar pensando no desenvolvimento de atletas de elite do voleibol em longo prazo. Esse espaço possibilita que os treinadores e atletas tenham contato com outros de diferentes categorias, realizando um trabalho conjunto para o alcance das metas. Além disso, o CDV visa aperfeiçoar os atletas das categorias de base e os próprios treinamentos das Seleções Adultas, tornando-se uma ‘fábrica’ de atletas de alto nível e proporcionando o surgimento de novos atletas (MATIAS; GRECO, 2011).

Alguns personagens do cenário do voleibol brasileiro têm se destacado a partir da concretização de um trabalho consistente para a evolução da modalidade. Atletas, treinadores e dirigentes, que fizeram do voleibol a sua profissão, trabalham cotidianamente para manter o contexto brasileiro no alto escalão do voleibol mundial. Muitos atletas brasileiros buscam se especializar em equipes de outros países, embora cada vez mais atletas estrangeiros tenham buscado atuar nas equipes brasileiras, em virtude da qualidade do voleibol nacional. Esse intercâmbio faz com que aumente a qualidade do voleibol nacional, além de se tornar um negócio lucrativo para os jogadores, para os clubes e dirigentes (ANDREFF, 2010)

## 2.2 PANORAMA ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA

A formação esportiva consiste em um processo que envolve diferentes fatores e que visa a evolução em termos de formação e de aperfeiçoamento esportivo, mas também a formação humana do cidadão de forma integral. O esporte consiste em uma importante ferramenta para o desenvolvimento humano, pois de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1999), o esporte é considerado um aspecto essencial do direito à educação e como dimensão da cultura do humanismo moderno. Portanto, um componente-chave na formação harmoniosa de seres humanos. De modo similar, o *International Olympic Committee (IOC)* enfatiza que o objetivo do esporte para jovens deve, claramente, desenvolver a saúde, a partir da ênfase em boas práticas para aumentar o bem-estar e promover o desenvolvimento em longo prazo, minimizando o risco de doenças e lesões, a partir de uma prática agradável e contínua que vise também o desenvolvimento da *performance* e do sucesso em todos os atletas (BERGERON et al., 2015).

Os programas esportivos devem ser elaborados levando em consideração três objetivos principais para o desenvolvimento de jovens: saúde física, desenvolvimento psicossocial e aprendizagem de habilidades motoras (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Tais objetivos devem ser alcançados a partir da inserção em cenários adequados que visem o desenvolvimento de características pessoais, iniciativa, saúde, *performance* e aspectos relacionados ao desenvolvimento positivo de jovens (competência, confiança, conexão e caráter). Além disso, mesmo quando se trata de desenvolvimento de atletas de elite, é necessário destacar que o importante não é somente a aquisição de habilidades esportivas, mas também otimizar a saúde dos jovens atletas por meio da participação contínua no esporte (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

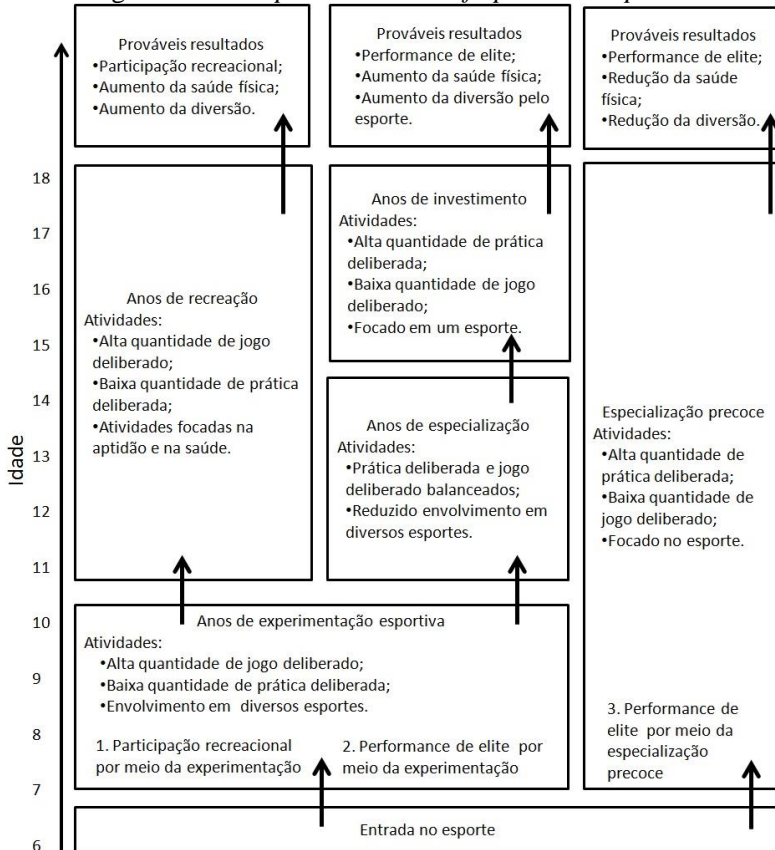
O processo de desenvolvimento de um atleta está relacionado com os fatores antropométricos e condicionais (MAIA, 1993) e, principalmente, com suas vivências e experiências motoras, com a preparação diversificada e específica na modalidade esportiva (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; MARQUES et al., 2014) e com as influências externas a que é submetido. Além do processo acontecer em longo prazo (BLOOM, 1985; CÔTÉ; HAY, 2002a), exige estrutura adequada, contexto propício e personagens incentivadores e competentes para que o desenvolvimento pessoal, o profissionalismo e a alta *performance* sejam alcançados.

Em vista dessas considerações, diferentes modelos e indicações para a inserção no ambiente esportivo têm sido apresentados com o

intuito de tornar o esporte uma ferramenta adequada de desenvolvimento humano. O *Developmental Model of Sport Participation - DMSP* (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002a; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; 2007), elaborado a partir da Teoria Ecológica (BRONFRENBRENNER, 1979), configura-se como uma ferramenta para o alcance da *performance* de elite e da participação esportiva, visando obter um desenvolvimento harmonioso e salutar da criança durante o seu percurso no envolvimento com o esporte. Além disso, o *DMSP* apresenta um conjunto de conceitos e variáveis quantificáveis e testáveis (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

O modelo surgiu a partir de extensas pesquisas com atletas de diferentes esportes, apresentando assim possibilidades de trajetórias no esporte relacionadas à: a) participação recreacional por meio da experimentação; b) *performance* de elite a partir da experimentação esportiva; e c) *performance* de elite a partir da especialização precoce (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002a; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). As duas primeiras trajetórias apresentam maiores possibilidades de manutenção da prática esportiva ao longo da vida, tendo em vista que pode trazer benefícios em termos psicossociais e de saúde (Figura 1). Em contrapartida, a terceira possibilidade de trajetória, focada na especialização precoce, é caracterizada por altas quantidades de prática deliberada (treino) e baixa quantidade de jogo deliberado (lazer) (CÔTÉ; HAY, 2002b; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003), podendo levar ao esporte de elite, assim como resultar em baixa saúde física e diversão, além de aumentar as possibilidades de desistência e afastamento do esporte (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002a; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Figura 1. *Developmental Model of Sport Participation.*



Fonte: Côté, Baker e Abernethy (2003).

Os programas esportivos baseados no *DMSP* devem promover a participação em diversas atividades, motivando os jovens a: acreditar em suas competências; divertir-se com o esporte; receber suporte social; e desenvolver habilidades para a vida (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Além disso, o envolvimento de pais e familiares, treinadores, professores e dirigentes é fundamental para que os objetivos sejam alcançados e seja criado um ambiente propício para o desenvolvimento positivo dos jovens no esporte.

A partir de tal modelo, é possível observar que diferentes caminhos podem levar a resultados semelhantes ou caminhos semelhantes podem resultar em situações diferentes, tendo em vista que



correspondem a um processo individual inserido em contextos sociais abrangentes. Apesar disso, estudos sobre as fases e os estágios da carreira esportiva (BLOOM, 1985; SALMELA, 1994; STAMBULOVA, 1994; CÔTÉ, 1999; WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002a; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009) têm demonstrado, de maneira geral, que o caminho mais adequado em termos de desenvolvimento integral do ser humano, inclusive do desempenho esportivo, passa por uma sequência que envolve: os anos iniciais (caracterizados pela introdução em vários esportes por meio de atividades lúdicas, focadas nos elementos da diversão e da recompensa imediata); o treinamento esportivo mais específico (com objetivos mensuráveis de realização e de *performance*); o período de investimento e manutenção (usualmente caracterizado pela completa submersão individual em atividades de treino e dedicação a desenvolver altos níveis de *performance*).

A inserção em programas esportivos pode ocorrer em diferentes etapas da vida, mas principalmente na fase de transição da infância para a idade adulta, sendo que as atividades organizadas nos momentos de lazer são consideradas um efetivo veículo para promover o desenvolvimento positivo (LARSON, 2000). Todavia, para que o efeito positivo aconteça, é necessário que sejam respeitadas as características pessoais dos participantes, bem como que se busque o desenvolvimento de aspectos que vão além da especificidade do esporte. Nessa perspectiva, alguns autores (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012) indicam sete postulados para a eficiência de programas esportivos que tragam benefícios físicos e psicossociais durante a infância e a juventude (Quadro 1). Tais postulados estabelecem características para os programas esportivos para que promovam não somente a *performance*, mas a participação continuada e o desenvolvimento pessoal para todo o envolvimento com o esporte (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Quadro 1. Sete postulados para a iniciação esportiva.

<b>Postulados</b>	<b>Descrição</b>
<b>Postulado 1</b>	Diversificação inicial (experimentação) não impede participação no esporte de elite em esportes em que o pico de desempenho é atingido após a maturação.
<b>Postulado 2</b>	Diversificação inicial (experimentação) está ligada a uma carreira esportiva mais prolongada e tem implicações positivas para o envolvimento com o esporte a longo prazo.
<b>Postulado 3</b>	Diversificação inicial (experimentação) permite a participação em uma variedade de contextos que afeta mais favoravelmente o desenvolvimento positivo na juventude.
<b>Postulado 4</b>	Quantidades elevadas de jogo deliberado durante os anos de experimentação constroem uma base sólida de motivação intrínseca, por meio do envolvimento em atividades que são agradáveis e que promovem a regulação intrínseca.
<b>Postulado 5</b>	Uma quantidade elevada de jogo deliberado durante os anos iniciais no esporte estabelece uma série de experiências motoras e cognitivas que as crianças podem, em última instância, trazer para o seu principal esporte de interesse.
<b>Postulado 6</b>	Por volta do final do ensino fundamental (cerca de 13 anos), as crianças devem ter a oportunidade de optar por se especializar em seu desporto favorito ou para continuar no esporte em um nível recreativo.
<b>Postulado 7</b>	Adolescentes (em torno de 16 anos de idade) que desenvolveram as habilidades físicas, cognitivas, sociais, emocionais e motoras necessárias, poderão investir seu esforço em treinamento altamente especializado em um esporte.

Fonte: Côté, Lidor e Hackfort (2009).

Em suma, os postulados estabelecem orientações objetivas para a implantação de programas esportivos que visem o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Assim, a diversificação esportiva precoce, altas quantidades de jogo deliberado, centralização nas crianças e estar cercado de pares envolvidos com o esporte parecem ser características essenciais do ambiente para encorajar os jovens ao investimento tardio na prática de atividades de prática deliberada (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

De maneira geral, o processo de formação de atletas de elite e de praticantes de esportes ao longo da vida passa por diferentes estágios com características predominantes em cada um deles e que, apesar de não apresentarem uma idade fixa de transição, ocorrem de acordo com faixas etárias sequenciais. Tais estágios estão relacionados à diversificação inicial no envolvimento com as atividades (até 12 anos), ao início da especialização em uma modalidade (13 a 15 anos) e ao investimento direcionado a uma modalidade específica (16 a 18 anos) (CÔTÉ, 1999).

Os anos de diversificação (até 12 anos de idade) são caracterizados pelo maior envolvimento com atividades denominadas de jogo deliberado, as quais envolvem atividades lúdicas, não-estruturadas e que tem como principal propósito a diversão. Nos anos de especialização (13 a 15 anos de idade), as crianças devem ter a oportunidade de escolher uma modalidade esportiva para especialização, em que haja um equilíbrio entre as atividades não estruturadas e estruturadas. No último estágio da formação, denominado de anos de investimento (16 a 18 anos de idade), os jovens passam a se envolver prioritariamente com atividades de prática deliberada, as quais buscam o desenvolvimento específico de uma modalidade, voltadas para a *performance* esportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). A partir desse último estágio, ocorre o aperfeiçoamento e a manutenção dos altos níveis de desempenho em uma modalidade, exigido pelo processo de profissionalização do esporte ou então pela prática cotidiana voltada para a satisfação pessoal, o lazer e a manutenção dos benefícios do exercício físico para a saúde e o bem-estar.

Um aspecto a ressaltar é que o processo de desenvolvimento esportivo envolve diferentes fatores, os quais influenciam diretamente o processo e se constituem em fatores determinantes para a obtenção de bons resultados. Porém, de acordo com Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016), o *DMSP* não deixa claro como incorporar os elementos dinâmicos da formação esportiva (engajamento pessoal nas atividades, qualidade das relações interpessoais, cenários apropriados – Figura 2) e a sua interação com os resultados esperados nos diferentes ambientes. Assim, os autores apresentam um framework (*A Personal Assets Approach to Youth Sport*) que aborda os mecanismos necessários para uma abordagem de desenvolvimento do esporte para jovens e que deve ser incorporado nas diferentes trajetórias do *DMSP*, tendo em vista que esquematizam os elementos dinâmicos, visando aumentar a qualidade

dos programas esportivos e trazer resultados positivos na formação de jovens.

Figura 2. Elementos dinâmicos da formação esportiva.



Fonte: Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016) e Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Nesta perspectiva, há o reconhecimento de que os elementos dinâmicos do desenvolvimento esportivo, que correspondem ao envolvimento pessoal nas atividades, a qualidade das relações e aos cenários adequados (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016), devem interagir constantemente e ser adequadamente combinados ao projeto esportivo para aumentar a qualidade dos programas esportivos para jovens.

### 2.3 ENGAJAMENTO PESSOAL EM ATIVIDADES AO LONGO DA FORMAÇÃO ESPORTIVA

As vivências motoras e as experiências de atividades físicas variadas são importantes para a inserção dos indivíduos nas modalidades esportivas, tendo em vista que estas atividades terão grande influência na evolução do desempenho esportivo. Em muitos casos, após a fase inicial com experiências motoras generalizadas e em atividades de lazer, os jogadores passam a se comprometer com contextos específicos do esporte e se especializar em uma modalidade a fim de aperfeiçoar suas habilidades esportivas (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER,

1993; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016).

O engajamento pessoal nas atividades compreende a motivação para a prática de esportes, a qual corresponde a um dos principais fatores que levam as crianças e os adolescentes a se envolverem com uma modalidade esportiva específica. A motivação consiste na energia, na persistência e na intenção para com uma determinada ação, mas talvez o mais importante, no mundo real, é que a motivação é altamente valorizada por causa de suas consequências, pelo que ela produz (RYAN; DECI, 2000), ou seja, a motivação é o que leva as pessoas a agirem a partir das consequências que ela pode produzir. Por isso, no meio esportivo, a motivação assume um dos papéis chave para a inserção e, conseqüentemente, a permanência no esporte. Além disso, os fatores motivacionais do esporte podem ter origem intrínseca ou extrínseca, variando se o esporte é casual ou intenso, individual ou grupal, imposto ou escolhido e se o engajamento é frequente ou não (PEDERSEN, 2002).

A motivação para a prática de atividades é, portanto, mais provável de acontecer quando a diversidade precede a especialização e quando a mistura entre a prática livre e a prática sistematizada seja integrada nas experiências com o esporte (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016). Nesse sentido, alguns autores (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007) apresentaram o conceito de jogo deliberado, definindo-o como um conjunto de atividades físicas e vivências de movimentos de forma espontânea e autônoma, a partir de diferentes jogos e brincadeiras que são praticadas nas ruas, nos parques e em ambientes não formais. A prática desses jogos, correspondentes às modalidades esportivas de forma adaptada, possui como características principais o divertimento, a motivação intrínseca e a autorregulação (SANTOS, 2011).

O jogo deliberado representa uma fase importante no início da carreira esportiva do atleta, como observado no estudo de Santos (2011), em que o envolvimento com o jogo deliberado se tornou o principal responsável pelas características definidoras do jogo de excelência, da criatividade e da visão de jogo de uma atleta de elite de basquetebol. Outro estudo, realizado com 48 jovens atletas portugueses de futebol e voleibol, mostrou que participar de diferentes modalidades na fase inicial do envolvimento esportivo não prejudica a possibilidade de alcançar a *performance* de elite, pelo contrário, aumenta a participação e o comprometimento com o esporte (DIOGO; GONÇALVES, 2014).

Em conjunto com o jogo deliberado, é importante que os movimentos específicos da modalidade esportiva sejam desenvolvidos de forma adequada, surgindo assim o conceito da prática deliberada. Esse conceito é definido como a exercitação individualizada de atividades específicas de treino, planejadas por um treinador ou professor, de forma a melhorar aspectos da *performance* de um indivíduo por meio da repetição e do refinamento sucessivo, apoiados em constante monitoramento e emissão de *feedbacks* por parte do condutor do processo (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993).

As características da prática deliberada são definidas por Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) como uma atividade que requer esforço, só podendo ser sustentada durante algumas horas por dia. Neste caso, se caracteriza como uma atividade que não é inerentemente motivante e que exige altos níveis de concentração. Segundo os autores, essas características diferenciam a prática deliberada de outras atividades como a *performance* de rotina ou atividades como jogos e brincadeiras dentro do domínio esportivo.

As diferentes características apresentadas em cada uma das teorias (Quadro 2) se complementam a partir do momento em que a intenção seja o desenvolvimento do atleta enquanto praticante de uma modalidade esportiva. Enquanto o jogo deliberado, predominante no primeiro estágio da formação esportiva, consiste em atividades esportivas designadas para maximizar a diversão, a prática deliberada, predominante no terceiro estágio, corresponde às atividades que exigem esforço, não gerando recompensas imediatas e sendo motivadas pelo objetivo de melhorar o desempenho (CÔTÉ; HAY, 2002a; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Quadro 2. Características específicas de jogo deliberado e prática deliberada.

<b>Jogo deliberado</b>	<b>Prática deliberada</b>
Brincar	Treinar
Jogar espontaneamente	Planejamento feito pelo treinador
Criação das próprias regras	Regras oficiais
Envolvimento com diversos esportes	Especialização específica

Fonte: Côté, Baker e Abernethy (2003).

Nesse cenário, estudos ressaltam a necessidade de união entre jogo deliberado e prática deliberada, em que a motivação e as vivências de um auxiliam no desenvolvimento e na evolução do outro (CÔTÉ, 1999; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003b; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; ERICSSON, 2006; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Mais especificamente, Vink, Raudsepp e Kais (2015) demonstraram que os níveis iniciais de motivação intrínseca previam níveis subsequentes de prática deliberada individual e que os níveis iniciais de prática deliberada individual previam uma motivação intrínseca subsequente.

Para além dos fatores associados ao jogo e à prática deliberada, destaca-se que a vivência de atividades físicas variadas durante a infância poderá influenciar positivamente na prática esportiva na adolescência e na idade adulta, tendo em vista que o maior repertório motor facilitará, posteriormente, a aquisição e o desenvolvimento dos fundamentos específicos de uma modalidade esportiva. Desse modo, os anos iniciais de envolvimento com atividades físicas e esportivas devem focar na experimentação de diferentes atividades, o que pode trazer maior interesse e engajamento quando comparada com a especialização precoce em uma única atividade. Assim, a diversidade deve preceder a especialização no esporte, possibilitando com que o jovem atleta possa escolher a atividade que mais lhe interessar, gerando maior motivação à prática esportiva (CÔTÉ; ABERNETHY, 2012).

O envolvimento em contextos diversificados e em diferentes atividades físicas e esportivas auxilia no desenvolvimento de habilidades básicas dos atletas que serão remetidas, posteriormente, à modalidade específica escolhida. Muitos estudos têm demonstrado a importância da diversificação de atividades e contextos nos anos de experimentação da carreira esportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002a; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003). Como exemplo, o estudo de Soberlak e Côté (2003) verificou pouco envolvimento em atividades de treino durante os anos de diversificação de atletas canadenses, o que foi aumentando gradativamente no decorrer dos anos, assim como a alta quantidade de envolvimento em atividades de lazer na fase inicial foi diminuindo no decorrer dos anos (fases da carreira).

No contexto brasileiro, os treinadores *experts* de voleibol também destacam a relevância do desenvolvimento das capacidades coordenativas gerais durante a primeira etapa de preparação esportiva como a base para posterior desenvolvimento das capacidades específicas da modalidade (MILISTETD et al., 2010). Em contrapartida, estudo

realizado na Finlândia demonstrou que, para melhor desenvolver atletas, é importante equilibrar a prática deliberada e o jogo deliberado em um esporte específico, tendo em vista que a prática diversificada não demonstrou resultados significativos na formação de atletas (FORSMAN et al., 2016). Todavia, os autores reconhecem que experiências de jogo mais variadas permitem que as crianças se insiram em vivências físicas, cognitivas, afetivas e psicossociais que proporcionam a base necessária para se especializar em um esporte durante a adolescência. Tais experiências diversificadas também são descritas no relatório de um projeto esportivo de sucesso realizado na Escócia (ABBOTT et al., 2007), o qual apresenta fundamentos e métodos de um programa de desenvolvimento de talentos no esporte (*Developing the Potential of Young People in Sport - DPYPS*) e os resultados encontrados no que tange o desenvolvimento psicomotor e comportamental de crianças em idade escolar.

Embora esse modelo de iniciação esportiva com atividades diversificadas seja amplamente reconhecido e profundamente estudado, é importante ressaltar que as diferenças culturais, esportivas e sociais podem influenciar nos resultados encontrados acerca do desenvolvimento esportivo de jovens. Diferenças socioculturais entre os países sugerem que mais pesquisas sejam realizadas para examinar quais são os diferentes efeitos nos tipos de prática deliberada e de jogo deliberado durante a infância (FORSMAN et al., 2016). Especificamente no contexto brasileiro, as diferentes características das cidades, das regiões e da própria cultura estabelecida pelos imigrantes vindos de diferentes locais do mundo pode influenciar na grande diversidade de oportunidades e opções de prática de atividades físicas e esportivas. Além disso, a grande extensão territorial do país apresenta diferenças no clima que podem afetar a realização de atividades nos diferentes contextos de prática. Por exemplo, o inverno no Brasil não é tão rigoroso quando comparado a outros países, não gerando acúmulo significativo de neve. Enquanto o frio é mais intenso somente na região Sul em determinadas épocas do ano, alternando o tipo de atividades que são realizadas, o clima mais ameno nas demais regiões favorece a prática de atividades ao ar livre e a utilização de ruas, praças, praias e parques durante o ano inteiro.

Os anos sequenciais do envolvimento esportivo, denominados de anos de especialização e de anos de investimento (CÔTÉ, 1999) devem possuir diferentes características, visando a evolução gradual das atividades e dos níveis de exigência em uma modalidade específica. Os anos de especialização correspondem à iniciação de modalidade



esportiva nos ambientes de treinamento e de competição, em que, paralelamente, há uma diminuição dos momentos de jogo deliberado. De acordo com o autor, um equilíbrio entre atividades de prática deliberada e de jogo deliberado parece ser o mais apropriado nesta fase.

Um aspecto a ressaltar é que as experiências prévias representam um importante papel na escolha de uma modalidade esportiva para especializar-se. Os valores percebidos na fase de diversificação estão diretamente associados à motivação intrínseca em praticar determinadas atividades, na fase de especialização, em que os atletas gradualmente diminuem o envolvimento em várias atividades para focar em uma atividade esportiva específica (CÔTÉ, 1999). Esse tipo de envolvimento tem trazido bons resultados em termos de formação esportiva, indicando que há um momento ideal no início da adolescência para que os jovens jogadores possam inserir-se em atividades específicas e sistematizadas e que não haja prejuízos ao seu desenvolvimento (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Atividades de lazer orientadas e realizadas durante a fase de especialização (por exemplo, esporte, música, arte) devem ser agradáveis, pois exigem um esforço contínuo para alcançar um objetivo claro (LARSON, 2000). Para ilustração, destaca-se o estudo com atletas adolescentes de voleibol e basquetebol estonianos (VINK; RAUDSEPP; KAIS, 2015) o qual identificou uma relação recíproca entre motivação intrínseca e horas de prática deliberada, ou seja, quando o adolescente escolhe a modalidade que quer praticar gera-se maior satisfação e envolvimento com essa prática. Além disso, estes autores verificaram que os atletas que iniciaram a carreira com maior motivação intrínseca tiveram significativo aumento nas horas de prática deliberada na fase de especialização e consequente participação no campeonato nacional na sua categoria.

Na sequência do desenvolvimento esportivo, os anos de investimento são caracterizados pelo envolvimento mais intenso e constante em uma modalidade esportiva específica, em que os objetivos estão fortemente relacionados com a evolução do desempenho e a obtenção de resultados competitivos. Esta fase exige assim forte comprometimento para se atingir altos níveis de excelência no esporte, envolvendo elementos importantes como estratégia, competição e desenvolvimento de características específicas do esporte (CÔTÉ, 1999). A partir dessa etapa de desenvolvimento da carreira esportiva, há um aumento expressivo na duração semanal e, até mesmo, diária de atividades que visem desenvolver as habilidades esportivas específicas, que correspondem ao foco da prática deliberada. A prática deliberada

das habilidades motoras, quando realizada a partir do momento certo e durante os anos de formação do jogador, de acordo com Mesquita (2008), possibilita a construção de uma *performance* motora sustentável, ao mesmo tempo que o liberta, progressivamente, para o domínio das habilidades cognitivas e perceptivas, importantes indicadores no alto nível de rendimento.

Após passarem pelas fases de iniciação, especialização e investimento no esporte, alguns atletas alcançam carreira profissional. Nesse contexto, a busca pela excelência e pelos melhores resultados exige que a preparação dos atletas seja qualificada e direcionada à busca pelos melhores resultados esportivos e formativos. Os atletas de elite no esporte passam por um longo tempo de formação geral e específica, a partir de diferentes fatores que tiveram maior ou menor influência ao longo da carreira. Sendo assim, reconhece-se que, para chegar ao alto nível competitivo durante e após a fase de investimento, o atleta necessita de dedicação e oportunidades, ou seja, o atleta deverá dedicar grande parte de seu tempo em um programa sistematizado de aperfeiçoamento esportivo, visando a excelência (GAGNÉ, 2008) e procurando maximizar o seu tempo de prática deliberada para atingir uma *performance expert* em um domínio específico (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993).

Neste cenário, os estudos realizados ao longo dos anos acerca da elite no esporte (BLOOM, 1985; ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; SOSNIAK, 2006; HAUGAASEN; TOERING; JORDET, 2014) confirmam a importância dos fatores genéticos, mas destacam a maior influência da quantidade e da qualidade de prática deliberada na modalidade com treinamentos bem estruturados e adequados às capacidades dos atletas e às exigências do esporte de rendimento. No processo de engajamento no esporte e de participação no esporte profissional, para além da participação nas atividades físicas e esportivas, outros dois pontos são fundamentais no processo de desenvolvimento esportivo: a influência e as relações com os agentes sociais mais próximos, assim como o contexto e a qualidade do ambiente em que a criança ou jovem estará inserido.

## 2.4 QUALIDADE DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA

A qualidade das relações estabelecidas durante o envolvimento com o esporte é um componente influenciador na obtenção de resultados

positivos no desenvolvimento esportivo. Pessoas que fazem parte do cotidiano dos jovens, como treinadores, pais, colegas de equipe, irmãos, entre outros, são fundamentais para o envolvimento com o esporte, pois estes correspondem aos principais incentivadores ou influenciadores para a inserção e a permanência em atividades esportivas. Além disso, programas esportivos que fomentem a qualidade das relações no esporte para jovens tendem a ter efeitos positivos nas características pessoais dos jogadores, facilitando o alcance dos objetivos em longo prazo para a melhoria da *performance*, participação esportiva e desenvolvimento pessoal (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016).

As relações interpessoais são essenciais no desenvolvimento humano, na medida em que são capazes de influenciar pensamentos, comportamentos e escolhas durante toda a vida. Por meio de seus comportamentos e atitudes, os adultos mais próximos e os colegas têm influência importante sobre o bem-estar e a autoestima das crianças, inclusive na sua motivação para se inserir e permanecer no esporte (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), dando suporte às suas necessidades. Alguns aspectos podem impactar positivamente no desenvolvimento esportivo, como verificado no estudo com atletas olímpicos de modalidades individuais. Tais aspectos estão relacionados com a regularidade da interação no esporte, habilidades interpessoais emocionais, rivalidade, resiliência, cooperação e separação, sendo que essa última surgiu quando o atleta atingiu o *status* de elite, sugerindo que esses mecanismos impactam principalmente durante a formação esportiva (TAYLOR; COLLINS; CARSON, 2017). As pesquisas realizadas na área do talento esportivo têm demonstrado que o desenvolvimento de atletas é influenciado pelos papéis desempenhados pelos pais, irmãos, treinadores, pares, amigos e outras pessoas (STORM et al., 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016).

A família é a influência mais importante na vida de qualquer pessoa, tendo em vista que corresponde a um sistema interativo durante toda a vida. O fato de a criança começar a se envolver e decidir permanecer no esporte e na atividade física depende das experiências pessoais, as quais são profundamente influenciadas pelo seu ambiente familiar (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; CÔTÉ; HAY, 2002b). Assim, é essencial que seja criado um ambiente favorável no contexto familiar para o desenvolvimento esportivo, envolvendo pais, irmãos e familiares mais próximos em virtude do convívio diário entre esses agentes.

Ao longo dos anos de desenvolvimento esportivo, as crianças vão experimentando novas influências e novos contextos de prática, os quais serão determinantes para sua evolução. Côté (1999) descreve as principais características das relações interpessoais ao longo das fases de desenvolvimento, a partir do estudo realizado com atletas de tênis e seus familiares. Durante os anos de diversificação, os pais são responsáveis por iniciar o interesse das crianças pelo esporte, permitindo-lhes experimentar uma vasta gama de atividades agradáveis sem se concentrar em intenso treinamento. Nos anos de especialização, os irmãos mais velhos exercem influência positiva nas questões éticas da criança-atleta, inclusive na decisão de se especializar em uma modalidade específica. Nesse momento, a cooperação entre os irmãos pode gerar um ambiente favorável para o desenvolvimento de habilidades esportivas. Por fim, durante os anos de investimento, embora os pais não estejam diretamente envolvidos em fornecer instruções esportivas específicas ou treinamento, eles estão envolvidos em uma série de papéis que facilitam a participação da criança no esporte.

Deste modo, visualiza-se que os pais são os primeiros agentes sociais influenciadores das crianças. Eles dedicam grande parte de seu tempo para cuidar e promover um ambiente adequado para o desenvolvimento de crianças e jovens. Esse contato e interação constantes acontecem também no que diz respeito à atividade física e ao envolvimento esportivo, os quais podem despertar o interesse, incentivar e possibilitar que a criança se envolva com diferentes atividades. Os pais terão influência positiva no desenvolvimento esportivo das crianças e jovens desde que compreendam como: a) selecionar oportunidades esportivas adequadas e fornecer o suporte necessário; b) entender e aplicar os estilos de seu papel nesse contexto; c) gerenciar as demandas emocionais nas competições; d) buscar uma relação significativamente saudável com as outras pessoas envolvidas; e) gerenciar as demandas organizacionais e de desenvolvimento associados com a participação esportiva; e f) adaptar seu envolvimento de acordo com os diferentes estágios da carreira esportiva de seus filhos (HARWOOD; KNIGHT, 2015).

O papel dos pais frente às crianças muda de líder nos anos de diversificação para um apoiador nos anos de investimento (CÔTÉ, 1999). Assim, o envolvimento dos pais no contexto esportivo vai se alterando ao longo do tempo, em que são encontradas características específicas em três fases distintas, as quais correspondem às mesmas

faixas etárias, porém com nomenclaturas diferentes (HELLSTEDT, 2005):

- Nos anos iniciais (de 4 a 12 anos), a criança é introduzida pelos pais em uma variedade de esportes, principalmente pela figura paterna. A ênfase está na brincadeira, na diversão e na interação familiar durante as atividades;
- Nos anos intermediários (de 13 a 18 anos), há uma mudança do divertimento e da brincadeira para a especialização no esporte. Os pais agora fornecem transporte, buscam boa estrutura de prática, organizam competições e garantem o melhor treinamento;
- Nos anos tardios do desenvolvimento esportivo (19 e 20 anos), os atletas geralmente se separam da família e se transferem para outros contextos e passam a ser independentes. Todavia, a família permanece como o principal sistema de suporte e refúgio emocional para o estresse surgido a partir da competição.

Embora a participação no esporte também possa servir de modelo às crianças, os pais podem demonstrar comportamentos que não estão diretamente relacionados ao esporte, mas que a criança transfere para o seu próprio envolvimento esportivo (CÔTÉ, 1999). Assim, os exemplos observados no ambiente familiar terão influência no envolvimento da criança com o esporte, mesmo que os pais não sejam praticantes ou estejam diretamente envolvidos nesse contexto. Para além dos pais, no ambiente familiar, em muitas ocasiões, os irmãos desenvolvem-se em conjunto, interagindo e influenciando-se mutuamente, pois passam mais tempo em companhia uns dos outros, podendo gerar diferentes tipos de experiências e vivências durante suas formações. Os pais devem incentivar a cooperação entre os irmãos para promover a participação esportiva em cada um de seus filhos, tendo em vista que a cooperação deve superar a competição, fornecendo igualdade de oportunidades a cada um em particular (CÔTÉ; HAY, 2002b).

Os familiares, além de incentivadores e apoiadores do envolvimento da criança com o esporte, podem assumir diferentes papéis, como verificado nos estudos com atletas medalhistas internacionais (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002) e com atletas de vela e saltos ornamentais (PERES; LOVISOLO, 2006), em que os pais e os familiares foram seus primeiros treinadores. Em muitos países, em que a atividade de treinador não se constitui uma profissão regulamentada, diferentemente do que acontece no Brasil (MILISTEDT

et al., 2014) por meio da Lei 9696/98 de 1998, os pais passam a assumir papéis distintos no processo de treinamento esportivo, como suporte, treinador ou administrador (KNIGHT et al., 2016).

Para além da importância atribuída aos familiares na relação dos jovens com o esporte, destaca-se a relevância dos agentes envolvidos diretamente com a prática esportiva, como treinadores, dirigentes e colegas de equipe. Neste caso, o papel do treinador no processo de desenvolvimento esportivo se torna essencial, na medida em que as crianças e os jovens se inserem em um contexto sistematizado que diretamente influenciará no desenvolvimento de suas habilidades esportivas. Os treinadores envolvidos com a formação esportiva devem promover um contexto em que todos os praticantes tenham oportunidades de aprender habilidades físicas e psicológicas, as quais afetam a autoestima, a satisfação, a diversão e o estresse (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Além disso, os treinadores desempenham um papel crucial para permitir que os jovens atletas se tornem membros construtivos autocontrolados de uma equipe e, conseqüentemente, membros produtivos da sociedade. Deste modo, vislumbra-se que os treinadores são os responsáveis pela condução do processo de ensino-aprendizagem-treinamento esportivo, a partir do planejamento, da execução e da constante avaliação dos resultados obtidos.

Os treinadores possuem ainda um papel crucial na condução do desenvolvimento de programas esportivos apropriados, que se concentram na valorização dos pontos fortes e dos recursos pessoais dos atletas (CÔTÉ; GILBERT, 2009), além de serem os responsáveis por proporcionar a busca pelo desenvolvimento físico, psicológico e social dos jovens durante o envolvimento com o esporte (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011).

Para além das responsabilidades relacionadas à competência, à confiança, à conexão e ao caráter (4C's) (CÔTÉ; GILBERT, 2009), estudos realizados com treinadores de adolescentes revelaram que os treinadores se percebem responsáveis por desenvolver habilidades para a vida, criar um bom clima, influenciar positivamente e desenvolver capacidades psicológicas positivas (VELLA; OADES; CROWE, 2011; FOLLE et al., 2017). Ele também deve estar atento ao aparecimento e ao aumento de interações negativas e encorajar interações positivas entre os próprios atletas (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011).

O estudo realizado com praticantes de esportes revelou que as influências dos treinadores se relacionaram mais fortemente com os papéis de instrução e avaliação, enquanto as influências dos pais se destacam no apoio à participação e ao aprendizado das crianças. Tanto

os pais quanto os treinadores exerceram influências a partir dos seus estilos de liderança, respostas afetivas e comportamentos, enquanto que os pares influenciaram a motivação dos participantes através de comportamentos competitivos, comportamentos colaborativos, comunicações avaliativas e através de suas relações sociais (KEEGAN et al., 2009).

Outros agentes sociais importantes, como os amigos, os colegas de aula, de treino e até mesmo os adversários também exercem papel importante nas relações estabelecidas no ambiente esportivo, os quais terão influência direta no desenvolvimento dos jovens jogadores. A relação com os pares pode exercer maior influência na fase da adolescência, quando aumenta a quantidade de pessoas com quem o jovem convive e aumenta o tempo de convivência com pessoas fora do ambiente familiar. No ambiente esportivo, principalmente nos esportes coletivos, há a necessidade de se estabelecer uma relação harmônica entre todos os envolvidos, para que os objetivos sejam alcançados em conjunto. Assim, os jogadores recebem e integram novos membros, interagem com diferentes tipos de pares, lidam com conflitos, adotam papéis de liderança e aprendem a trabalhar como uma equipe (HOLT et al., 2008).

Os pares podem influenciar no desenvolvimento de características pessoais, do próprio estado de espírito e do desenvolvimento da autoimagem corporal, como foi verificado no estudo de Macpherson, Kerr e Stirling (2016), com adolescentes praticantes de vários esportes no contra turno escolar, em diferentes níveis, em que a interação com pares no esporte contribuiu para o desenvolvimento psicológico, social e físico de atletas do sexo feminino. No estudo com atletas adolescentes de futebol (HOLT et al., 2008), os autores verificaram que os jogadores aprendem a trabalhar juntos quando todos trabalham duro, melhorando seu próprio desempenho e oferecendo suporte comunicativo aos demais no alcance dos objetivos pessoais e da equipe.

De maneira geral, os níveis de influência dos agentes sociais específicos vão se alterando ao longo do tempo, em que a própria evolução da criança vai mudando as percepções que ela tem do contexto e das pessoas que a cercam. Neste caso, os pais possuem influência mais intensa nos anos iniciais do desenvolvimento das crianças e, com o passar do tempo, essa influência passa a ser mais intensa por parte de outros adultos, dos pares e dos amigos durante a adolescência (HELLSTEDT, 2005). Além do envolvimento nas atividades esportivas e das relações estabelecidas, os contextos em que acontecem as práticas

esportivas são essenciais para a criação de ambientes de prática que favoreçam o desenvolvimento dos jovens, uma vez que os programas esportivos devem possuir uma abordagem holística e interativa que busque o desenvolvimento de habilidades e o desempenho com ênfase no desenvolvimento psicossocial positivo (VIERIMAA et al., 2012).

## 2.5 CONTEXTOS APROPRIADOS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA

O terceiro elemento dinâmico da formação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016) diz respeito à importância do contexto, ou seja, do cenário no qual o processo de formação acontece. Tais cenários devem ser apropriados, com adequação de locais e recursos de prática esportiva, pois eles correspondem a um dos elementos dinâmicos que afeta a aquisição dos assertivos pessoais e os objetivos em longo prazo. Os contextos em que a criança se insere e o ambiente de prática e treino são fatores que influenciam diretamente no seu desenvolvimento. As oportunidades e as condições dos ambientes são determinantes para a qualidade e a quantidade de prática esportiva, favorecendo o desenvolvimento humano adequado, bem como a possibilidade de desenvolvimento de futuros praticantes e de atletas profissionais.

Os programas oferecidos pelas diferentes entidades esportivas possuem influência direta no desenvolvimento pessoal e esportivo dos jovens, por isso devem ser estabelecidos de maneira adequada e coerente com os objetivos da formação humana. Assim, o efeito positivo dos programas será observado quando facilitarem o alcance dos objetivos em longo prazo, especialmente aqueles relacionados à melhoria do desempenho, da participação esportiva e do desenvolvimento pessoal (CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016). Além disso, para promover a cultura da participação e da *performance* no esporte, os papéis da Educação Física, do esporte escolar, do esporte recreacional e do esporte de desempenho devem estar inter-relacionados, pois o desenvolvimento isolado desses programas se torna muito caro e não-efetivo (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Diante das diferentes possibilidades de manifestações e responsabilidades formativas nos âmbitos pessoais e sociais, é imprescindível que o esporte seja desenvolvido a partir das individualidades inseridas em um contexto social. Para tanto, diferentes fatores ambientais podem influenciar na inserção e na permanência dos jovens no esporte a partir das possibilidades que lhe são oferecidas,



inclusive dependendo do tamanho da cidade em que nasceram e viveram durante a infância e a adolescência (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; MACDONALD, 2010; BALISH; CÔTÉ, 2013; MACDONALD; BAKER, 2013).

O estudo realizado por Côté et al. (2006), com atletas de ligas nacionais norte americanas de hóquei, basquetebol, beisebol e canadense de golfe, demonstrou que a maioria desses atletas nasceu em cidades com menos de 500.000 habitantes, os quais possuíam maiores oportunidades para o desenvolvimento da *expertise* no esporte. Os autores indicam que a aquisição das habilidades está relacionada a qualidade e a quantidade de prática e de treino, proporcionada pelo ambiente físico das cidades menores. Além disso, outros estudos (MACDONALD et al., 2009a; MACDONALD et al., 2009b; BALISH; CÔTÉ, 2013) têm indicado que em cidades menores (até 100.000 habitantes) há maior possibilidade de prática sem a supervisão de adultos, maior diversificação de atividades com participação de pessoas com diferentes faixas etárias e níveis de habilidades, adaptação de espaços e materiais, entre outras facilidades presentes em cidades deste porte. Visualiza-se assim que, de maneira geral, as cidades menores apresentam menos preocupações com a segurança e melhor acesso aos espaços abertos, permitindo às crianças se movimentarem de forma independente, sem a supervisão constante dos adultos (KYTTÄ, 2002; CÔTÉ et al., 2006). Como resultado, durante os primeiros anos do envolvimento de uma criança no esporte, cidades menores podem facilitar a realização do desempenho do esporte de elite, proporcionando um ambiente psicossocial mais favorável e facilitador para o desenvolvimento humano (CÔTÉ et al., 2006).

Um aspecto a ressaltar é que as cidades e as comunidades pequenas apresentam maiores possibilidades de prática de diferentes tipos de atividades de maneira não estruturada, tendo em vista a menor oferta de locais específicos de prática ou de atividades organizadas e sistematizadas, os quais, de acordo com Côté et al. (2006), correspondem a menos fontes concorrentes de tempo de lazer para as crianças. Do ponto de vista do ambiente físico, são ofertados mais espaços abertos para atividades como ciclismo, corrida, patinação e outros esportes com os pares (KYTTÄ, 2002). Assim, os jogadores das pequenas cidades participam mais de atividades não-organizadas do que os jogadores de grandes centros urbanos (SURYA et al., 2012). Além disso, em virtude de as atividades serem, muitas vezes, adaptadas e utilizarem recursos e espaços não específicos, há maior possibilidade de

participação e integração de adultos, jovens e crianças, com diferentes níveis de habilidades.

Outro aspecto importante é que as pequenas cidades e vilas, segundo MacDonald et al. (2009b), podem oferecer abordagens integrativas para a participação esportiva que envolvam famílias, escolas e comunidades. Assim, o desenvolvimento esportivo de atletas em pequenas cidades ocorre, principalmente, devido à aquisição de habilidades relacionadas à qualidade e à quantidade de jogo, oferecidos pelas atividades físicas não-estruturadas entre crianças e adultos de diferentes idades e à experimentação de várias formas de atividades esportivas (CÔTÉ et al., 2006). De modo similar, tendo em vista que nas cidades pequenas há menor número de jogadores praticando determinadas modalidades, os jogadores que se destacam aumentam o prazer pela prática em virtude do bom desempenho, o que pode aumentar a motivação intrínseca e, conseqüentemente, aumentar o interesse e a permanência no esporte. Para tanto, o ambiente esportivo das pequenas cidades, de acordo com Surya et al. (2012), pode proporcionar uma vantagem indireta a um maior número de jovens atletas que podem ser selecionados para um treinamento mais intensivo durante a adolescência.

Após a descoberta do jogador que possui maiores níveis de habilidades em comparação aos seus pares, é necessário que haja uma inserção em contextos de prática esportiva mais sistematizada, que geralmente são melhores nos grandes centros urbanos. Assim, em muitos casos, a família se dispõe a mudar-se para um local próximo às melhores instalações de treinamento que oferecem oportunidades durante todo o ano para a prática (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993). Estes contextos de prática esportiva correspondem ao ambiente em que crianças e jovens passam boa parte de seu tempo e por isso ele deve oferecer boas condições para a ampla participação de todos, devendo assim proporcionar diferentes oportunidades para a prática diversificada, sistematizada, especializada, com diferentes agentes sociais e que favoreçam o desenvolvimento humano e esportivo qualificado.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo se caracterizou como uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem quantitativa dos dados, que buscou a exploração de aspectos acerca da formação esportiva. Realizou-se uma investigação empírica com estratégia associativa, assim como um estudo comparativo retrospectivo, pois a ocorrência das variáveis se deu antes do início da pesquisa, posto que somente requer registrar e analisar os dados (ATO; LÓPEZ; BENAVENTE, 2013).

Para a coleta de dados, realizou-se o processo de elaboração e validação do instrumento de medida, seguindo os conceitos de um estudo instrumental, que, segundo Montero e León (2007), tem como objetivo o desenvolvimento de provas e aparatos, incluindo o desenho ou a adaptação e o estudo das suas propriedades psicométricas. O instrumento constitui-se de um questionário com questões abertas e fechadas, tendo em vista que o uso do questionário viabiliza a elaboração de um panorama acerca do tema estudado, por meio da facilidade de maior abrangência de participantes.

#### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado na modalidade voleibol, com atletas de elite jovens e adultos, integrantes e ex-integrantes (aposentados) das seleções brasileiras de voleibol nos naipes masculino e feminino, correspondendo aos melhores atletas de voleibol em suas categorias no momento da coleta de dados. Assim, fizeram parte do estudo atletas pertencentes às seleções brasileiras femininas das categorias sub-18, sub-20, sub-23 e adulta e das seleções masculinas sub-19, sub-21 e adulta, além de ex-integrantes que já participaram de seleções adultas, e que concordaram em participar do estudo.

Os critérios de inclusão para a participação no estudo foram:

- Atletas integrantes das seleções brasileiras femininas e masculinas das categorias de base que estivessem treinando regularmente durante a convocação de cada seleção específica e que correspondessem ao período de coleta de dados (2016);

- Atletas das categorias adultas integrantes das seleções nacionais de 2016;
- Atletas aposentados (ex-integrantes) que tivessem participado de seleções nacionais.

Assim, participaram do estudo 121 atletas de elite do voleibol brasileiro, pertencentes às seleções femininas das categorias sub18 (n=18), sub20 (n=22) e sub23 (n=19), masculinas das categorias sub19 (n=19), sub21 (n=19), bem como das seleções adultas (n=5) e atletas masculinos que já encerraram a carreira esportiva (n=19). Os atletas das categorias de base e adultas pertenciam às seleções específicas de cada categoria no momento da coleta de dados (julho e agosto de 2016) e preparavam-se para os campeonatos sulamericanos e mundiais. Os atletas que já encerraram a carreira esportiva faziam parte de diferentes grupos no passado, todos participantes de torneios internacionais (n=19). Dentre eles, estavam campeões olímpicos e/ou mundiais (n=3), medalhistas olímpicos (n=4) e medalhistas Pan-Americanos (n=8). Os não medalhistas fizeram parte de grupos que ficaram entre 5º e 8º lugar em diferentes edições dos Jogos Olímpicos (n=4). Os atletas masculinos da categoria sub-23 não participaram do estudo em virtude de já terem encerrado as convocações no ano de 2016 nos momentos em que foram coletados os dados das demais seleções.

Os dados da Tabela 1 apresentam os dados referentes ao sexo, à categoria, ao tamanho da cidade de nascimento e à característica da escola onde estudaram (pública ou privada).

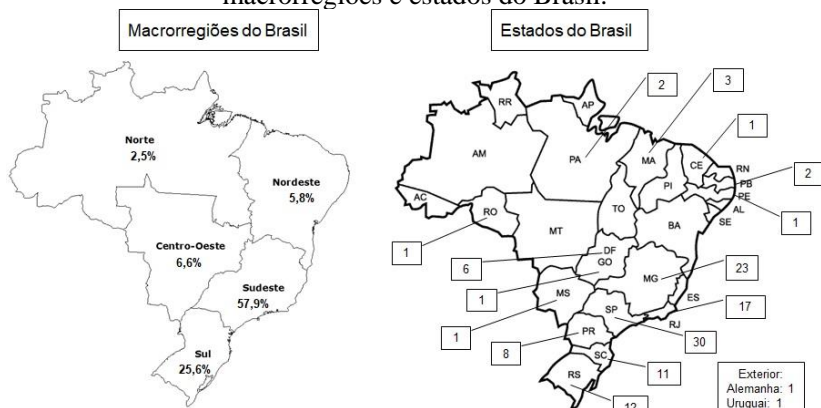
Tabela 1. Perfil dos atletas de elite do voleibol brasileiro.

	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	63	52,1
Masculino	58	47,9
<b>Categoria (média de idade)</b>		
Infanto-juvenil (16,24±0,74 anos)	37	30,6
Juvenil (17,97±0,99 anos)	41	33,9
Su23 e Adulta (22,51±4,61 anos)	24	19,8
Aposentados (60,2±8,81 anos)	19	15,7
<b>Tamanho da cidade de nascimento</b>		
Pequeno Porte (até 99.999 hab.)	28	23,1
Médio Porte (de 100 mil a 499.999 hab.)	25	20,7
Grande Porte (de 500 mil a 999.999 hab.)	10	8,3
Metrópole (mais de 1 milhão de hab.)	58	47,9
<b>Ensino Fundamental</b>		
Escola Pública	51	42,1
Escola Privada	70	57,9
<b>Ensino Médio</b>		
Escola Pública	36	29,8
Escola Privada	85	70,2
<b>Total de atletas participantes da pesquisa</b>	121	100

Fonte: A autora.

Na sequência, a Figura 3 apresenta a distribuição dos locais de nascimento dos atletas, de acordo com as macrorregiões do Brasil (%) e também a distribuição dos atletas, considerando seu estado de nascimento (n).

Figura 3. Distribuição do local de nascimento dos atletas nas macrorregiões e estados do Brasil.



Fonte: A autora.

A construção inicial do instrumento contou com a participação de pesquisadores com experiência no voleibol e nos temas relacionados à Pedagogia do Esporte e à formação esportiva. Na sequência, o procedimento de validação foi realizado a partir do método de juízo de *experts* (ESCURRA, 1988; DUNN; BOUFFARD; ROGERS, 1999; ESCOBAR-PÉREZ; CUERVO-MARTÍNEZ, 2008; CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2009) com elevado conhecimento na área, os quais atenderam a determinados critérios de seleção (SKJONG; WENTWORTH, 2001). Assim, participaram da fase de validação de conteúdo 12 avaliadores *experts*, quantidade semelhante ao recomendado pela literatura (LYNN, 1986) e que atenderam a, pelo menos, cinco dos seis critérios estabelecidos para a seleção de avaliadores:

- 1) Ser doutor em Educação Física e/ou Esporte;
- 2) Ser professor do Ensino Superior em universidades brasileiras;
- 3) Ser investigador com publicações nas áreas da Pedagogia do Esporte e da formação esportiva;
- 4) Ter atuado como treinador de categorias de base ou como professor da Educação Física Escolar, visando à formação esportiva de atletas;
- 5) Ministrando ou ter ministrado disciplinas relacionadas à: Pedagogia do Esporte, Educação Física Escolar ou modalidades esportivas específicas no Ensino Superior;

- 6) Ter publicações relacionadas à construção e à validação de instrumentos de avaliação.

A Tabela 2 apresenta os critérios de inclusão que cumprem cada um dos avaliadores *experts*. As informações referentes aos avaliadores foram obtidas por meio da consulta ao *currículo* disponível na Plataforma Lattes/CNPq/Brasil, por se tratar de um sistema de domínio público.

Tabela 2. Atendimento aos critérios de seleção dos avaliadores do instrumento.

		Critérios					
		1	2	3	4	5	6
Avaliadores	1	√	√	√	-	√	√
	2	√	-	√	√	√	√
	3	√	√	√	√	√	-
	4	√	√	√	√	√	√
	5	√	√	√	√	√	√
	6	√	√	√	√	√	√
	7	√	√	√	√	√	-
	8	√	√	√	√	√	-
	9	√	√	√	√	-	√
	10	√	√	√	√	√	-
	11	√	√	√	√	√	√
	12	√	√	√	-	√	√

Fonte: A autora.

Na verificação da consistência interna e da estabilidade do questionário participaram 15 atletas de duas equipes de formação esportiva de um clube de Santa Catarina, atuantes em campeonatos municipais e estaduais de voleibol, com média de idade de 16,74±1,03 anos. A escolha dos participantes dessa etapa foi intencional (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; BAPTISTA-LUCIO, 2014), tendo em vista a maior acessibilidade e a possibilidade de aplicação do instrumento em duas ocasiões, contando com a aceitação e o consentimento dos dirigentes do clube, do treinador, dos atletas e de seus responsáveis (no caso dos atletas menores de 18 anos).

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, construído e validado para a presente pesquisa, que busca informações acerca da formação esportiva de atletas de voleibol (APÊNDICE A). Segundo Gil (2008), o questionário pode ser utilizado para se obter dados de um determinado grupo social por intermédio de um conjunto de questões a ele formuladas e que tem como vantagens atingir maior número de pessoas simultaneamente, maior uniformidade na avaliação e menor risco de distorção nas respostas pela influência do pesquisador.

O questionário, denominado de Instrumento de Avaliação da Formação Esportiva no Voleibol (IAFEV), foi dividido em duas partes: a primeira parte continha 18 itens relacionados ao perfil sociodemográfico dos atletas. A segunda parte continha 12 questões, subdivididas em infância (até 12 anos), pré-adolescência (13 a 15 anos) e adolescência (16 a 18 anos), as quais correspondem aos estágios da formação esportiva (CÔTÉ, 1999). Em cada estágio, as questões abordavam os elementos dinâmicos da formação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016), relacionados às características das atividades realizadas, às relações interpessoais e aos contextos de prática esportiva. A construção do instrumento foi realizada a partir de uma matriz analítica (Quadro 3) que apresenta os objetivos, as dimensões e os indicadores para as questões.



Quadro 3. Matriz analítica do IAFEV.

<b>Objetivo específico</b>	<b>Etapas</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Questões</b>
Identificar o perfil dos atletas de elite do voleibol, integrantes das seleções nacionais		Perfil do atleta	- Sexo; - Local e data de nascimento; - Local onde cresceu; - Escolaridade; - Função/posição de atuação - Nível de atuação	Parte 1
- Identificar o engajamento pessoal e o tipo de atividades realizadas por atletas de voleibol durante a infância, bem como a percepção de qualidade das relações interpessoais e dos cenários de desenvolvimento esportivo	Infância (até 12 anos);	Engajamento pessoal nas atividades	- Diversidade de esportes/atividades; - Características de cada atividade (tipo e duração) - Influência da escola; - Motivação intrínseca	Parte 2: Questões 1 a 4 (até 12 anos)
	Pré-adolescência (13 a 15 anos);			Questões 5 a 8 (13 a 15 anos)
	Adolescência (16 a 18 anos)	Relações interpessoais	- Graus de incentivo de agentes sociais	Questões 9 a 12 (16 a 18 anos)
	Contextos apropriados	- Locais de treino/prática; - Recursos esportivos; - Cidade		

Fonte: A autora.

O IAFEV possui questões abertas e fechadas em que se podem obter diferentes informações. Assim, as 12 questões avaliadas conjuntamente no processo de validação de conteúdo permitiram obter 78 dados específicos dos atletas, transformadas em variáveis para posterior análise. Após a construção do instrumento, iniciou-se o processo de verificação da sua validade e confiabilidade.

O processo de validação seguiu as recomendações da literatura (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2009; DROST, 2011; HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; BAPTISTA-LUCIO, 2014), as quais indicam que os instrumentos de medição devem ser válidos e confiáveis, por meio de diferentes maneiras de obtenção dos coeficientes de cada aspecto. Assim, após o estabelecimento inicial dos componentes e das questões do instrumento,

este passou pelo processo de validação de conteúdo (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2009).

Os *experts* selecionados para verificar a validade de conteúdo deveriam ter trajetória no tema, ter reconhecido conhecimento e qualificação e que poderiam fornecer informações, evidências, julgamentos e avaliações (ESCOBAR-PÉREZ; CUERVO-MARTÍNEZ, 2008), aspectos estes contemplados a partir dos critérios de seleção. O questionário para validação foi encaminhado por correio eletrônico aos 15 professores que atenderam aos critérios estabelecidos, juntamente com uma carta de apresentação, constando uma breve descrição do estudo (objetivos e metodologia) e convite para participar do processo de validação. As respostas com as avaliações foram recebidas dentro do prazo de um mês de 12 dos 15 professores, sendo que as avaliações e as sugestões de aperfeiçoamento de cada questão foram compiladas em documento único para facilitar o atendimento das sugestões de alteração em cada questão.

Os avaliadores do instrumento atribuíram, em uma escala de 1 (pouquíssimo) a 5 (muitíssimo), o grau de validade de cada questão. Os procedimentos seguiram as orientações de Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2009), os quais citam que a validade de conteúdo deve ser determinada por meio de três critérios: **clareza da linguagem** (diz respeito aos termos e a linguagem utilizada para determinar cada questão do instrumento); **pertinência prática** (se tem importância para o quê o instrumento se propõe a avaliar) e **relevância teórica** (referente ao nível de associação entre a questão e a teoria). Além da quantificação do nível de adequação de cada questão, os avaliadores puderam expressar suas opiniões ou sugestões no intuito de melhorar os itens do instrumento.

Após o processo de validação de conteúdo e as alterações a partir das sugestões dos avaliadores *experts*, a versão final do instrumento foi respondida por duas equipes de categorias de formação que concordaram em participar da pesquisa, em duas ocasiões (método teste-reteste), com intervalo de uma semana entre as aplicações. Esse procedimento foi utilizado para a verificação da confiabilidade do instrumento, por meio da consistência interna e da estabilidade (CARRETERO-DIOS; PÉREZ, 2005; DROST, 2011).

O processo de validação de conteúdo, estabilidade e consistência interna do instrumento revelou altos índices em todos os aspectos. A validação de conteúdo, realizada pela avaliação de *experts*, obteve Índice de Validade de Conteúdo V Aiken (AIKEN, 1985) de 0,91. A estabilidade foi significativa em 77 dos 78 itens, enquanto a

consistência interna apresentou coeficiente  $\alpha > 0,70$  em 77 dos 78 itens do questionário. O processo de construção e validação do instrumento é apresentado mais detalhadamente na parte inicial dos resultados e discussão do estudo.

Após a finalização do instrumento, foi realizada uma versão *on line* para viabilizar a aplicação do questionário nos atletas adultos e nos aposentados, tendo em vista a impossibilidade de encontros presenciais com esses atletas. Essa impossibilidade se deu em virtude da preparação e da participação das seleções adultas nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e da grande distribuição geográfica dos atletas aposentados. Porém, a aplicação *on line* do questionário permitiu o acesso a maior número de atletas, de diferentes faixas etárias e de diferentes regiões do Brasil.

A testagem do instrumento foi realizada a partir de um estudo piloto com os atletas de voleibol participantes dos Jogos Abertos de Santa Catarina (n=88), edição 2015. Nesse momento, algumas limitações e dificuldades para atingir os objetivos do estudo foram encontradas. A partir dessa testagem inicial, foi possível identificar e minimizar algumas falhas específicas do questionário, para posteriormente dar continuidade ao seu processo de validação, a partir da verificação da sua confiabilidade (estabilidade e consistência interna).

### 3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Inicialmente, foi realizado o contato com os dirigentes da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) para viabilizar a realização da pesquisa junto aos atletas das seleções. Após a afirmativa ao contato inicial e a autorização para a realização da pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC (CEPSH/UFSC).

Os dados do presente estudo foram coletados em três momentos, dois presenciais com as categorias de base e um *on-line* com os atletas adultos e os atletas aposentados no ano de 2016. A primeira etapa da coleta presencial aconteceu no período de 4 a 7 de julho e a segunda entre 8 a 11 de agosto de 2016 no Centro de Desenvolvimento do Voleibol (CDV), localizado na cidade de Saquarema (RJ). Na primeira ocasião, foram coletados os dados de todos os atletas convocados para as seleções de base sub18 feminina (n=18), sub19 masculina (n=19) e sub23 feminina (n=19). Na segunda ocasião, foram

coletados os dados de todos os atletas das seleções sub20 feminina (n=22) e sub21 masculina (n=19).

A aplicação dos questionários aconteceu em momentos específicos durante as visitas no CDV, em reuniões agendadas com os atletas e a comissão técnica de cada categoria. Todos os atletas de cada categoria se reuniram em um auditório e receberam, ao mesmo tempo, as instruções e as orientações para completar o questionário. Caso tivessem alguma dúvida, era sanada no mesmo momento pela presença da pesquisadora.

Todas as seleções compreendiam em torno de 20 atletas, tendo em vista que o ano de 2016 fez parte do conjunto de anos pares em que são convocados maior número de atletas para compor o quadro de atletas participantes dos Campeonatos Sulamericanos de cada categoria. Nos anos ímpares, são disputados os campeonatos mundiais de cada categoria, em que somente 14 desses atletas permanecem no grupo de convocados. Os atletas e as comissões técnicas permanecem no CDV por 90 dias em cada convocação antes da competição alvo da categoria, sendo que possuem três dias de folga a cada 18 dias para visitar os familiares. Os dados dos atletas da seleção sub23 masculina não foram coletados presencialmente, tendo em vista que a convocação dessa seleção tinha ocorrido no período anterior ao da coleta de dados e não haveria mais convocação naquele ano.

O questionário também foi alocado na plataforma *Google Docs* para a sua aplicabilidade de forma *on line*, visando maior abrangência de atletas pertencentes às seleções brasileiras de diferentes gerações, principalmente àqueles que já encerraram sua carreira como atletas. Tendo em vista a impossibilidade de encontros presenciais com as seleções adultas, diante da preparação e da participação nos Jogos Olímpicos, o questionário *on line* foi enviado via correio eletrônico para estes atletas também.

Os questionários *on line* foram encaminhados aos e-mails pessoais dos atletas das seleções sub23 masculina (n=20), adulta feminina (n=18), adulta masculina (n=21) e atletas que já encerraram a carreira esportiva (n=70) em duas ocasiões, visando aumentar o número de respostas. Porém, as respostas recebidas via *on line* corresponderam a 18,6% dos questionários enviados, totalizando quatro atletas adultas femininas, um atleta adulto masculino e 19 atletas masculinos que já encerraram a carreira. Assim, um resumo do total de atletas que responderam ao questionário é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3. Questionários respondidos de acordo com as categorias.

<b>Categoria</b>	<b>Questionários aplicados/enviados</b>	<b>Questionários respondidos</b>
<b>Questionários presenciais</b>	n	n (%)
Sub18 feminina	18	18 (100%)
Sub19 masculina	19	19 (100%)
Sub20 feminina	22	22 (100%)
Sub21 masculina	19	19 (100%)
Sub23 feminina	19	19 (100%)
<b>Total</b>	<b>97</b>	<b>97 (100%)</b>
<b>Questionários on line</b>		
Sub23 masculina	20	0 (0%)
Adulta feminina	18	4 (22,2%)
Adulta masculina	21	1 (4,8%)
Atletas aposentados	70	19 (27,1%)
<b>Total</b>	<b>129</b>	<b>24 (18,6%)</b>
<b>Total geral</b>	<b>226</b>	<b>121 (53,5%)</b>

Fonte: A autora.

De maneira geral, foram obtidas respostas de 121 atletas de diferentes categorias, totalizando 53,5% dos questionários aplicados, sendo que os questionários aplicados presencialmente tiveram 100% de respostas obtidas. Todos os dados obtidos a partir do questionário foram categorizados e analisados de acordo com os procedimentos específicos, considerando os objetivos e as características dos dados.

### 3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, os dados provenientes da validade de conteúdo do questionário foram agrupados e registrados em planilhas de dados do programa Excel para posterior cálculo do índice de validade de conteúdo. O Índice de Validade de Conteúdo (IVC) utilizado no estudo foi determinado por Aiken (AIKEN, 1985) a partir da equação

modificada por Penfield e Giacobbi (2004) e com o auxílio do Programa *Visual Basic 6* desenvolvido por Merino e Livia (2009). O IVC tem uma magnitude que vai de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1 maior a correlação entre duas variáveis. Os valores mínimos aceitáveis são fixos e determinados a partir do número de avaliadores *experts* ou do número de questões do instrumento, que no presente estudo foi de 0,69;  $p=0,041$  para o número de avaliadores e de 0,75;  $p=0,006$  para o número de itens do instrumento (AIKEN, 1985).

A equação algebricamente modificada de Penfield e Giacobbi (2004) para o cálculo do índice ( $V$ ) considera a média das qualificações dos avaliadores *experts* ( $\bar{X}$ ), a qualificação mais baixa ( $l$ ) e o intervalo de possíveis respostas da escala ( $k = \text{máximo} - \text{mínimo}$ ), no caso do presente estudo,  $K=5-1=4$ .

$$V = \frac{\bar{X} - l}{k}$$

O cálculo do IVC foi realizado com o auxílio do programa informático *Visual Basic 6*, que fornece os valores de  $V$  e permite a obtenção de Intervalos de Confiança (IC) a 90%, 95% e 99%. No presente estudo, optou-se pela utilização do intervalo de 95%, tendo em vista a recomendação para os estudos na área das Ciências Sociais (MERINO; JOSÉ LIVIA, 2009).

A confiabilidade do instrumento foi determinada a partir da verificação da estabilidade do instrumento a partir do método de teste-reteste e da consistência interna ( $\alpha$  de *Cronbach*) (CARRETERO-DIOS; PÉREZ, 2005; DROST, 2011). Os dados do teste-reteste foram analisados a partir da correlação de *Spearman* para variáveis não paramétricas, o que permitiu verificar estabilidade temporal do instrumento (DROST, 2011; HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; BAPTISTA-LUCIO, 2014). A consistência interna define o quanto um conjunto de itens mede um comportamento ou característica particular no teste, com estimativas de confiabilidade baseadas nas intercorrelações médias entre todos os itens individuais (DROST, 2011) e que foi obtida a partir do cálculo do coeficiente *Alpha* de *Cronbach* (CRONBACH, 1951). Em ambos cálculos foi utilizado o pacote estatístico SPSS versão 23, adotando-se o nível de significância de 5% ( $p<0,05$ ).

Na sequência, os dados brutos provenientes do questionário foram registrados em planilha de cálculo no Programa Excel e organizados de acordo com o quadro de variáveis elaborado a partir das informações fornecidas pelos atletas (APÊNDICE B). Na sequência,

foram categorizados e alocados em planilhas do Programa SPSS, versão 23, para viabilizar as análises a partir dos recursos da estatística descritiva e também inferencial, visando a descrição e a comparação dos dados coletados. Para o atendimento de cada objetivo específico, foram utilizados dados e análises específicas, dependendo da característica dos dados (Quadro 4). O nível de significância adotado em todos os testes foi de 5% ( $p < 0,05$ ).

Quadro 4. Testes estatísticos utilizados em cada estudo empírico.

<b>Objetivos</b>	<b>Variáveis</b>	<b>Análise estatística</b>
Verificar o envolvimento de atletas de elite do voleibol brasileiro com atividades físicas e esportivas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• horas de atividades de prática deliberada;</li> <li>• horas de jogo deliberado;</li> <li>• estágios da formação.</li> </ul>	Teste de Levene; Transformação Box Cox; Modelo Linear Geral – ANOVA com Post Hoc de Bonferroni.
Identificar a existência de diferenças entre os sexos no processo de formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quantidade de atividades de prática deliberada;</li> <li>• quantidade de jogo deliberado;</li> <li>• sexo;</li> <li>• estágios da formação</li> </ul>	Qui-quadrado com resíduo ajustado e coeficiente V de Cramer.
Verificar o nível de incentivo dos agentes sociais percebido por atletas de elite do voleibol brasileiro em cada estágio da formação esportiva, relacionado a cada grupo de agentes sociais e de acordo com o sexo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• tipo de atividade;</li> <li>• agentes sociais;</li> <li>• nível de incentivo;</li> <li>• estágios da formação.</li> </ul>	Qui-quadrado com resíduo ajustado e coeficiente V de Cramer.
Identificar a influência dos contextos durante a formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, a partir da distribuição geográfica e dos locais de prática de atividades físicas e esportivas;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• locais de prática;</li> <li>• estágios da formação;</li> <li>• sexo;</li> <li>• categoria;</li> <li>• tamanho da cidade;</li> <li>• macrorregiões demográficas.</li> </ul>	Regressão Logística Multinomial

Fonte: A autora.

Para atender ao objetivo específico de avaliar as horas de envolvimento com as atividades, inicialmente, foi realizada uma análise descritiva para identificação e exclusão dos casos *outliers* (valores extremos e atípicos), totalizando 102 casos filtrados para as análises estatísticas. Os valores de média e desvio padrão das horas de envolvimento em atividades de jogo e prática deliberada foram determinados em cada estágio da formação esportiva, assim como uma análise exploratória foi realizada para verificar a homogeneidade de variâncias a partir do *Teste de Levene* (FIELD, 2009). As variáveis que não apresentaram homogeneidade de variâncias foram transformadas a partir da prova de *Box Cox* (BOX; COX, 1964), com valor de transformação de 0,275. Finalmente, a análise comparativa dos dados foi realizada a partir da análise de variâncias de dois fatores com medidas repetidas (*Modelo Linear Geral – ANOVA*) e do *Teste de Post-Hoc* com ajuste de intervalo de *Bonferroni*, adotando-se o nível de significância de 5% ( $p < 0,05$ ).

Os níveis de significância foram analisados com a quantificação da potência ( $\phi$ ) e do tamanho do efeito (*eta-square values -  $\eta^2$* ), o que permite compreender adequadamente os resultados de tais análises e constitui uma prova mais relevante para a validade do estudo (CÁRDENAS; ARANCIBIA, 2014). Enquanto que estimar o tamanho do efeito responde à magnitude das diferenças encontradas no estudo, a potência estatística responde ao grau de validade que possuem os resultados da investigação (COHEN, 1992; FIELD, 2009; GRISSOM; KIM, 2012). Todas as análises foram realizadas com o auxílio do programa estatístico SPSS, versão 23.

Na sequência, para atender ao objetivo específico de verificar as diferenças entre os sexos, as informações sobre as atividades foram agrupadas e codificadas de acordo com as características do grupo investigado, como demonstrado no Quadro 5. Tais categorias foram criadas, levando em consideração o tipo de atividade praticada e a sua relação com o voleibol (modalidade alvo no estudo), tendo em vista a importância da aquisição de amplo repertório motor proporcionado pelas vivências em diferentes atividades (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORD, 2009) e a relevância da prática esportiva específica em busca do desenvolvimento da *performance* (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993).



Quadro 5. Categorização das variáveis do estudo sobre a diferença entre OS SEXOS.

	<b>Anos de diversificação</b>	<b>Anos de especialização</b>	<b>Anos de investimento</b>
<b>Atividades de jogo deliberado</b>	1) Nenhuma; 2) Voleibol e/ou outras; 3) Outras atividades.	1) Nenhuma; 2) Voleibol e/ou outras; 3) Outras atividades.	1) Nenhuma; 2) Voleibol e outras; 3) Outras atividades.
<b>Atividades de prática deliberada</b>	1) Nenhuma; 2) Somente Voleibol; 3) Voleibol e outras; 4) Outras atividades.	1) Nenhuma; 2) Somente Voleibol; 3) Voleibol e outras; 4) Outras atividades.	1) Somente voleibol; 2) Voleibol e outras.
<b>Sexo</b>	1) Feminino 2) Masculino		

Fonte: A autora.

A análise descritiva foi realizada a partir da distribuição das frequências de cada tipo de atividade e sexo, cujos resultados são apresentados em gráficos comparativos. A análise inferencial foi baseada no teste Qui-quadrado para verificar a associação entre as variáveis categóricas, considerando a comparação entre a frequência observada e a frequência esperada ao acaso, além da determinação dos Resíduos Ajustados ( $RA > |1,96|$ ) para identificar as associações significativas específicas. O coeficiente V de Cramer foi calculado para determinar o grau de associação entre as variáveis categóricas e a estimativa do tamanho do efeito do teste (FIELD, 2009). Todos os testes foram realizados a partir do programa estatístico *SPSS for Windows*, versão 23, adotando-se o nível de significância de 5% ( $p < 0,05$ ).

Os dados coletados acerca das relações interpessoais também foram cadastrados em planilhas de cálculos e agrupados em categorias para análise (Quadro 6), visando atender ao penúltimo objetivo específico. A análise descritiva foi realizada por meio da frequência relativa dos dados, tendo em vista que, quando os atletas não realizavam determinado tipo de atividade, não citavam níveis de incentivo percebidos. As análises inferenciais buscaram estimar a associação entre as variáveis a partir dos testes Qui-quadrado e V de Cramer e foram interpretadas por meio dos Resíduos Ajustados ( $RA > |1,96|$ ) das tabelas de contingência (FIELD, 2009).

Quadro 6. Categorização das variáveis do estudo acerca do nível de incentivo.

Variável	Categorização	Dados
<b>Estágios da formação</b>	1) Anos de diversificação	Faixa etária até 12 anos
	2) Anos de especialização	Faixa etária de 13 a 15 anos
	3) Anos de investimento	Faixa etária de 16 a 18 anos
<b>Agentes sociais</b>	1) Pais/familiares	Pais e familiares
	2) Professores/treinadores	Professores e treinadores
	3) Amigos	Amigos
<b>Nível de incentivo</b>	1) Baixo incentivo	Muito baixo, baixo e médio
	2) Alto incentivo	Alto e Muito alto
<b>Tipo de atividade</b>	1) Voleibol	Voleibol
	2) Outras atividades	Outras atividades

Fonte: A autora.

Os dados obtidos a partir das questões relacionadas aos contextos de prática esportiva foram cadastrados em planilhas de cálculos e agrupados em categorias para análise a partir da frequência bruta, relativa e análises estatísticas, visando atender ao último objetivo específico. Os dados foram categorizados de acordo com o sexo, os estágios da formação esportiva (CÔTÉ, 1999), as categorias esportivas, o tamanho das cidades e as macrorregiões demográficas (Quadro 7).

Quadro 7. Categorização das variáveis do estudo acerca do contexto esportivo.

Variável	Categorização	Dados
<b>Sexo</b>	1) Feminino	Feminino
	2) Masculino	Masculino
<b>Estágios da formação esportiva</b>	1) Anos de diversificação	Faixa etária até 12 anos
	2) Anos de especialização	Faixa etária de 13 a 15 anos
	3) Anos de investimento	Faixa etária de 16 a 18 anos
<b>Categorias esportivas</b>	1) Infanto-juvenil	Categorias sub18 e sub19
	2) Juvenil	Categorias sub20 e sub21
	3) Adulta	Categoria adulta e sub23
	4) Aposentados	Já encerraram a carreira esportiva como atletas
<b>Tamanho das cidades</b>	1) Pequeno porte	Até 99.999 hab.
	2) Médio porte	De 100 mil a 499.999 hab.
	3) Grande porte	De 500 mil a 999.999 hab.
	4) Metrópole	Mais de 1 milhão de hab.
<b>Macrorregiões demográficas</b>	1) Região Norte	Estados de RO, AC, AM, RR, PA, AP, TO
	2) Região Nordeste	Estados de MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA
	3) Região Sudeste	Estados de MG, ES, RJ, SP
	4) Região Sul	Estados de PR, SC, RS
	5) Região Centro-oeste	Estados de MS, MT, GO, DF
	6) Exterior	Locais fora do Brasil

Fonte: A autora.

Os dados acerca do tamanho das cidades foram obtidos na página eletrônica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir do último Censo Demográfico oficial, realizado no ano de 2010. A categorização dos dados ocorreu a partir da consulta a outros estudos realizados na área (CÔTÉ et al., 2006; HANCOCK et al., 2017), mas principalmente de acordo com as particularidades do Brasil e categorizações já utilizadas em estudos sociais (SOARES, 1999; STAMM et al., 2013).

A análise estatística inferencial dos dados foi realizada por meio da Regressão Logística Multinomial do Programa *SPSS for Windows*, adotando-se o nível de significância de 5%. Utilizou-se como variável principal (dependente) o local de prática esportiva, associado às variáveis (independentes) estágio de formação, sexo, categoria, tamanho da cidade e macrorregiões sociodemográficas.

### 3.6 CUIDADOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa de onde derivou o presente estudo foi analisado e autorizado pela Confederação Brasileira de Voleibol (ANEXO A) e, na sequência, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil, sendo aprovado sob o parecer número 1.450.060/2016 (ANEXO B). Os atletas estavam cientes dos objetivos e dos propósitos da pesquisa e concordaram em participar do estudo a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (no caso dos atletas maiores de 18 anos) (APÊNDICE C). Os atletas menores de 18 anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D) acompanhado da assinatura do Termo de Consentimento pelos seus responsáveis (APÊNDICE E).

### 3.7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Assim como outros estudos que buscam informações a partir de um processo recordatório, alguns dados podem não representar com precisão os acontecimentos do passado, porém ainda se constitui na melhor forma de conhecer os aspectos significantes e com determinada persistência temporal na trajetória dos indivíduos. No caso específico do IAFEV (questionário), por centrar-se em momentos específicos da formação esportiva, algumas informações podem ser esquecidas ou confundidas, fato que não afeta a visão global dos aspectos relevantes da formação.

O acesso aos atletas das categorias de base e adultas dependiam do calendário de convocações de cada seleção específica. Assim, não foi possível coletar os dados *in loco* de uma categoria de base (sub-23 masculina) e de ambas seleções da categoria adulta. Especificamente relacionada às seleções adultas, não foi autorizada a realização da pesquisa antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016, em virtude da preparação

e da concentração para este importante evento. Após o período olímpico, os atletas entraram em período de férias e posterior volta a seus clubes de origem, impossibilitando encontros presenciais com estes atletas. A coleta de dados por meio de recursos *on line* pode ser considerado um fator limitador quando se trata da dificuldade de obtenção de elevado número de respostas, porém possibilitou a obtenção de informações de atletas de diferentes gerações do voleibol brasileiro, residentes em diferentes cidades do Brasil. Apesar do número limitado de atletas participantes do estudo, o foco esteve concentrado na elite do voleibol brasileiro, sendo possível identificar algumas características acerca do envolvimento com atividades físicas e esportivas, influências das relações e dos contextos de prática em cada estágio da formação esportiva desses atletas.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa sessão são apresentados os resultados e a respectiva discussão dos dados obtidos no estudo, sendo a primeira relacionada à construção e à validação do instrumento de medida e, na sequência, a apresentação dos resultados e da discussão a partir dos objetivos específicos estabelecidos para o estudo. Assim, são abordados, inicialmente, os dados do estudo instrumental, em que são apresentados os aspectos relevantes acerca da construção do instrumento e do seu respectivo processo de validação.

Na sequência, os resultados e a respectiva discussão dos dados empíricos são apresentados em forma de tópicos, os quais abordam, sequencialmente, os três elementos dinâmicos da formação esportiva. No primeiro tópico, são apresentados os dados relacionados com o envolvimento em atividades de prática deliberada e de jogo deliberado realizado pelos atletas nos três estágios da formação esportiva. No segundo tópico, o objetivo do estudo foi comparar engajamento pessoal com atividades físicas e esportivas entre os sexos, relacionado a cada tipo de atividade em cada estágio da formação esportiva. O terceiro tópico traz os dados das questões que abordaram as relações interpessoais, por meio da verificação do nível de incentivo dos agentes sociais à formação esportiva dos atletas. Por fim, o último tópico abordou os dados relacionados aos contextos de prática esportiva, mais especificamente as variáveis que interferem na determinação dos locais de prática de atividades físicas e esportivas, bem como a influência dos contextos relacionados ao efeito do local de nascimento na formação esportiva.





#### 4.1 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO ESPORTIVA NO VOLEIBOL

A análise do processo de formação esportiva de atletas de sucesso pode revelar aspectos que favoreçam a formação de novos atletas para o alto rendimento, bem como de praticantes e pessoas envolvidas com o esporte nas suas diferentes manifestações. Todavia, a coleta de informações desta natureza depende da utilização de instrumentos que possibilitem a obtenção de dados confiáveis e adequados ao que se pretende verificar. Nesse contexto, os instrumentos utilizados para tais fins devem seguir um processo que vai desde a construção de suas dimensões e componentes até a verificação de sua validade e confiabilidade (POLIT; BECK, 2003; DROST, 2011; HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; BAPTISTA-LUCIO, 2014) antes que seja aplicado na população alvo.

Os instrumentos utilizados para a verificação dos diferentes aspectos da formação esportiva tratam-se, em sua maioria, de entrevistas com análises qualitativas, questionários que buscam informações específicas ou demasiado abrangentes, os quais não atendem a análise da formação esportiva a partir da abordagem de seus elementos dinâmicos. Assim, tendo em vista a ausência, na literatura consultada, de um instrumento para coleta de informações que abranja os elementos dinâmicos da formação esportiva nos seus diferentes estágios, buscou-se construir e verificar a validade de conteúdo e a confiabilidade do Instrumento de Análise da Formação Esportiva no Voleibol (IAFEV), elaborado a partir dos elementos dinâmicos propostos por Côté et al. (2014) e Côté et al. (2016) e dos estágios da formação esportiva destacados por Côté (1999).

Para tanto, foram estabelecidos os componentes e as questões do instrumento e posteriormente verificou-se a validade de conteúdo a partir da avaliação de *experts* e a sua confiabilidade a partir da análise da consistência interna e da estabilidade do instrumento, como indicado na literatura específica da área (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2009; DROST, 2011; HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; BAPTISTA-LUCIO, 2014). Métodos similares foram utilizados em um grande número de estudos que se referem à construção e à validação de instrumentos de pesquisa como questionários (CASTEJÓN-OLIVA; SANTOS-PASTOR; PALACIOS-PICOS, 2015; LUCENA-SANTOS et al., 2017; MANCHOLA-GONZÁLEZ; BAGUR-CALAFAT; GIRABENT-FARRÉS, 2017); entrevistas (GARCÍA-MARTÍN; ANTÚNEZ; IBÁÑEZ, 2016);

ROBLES RODRÍGUEZ et al., 2016); escalas (LIMA et al., 2016) e sistemas de observação (COLLET et al., 2011; FOLLE et al., 2014; VILLAREJO et al., 2014; GARCÍA-MARTÍN; ANTÚNEZ; IBÁÑEZ, 2016).

#### **4.1.1 Processo de construção do IAFEV**

O questionário foi construído, inicialmente, a partir da consulta a literatura específica acerca dos elementos dinâmicos da formação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016), no que tange ao envolvimento em atividades físicas e esportivas, às relações interpessoais e às influências dos agentes sociais mais próximos, bem como a inserção em contextos adequados de prática. Além disso, foram utilizados como base protocolos de entrevistas de outros estudos que abordavam alguns aspectos específicos da formação esportiva (CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005; COUTINHO, 2014).

O questionário está dividido em duas partes: a primeira aborda informações acerca dos dados sociodemográficos dos atletas, como sexo, data e local de nascimento, escolaridade, bem como informações sobre local onde passou a infância e a adolescência, sobre o início do envolvimento com o voleibol sistematizado, as funções do voleibol em que atua e atuou e o nível das competições internacionais em que participou. A segunda parte foi subdividida a partir dos três estágios da formação esportiva (CÔTÉ, 1999): anos de diversificação (até 12 anos); anos de especialização (de 13 a 15 anos) e anos de investimento (de 16 a 18 anos), visando facilitar o processo recordatório dos atletas. Em cada faixa etária, as questões versavam sobre os elementos dinâmicos, relacionados às características das atividades realizadas, às relações de incentivo e aos contextos em que aconteciam. Após sua estruturação, o questionário foi enviado para avaliação de *experts* na área do desenvolvimento esportivo.

#### **4.1.2 Processo de validação de conteúdo do IAFEV**

O processo de validação de instrumentos, por meio da avaliação de *experts*, realizado no presente estudo também tem sido utilizado em estudos relacionados à formação esportiva (WEISS; BOLTER; KIPP, 2014; GARCÍA-MARTÍN; ANTÚNEZ; IBÁÑEZ, 2016; ROBLES

RODRÍGUEZ et al., 2016; CRONIN; ALLEN, 2017). Esse método descreve o grau em que um instrumento realmente mede a variável de interesse, de acordo com *experts* no tema (ESCOBAR-PÉREZ; CUERVO-MARTÍNEZ, 2008; HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; BAPTISTA-LUCIO, 2014).

As indicações sobre a quantidade de avaliadores variam de acordo com os autores (ESCOBAR-PÉREZ; CUERVO-MARTÍNEZ, 2008), dependendo da característica do instrumento e dos objetivos a serem alcançados. No presente estudo, foram utilizadas as avaliações de 12 avaliadores *experts*, o que se considera satisfatório (em torno de 10) para estudos dessa natureza (ESCURRA, 1988; HYRKÁS; APPELQVIST-SCHMIDLECHNER; OKSA, 2003), e semelhante ao número de avaliadores utilizados nos estudos de Collet et al. (2011), Folle et al. (2014), García-Martín et al. (2016), Robles-Rodríguez et al. (2016) e Villarejo et al. (2014). A seleção dos avaliadores ocorreu a partir de critérios relacionados à qualificação, à experiência, às publicações, à acessibilidade, à imparcialidade e ao reconhecido conhecimento (SKJONG; WENTWORTH, 2001; ESCOBAR-PÉREZ; CUERVO-MARTÍNEZ, 2008). Os avaliadores selecionados atenderam a pelo menos 5 dos 6 critérios de seleção, corroborando com a recomendação de que os avaliadores devem cumprir, pelo menos, 80% dos critérios estabelecidos (VOUTILAINEN; LIUKKONEN, 1995).

Os avaliadores selecionados receberam os questionários, via correio eletrônico, juntamente com uma carta-convite para participação, contendo as explicações e os objetivos da pesquisa. Caso concordassem, deveriam atribuir um valor na escala de 1 a 5 (avaliação quantitativa) para as dimensões da clareza de linguagem, da pertinência prática e da relevância teórica de seu conteúdo (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2009), bem como fornecer sugestões (avaliação qualitativa) se assim desejassem. Os procedimentos utilizados para verificar a validade do IAFEV a partir da sua adequação nessas dimensões também foram utilizados em estudos de Collet et al. (2011), Folle et al. (2014), Lima et al. (2016), Lucena-Santos et al. (2017) e Saldanha et al. (2015).

Os dados provenientes da avaliação quantitativa das dimensões de cada questão foram agrupados e calculados para a determinação do índice de validade de conteúdo V de Aiken (AIKEN, 1985), que fornece uma estimativa da qualidade do conteúdo do instrumento. Assim, os resultados do processo de validação do IAFEV estão descritos na

Tabela 4, a qual apresenta os dados da validação de conteúdo (V de Aiken e IC 95%), no que se refere à clareza de linguagem, à pertinência prática e à relevância teórica de cada uma das questões do instrumento.

Tabela 4. Índices de Validade de Conteúdo V de Aiken e Intervalos de Confiança de 95%.

	Clareza de linguagem			Pertinência prática			Relevância teórica			V Total
	IC95%			IC95%			IC95%			
	V	Mín	Máx	V	Mín	Máx	V	Mín	Máx	
Parte 1	0,94	0,83	0,98	0,92	0,80	0,97	0,94	0,83	0,98	0,93
Questão 1	0,94	0,83	0,98	0,90	0,78	0,95	0,85	0,73	0,93	0,90
Questão 2	0,96	0,86	0,99	0,90	0,78	0,95	0,88	0,75	0,94	0,91
Questão 3	0,92	0,80	0,97	0,90	0,78	0,95	0,88	0,75	0,94	0,90
Questão 4	0,90	0,78	0,95	0,90	0,78	0,95	0,90	0,78	0,95	0,90
Questão 5	0,94	0,83	0,98	0,92	0,80	0,97	0,92	0,80	0,97	0,93
Questão 6	0,96	0,86	0,99	0,90	0,78	0,95	0,88	0,75	0,94	0,91
Questão 7	0,92	0,80	0,97	0,92	0,80	0,97	0,90	0,78	0,95	0,91
Questão 8	0,90	0,78	0,95	0,90	0,78	0,95	0,90	0,78	0,95	0,90
Questão 9	0,94	0,83	0,98	0,92	0,80	0,97	0,92	0,80	0,97	0,93
Questão 10	0,96	0,86	0,99	0,85	0,73	0,93	0,83	0,70	0,91	0,88
Questão 11	0,92	0,80	0,97	0,92	0,80	0,97	0,90	0,78	0,95	0,91
Questão 12	0,90	0,78	0,95	0,90	0,78	0,95	0,90	0,78	0,95	0,90
<b>Total</b>	<b>0,93</b>	<b>0,82</b>	<b>0,96</b>	<b>0,90</b>	<b>0,78</b>	<b>0,96</b>	<b>0,89</b>	<b>0,77</b>	<b>0,95</b>	<b>0,91</b>

Fonte: A autora.

Todos os IVC determinados pelo V de Aiken foram maiores que os pontos de corte estabelecido pela literatura (AIKEN, 1985), tanto no que se refere ao número total de avaliadores ( $V > 0,69$ ,  $p = 0,041$ ), quanto ao número de itens ( $V > 0,75$ ,  $p = 0,006$ ), indicando um alto índice de validade do instrumento. De maneira geral, o IVC do questionário foi de 0,91. Os valores de V de Aiken nas dimensões (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica) da validação de cada questão variaram entre 0,83 a 0,96, indicando que os avaliadores consideraram esta ferramenta adequada ao que se propõe. Esses valores foram similares ao encontrados nos estudos de García-Martín et al. (2016) e de Villarejo et al. (2014), os quais encontraram valores V de Aiken acima de 0,79 e 0,85, respectivamente.

De acordo com Escurra (1988), esse índice é o mais adequado para determinar a validade de conteúdo, pois permite obter valores estatísticos segundo o tamanho da amostra. Além disso, é amplamente utilizado em estudos sobre validação de instrumentos (VILLAREJO et al., 2014; GARCÍA-MARTÍN; ANTÚNEZ; IBÁÑEZ, 2016; ROBLES RODRÍGUEZ et al., 2016; GONZÁLEZ et al., 2017). Ferramentas de cálculos de coeficientes diversos são utilizados para facilitar a sua execução, buscando descartar as possibilidades de erros, os quais podem ocorrer quando calculados manualmente. No caso do coeficiente V de Aiken, o programa *Visual Basic 6* (MERINO; JOSÉ LIVIA, 2009) permite a obtenção dos valores a partir da equação algebricamente modificada (PENFIELD; GIACOBBI, 2004), bem como os intervalos de confiança a 90%, 95% e 99%. Os coeficientes de todas as questões do instrumento cumprem valores acima do valor de referência exato para o nível crítico aceitável, considerando o número de avaliadores ( $V > 0,69$ ;  $p = 0,041$ ) determinado por Aiken (1985).

Uma vez obtido os valores quantitativos das avaliações, levou-se em consideração as avaliações qualitativas, a partir dos comentários e das sugestões fornecidas por eles para cada questão e para o instrumento de uma forma geral. Todas as sugestões foram analisadas especificamente e em conjunto, as quais foram acatadas e acrescentadas ou alteradas no questionário. A principal sugestão foi a inclusão de uma questão acerca das atividades realizadas durante as aulas de Educação Física escolar, para que os atletas pudessem indicar o quanto essas atividades influenciam no seu interesse e desenvolvimento esportivo. Tal sugestão foi acatada, tendo em vista que as aulas de Educação Física se constituem de momentos propícios para o desenvolvimento integral do ser humano a partir do seu envolvimento com atividades físicas e esportivas (FLINTOFF; FOSTER; WYSTAWNOHA, 2011; GONZÁLEZ et al., 2017).

#### **4.1.3 Confiabilidade do IAFEV**

No que diz respeito à análise da confiabilidade do instrumento, realizada pelo método teste-reteste, os dados da correlação entre as duas aplicações indicaram altos níveis de estabilidade em todas as questões do instrumento. Na Tabela 5 são apresentados os resultados correspondentes à confiabilidade do IAFEV, a partir da estabilidade e da consistência interna de cada item. Observa-se que 77 dos 78 itens do instrumento têm estabilidade significativa ( $p < 0,05$ ), sendo que 67

apresentaram correlação acima de 0,70 e 61 acima de 0,80. Observou-se também alta consistência interna, pois 77 dos 78 itens têm valor superior a 0,70 ( $\alpha > 0,70$ ).

Tabela 5. Dados referentes à estabilidade e à consistência interna dos itens de cada questão do instrumento.

	Anos de diversificação (até 12 anos)			Anos de especialização (13 a 15 anos)			Anos de investimento (16 a 18 anos)		
	Questão 1			Questão 5			Questão 9		
	rho	p	A	rho	p	$\alpha$	rho	p	$\alpha$
A	0,783*	0,002	0,884	0,584*	0,022	0,793	0,624*	0,04	0,789
B	0,895**	0,000	0,948	1**	0,000	1	0,856**	0,001	0,940
C	1**	0,000	1	1**	0,000	0,975	1**	0,000	1
D	0,732*	0,002	0,960	1**	0,000	1	1**	0,000	1
E	0,752**	0,001	0,787	1**	0,000	0,960	1**	0,000	1
	Questão 2			Questão 6			Questão 10		
	rho	p	A	rho	p	$\alpha$	rho	p	$\alpha$
A	1**	0,000	1	0,916**	0,000	0,968	1**	0,000	1
B	0,999**	0,000	0,998	1**	0,000	0,988	0,908**	0,000	0,992
C	1**	0,000	1	0,967**	0,000	0,905	1**	0,000	1
D	0,925**	0,000	0,959	0,737*	0,002	0,926	0,867**	0,001	0,949
E	0,832**	0,000	0,962	0,690*	0,004	0,934	0,683*	0,020	0,718
F	0,949**	0,000	0,992	0,545*	0,036	0,717	0,801*	0,003	0,897
	Questão 3			Questão 7			Questão 11		
	rho	p	A	rho	p	$\alpha$	rho	p	$\alpha$
A	0,990**	0,000	0,981	0,865**	0,000	0,936	0,903**	0,000	0,963
B	1**	0,000	1	0,824**	0,000	0,883	0,627*	0,039	0,667
C	0,988**	0,000	0,985	0,699**	0,004	0,873	0,921**	0,000	0,987
D	0,902**	0,000	0,976	0,940**	0,000	0,981	0,997**	0,000	0,985
E	0,912**	0,000	0,966	0,935**	0,000	0,977	0,997**	0,000	0,994
F	0,968**	0,000	0,982	0,960**	0,000	0,981	0,935**	0,000	0,918
	Questão 4			Questão 8			Questão 12		
	rho	p	A	rho	p	$\alpha$	rho	p	$\alpha$
A	0,875**	0,000	0,933	1**	0,000	1	0,828*	0,002	0,906
B	1**	0,000	1	0,829**	0,000	0,904	0,671*	0,024	0,783
C	1**	0,000	1	0,875**	0,000	0,933	0,671*	0,024	0,800
D	1**	0,000	1	1**	0,000	1	0,671*	0,024	0,783
E	1**	0,000	1	1**	0,000	1	0,810*	0,003	0,894
F	0,983**	0,000	0,990	0,817**	0,000	0,941	0,539	0,087	0,716
G	0,993**	0,000	0,991	0,761**	0,001	0,920	0,873**	0,000	0,948
H	0,756**	0,001	0,848	1**	0,000	1	0,989**	0,000	0,977
I	0,878**	0,000	0,958	0,997**	0,000	0,989	0,992**	0,000	0,989

\* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,001$

Nota: rho- coeficiente de correlação de Spearman; p- nível de significância;  $\alpha$ - coeficiente de consistência interna.

Fonte: A autora.

Os valores da correlação teste-reteste estiveram em sua maioria, acima destes valores de referência e semelhantes aos estudos de Manchola-González et al. (2017) e Robles-Rodríguez et al. (2016). Esse método de verificação da estabilidade do instrumento corresponde à aplicação repetida de um teste ao mesmo grupo de respondentes após um intervalo de tempo (PRIETO; DELGADO, 2010; DROST, 2011). A interpretação do grau de correlação entre as duas aplicações depende da característica do teste, a partir das implicações das tomadas de decisão, porém, quando se trata de pesquisas sociais, é possível ter como aceitáveis os valores de estabilidade próximos e acima de 0,70 (PRIETO; DELGADO, 2010), ou acima de 0,80 (POLIT; BECK, 2003). O período de intervalo entre uma aplicação e outra pode ser um fator limitante para pesquisas dessa natureza, porém consiste em um método importante para a verificação da estabilidade do instrumento, para que se torne confiável (DROST, 2011).

A consistência interna também indica a confiabilidade de um instrumento de avaliação que no caso do presente estudo foi utilizado o Alpha de Cronbach, por ser um dos mais conhecidos e utilizados na área das Ciências Comportamentais (DROST, 2011). Os altos índices de consistência interna indicaram que o questionário apresenta coerência interna no estabelecimento dos itens, pois apresentaram valores próximos a 0,70 e muitos acima de 0,80. Outros estudos apresentaram valores semelhantes, com consistência interna geral de 0,838 (CASTEJÓN-OLIVA; SANTOS-PASTOR; PALACIOS-PICOS, 2015) e 0,83 (MANCHOLA-GONZÁLEZ; BAGUR-CALAFAT; GIRABENT-FARRÉS, 2017). Valores próximos a 0,70 são aceitáveis e considerados adequados, sendo que em níveis mais exigentes são esperados valores superiores à 0,80 (POLIT; BECK, 2003). Assim, tais dados atestam a consistência interna do questionário, pois determina o quão bem um grupo de itens mede um comportamento ou característica particular dentro do teste e é estabelecido a partir da intercorrelação média entre todos os itens (DROST, 2011).

Nessa perspectiva, o IAFEV mostrou-se um instrumento válido e cientificamente utilizável para a realização do presente estudo, tendo em vista que fornece, adequadamente, informações acerca da formação esportiva de atletas de voleibol.





## 4.2 ENVOLVIMENTO PESSOAL EM ATIVIDADES DE JOGO E PRÁTICA DELIBERADA NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL

Modelos de formação esportiva têm sido sugeridos no intuito de tornar adequado o envolvimento com o esporte, dentre eles o *Developmental Modelo of Sport Participation - DMSP* (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), usado como suporte para o presente estudo. De maneira geral, o modelo destaca a importância da vivência em diferentes esportes e da grande quantidade de atividades de jogo deliberado nos anos de diversificação, o início da inserção em atividades de prática deliberada, mesclando com atividades de jogo deliberado nos anos de especialização e, a partir dos anos de investimento, a participação mais intensa em atividade de prática deliberada, investindo-se esforços no aprimoramento de um esporte específico (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; ABERNETHY, 2012). Neste caso, a especialização inicia-se em torno dos 13 anos, após o envolvimento em distintas atividades de prática e jogo deliberado, enquanto o investimento aumenta o comprometimento com somente uma atividade de prática deliberada (CÔTÉ; ABERNETHY, 2012).

No contexto brasileiro, o voleibol tem se destacado a partir de conquistas em campeonatos internacionais e pelo alto nível de desempenho de seus atletas, despertando o interesse acerca de seu processo de formação esportiva. Tendo em vista a escassa informação publicada sobre o desenvolvimento de atletas do voleibol no Brasil, o presente estudo buscou verificar se as indicações de modelos internacionais se encaixam também no contexto brasileiro. Para tanto, analisou-se o envolvimento dos atletas com atividades físicas e esportivas, considerando a duração semanal do envolvimento em atividades de prática e de jogo deliberado durante os estágios de formação esportiva. As variáveis analisadas foram os estágios da formação esportiva e a duração (em horas por semana) de atividades de prática deliberada e de jogo deliberado.

### 4.2.1 Duração semanal do engajamento pessoal nas atividades

Ao analisar a duração semanal do envolvimento em atividades de jogo deliberado e de prática deliberada durante os estágios de

formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, constatou-se equilíbrio entre as horas de atividades de jogo e prática deliberada nos anos de diversificação e, posteriormente, um aumento significativo e gradativo nas horas de prática deliberada e, conseqüentemente, diminuição nas horas de jogo deliberado ao longo da formação esportiva. De maneira geral, a formação dos atletas de elite do voleibol brasileiro tem demonstrado grande variabilidade de características, sendo que algumas se aproximam e outras que se diferenciam de modelos internacionalmente difundidos.

Estudos têm sido realizados com o intuito de verificar o envolvimento com atividades de jogo e prática deliberada na formação esportiva de atletas de seleções nacionais de diferentes países (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003a; GULLICH, 2017) e de diferentes esportes coletivos (MEMMERT; BAKER; BERTSCH, 2010; VINK; RAUDSEPP; KAIS, 2015; FORSMAN et al., 2016). Além disso, pesquisas têm sido realizadas com atletas de modalidades como futebol (WARD et al., 2007; BERRY; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008; HENDRY; CROCKER; HODGES, 2014; HORNIG; AUST; GULLICH, 2016), hóquei no gelo (SOBERLAK; CÔTÉ, 2003), atletismo (CASADO-ALDA; RUIZ-PÉREZ, 2017) e voleibol (COUTINHO et al., 2016; MENDES, 2017). Tais estudos têm demonstrado como ocorre o processo de formação de atletas, demonstrando que as características culturais e contextuais de países e modalidades podem influenciar diretamente nesse processo.

No caso do presente estudo, os resultados revelaram aumento na duração em horas de atividades de prática deliberada no decorrer dos estágios da formação esportiva, ao mesmo tempo em que houve diminuição gradual da duração semanal no envolvimento com atividades de jogo deliberado, conforme sugerido pelo *DMSP*. A Tabela 6 demonstra a variação da duração de cada tipo de atividade, relacionada com os estágios da formação esportiva.

Tabela 6. Resultados descritivos e diferenças entre a duração de cada tipo de atividade em cada estágio da formação esportiva.

	Anos de diversificação		Anos de especialização		Anos de investimento		F	gl	gl	$\eta^2$	$\phi$
	M	DP	M	DP	M	DP					
Horas de prática deliberada	6,31	5,50	10,02	5,90	14,34	6,78	87.724**	1	90	0,465	1
Horas de jogo deliberado	6,79	5,61	4,12	5,27	1,62	2,96	66.688**	1	90	0,398	1

\* $p < 0,001$

Nota: M- média; DP- desvio padrão; F- variância; gl- graus de liberdade; p- nível de significância;  $\eta^2$ - tamanho do efeito;  $\phi$ - potência.

Fonte: A autora.

As diferenças entre os estágios da formação esportiva, tanto no aumento da quantidade de horas de prática deliberada ( $F=87.724$ ,  $p < 0,001$ ), quanto na diminuição das horas de jogo deliberado ( $F=66.668$ ,  $p < 0,001$ ), revelaram valores de potência ótimos para ambas as variáveis ( $\phi > 0,80$ ). No caso do tamanho do efeito, segundo Cárdenas et al. (2014), as horas de prática deliberada apresentam um tamanho de efeito grande ( $\eta^2 > 0,40$ ), enquanto as horas de jogo deliberado apresentaram um tamanho de efeito médio ( $\eta^2 > 0,25$ ).

As horas de envolvimento com o jogo deliberado podem ter influenciado positivamente na formação esportiva dos atletas investigados, tendo em vista que tais atividades favorecem o entusiasmo com o esporte, podendo levar a boas oportunidades para a posterior aquisição de habilidades específicas (MEMMERT; BAKER; BERTSCH, 2010; BAKER; YOUNG, 2014; CÔTÉ; ERICKSON, 2015). Tais atividades melhoram a percepção, a criatividade, a tomada de decisão e a motivação, sendo discriminantes entre grupos de *experts* e não *experts* (MEMMERT; BAKER; BERTSCH, 2010). Além disso, participar de diferentes esportes na fase inicial do envolvimento esportivo não prejudica a possibilidade de alcançar a *performance* de elite, pelo contrário, aumenta a participação e o comprometimento (DIOGO; GONÇALVES, 2014), o que pôde ser observado com os atletas de elite do voleibol brasileiro no presente estudo.

O envolvimento com a prática deliberada se constitui de atividades estruturadas voltadas para o desenvolvimento da *expertise*, iniciado nos anos de diversificação dos atletas brasileiros de voleibol.

Tais atividades requerem esforço e altos níveis de concentração, com características que diferenciam a prática deliberada de outras atividades como a *performance* de rotina ou atividades como jogos e brincadeiras dentro do domínio esportivo (ERICSSON; KRAMPE; TESCHROMER, 1993). No caso dos esportistas, as atividades de prática deliberada são reconhecidas como agradáveis, diferentemente do conceito original definido a partir de músicos *experts*, em que essas atividades não seriam inerentemente motivantes (BAKER; YOUNG, 2014; VINK; RAUDSEPP; KAIS, 2015). Estudos têm confirmado a relação positiva entre as horas de prática deliberada e a performance esportiva, destacando também a importância da união entre o jogo e a prática deliberada na formação de atletas (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003a; BERRY; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008; MEMMERT; BAKER; BERTSCH, 2010).

#### 4.2.2 Mudanças no decorrer dos estágios da formação esportiva

A quantidade de horas semanais de envolvimento com atividades de jogo e de prática deliberada deve mudar no decorrer da formação esportiva, segundo as orientações do *DMSP*. No caso do presente estudo, verificou-se mudanças nos padrões de envolvimento com cada tipo de atividade, apresentados na Tabela 7. A análise realizada por meio do teste de *Post Hoc* revelou diferenças específicas entre os estágios, quando consideradas as atividades de jogo e prática deliberada, sendo que todos apresentaram diferenças significativas entre si.

Tabela 7. Comparação entre os estágios da formação esportiva, considerando as horas de prática e jogo deliberado.

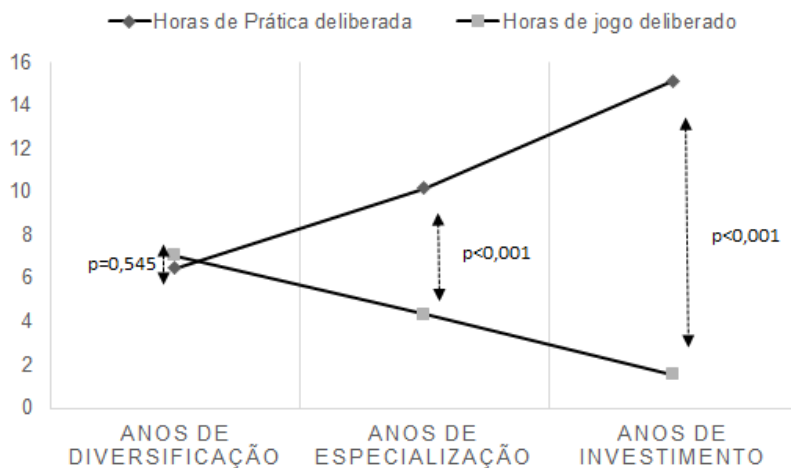
		Prática deliberada		Jogo deliberado	
		p	*	p	*
<b>Anos de diversificação</b>	Anos de especialização	0,000	**	0,000	**
	Anos de investimento	0,000	**	0,000	**
<b>Anos de especialização</b>	Anos de diversificação	0,000	**	0,000	**
	Anos de investimento	0,000	**	0,000	**
<b>Anos de investimento</b>	Anos de diversificação	0,000	**	0,000	**
	Anos de especialização	0,000	**	0,000	**

\*\*p<0,001

Fonte: A autora.

A Figura 4 representa graficamente a duração das atividades de jogo e prática deliberada ao longo dos estágios da formação esportiva, evidenciando-se que houve diferenças estatisticamente significativas entre a duração de jogo e de prática deliberada nos anos de especialização ( $p < 0,001$ ) e de investimento ( $p < 0,001$ ), o que não aconteceu nos anos de diversificação ( $p = 0,545$ ).

Figura 4. Variação na duração das atividades de prática e jogo deliberado ao longo dos estágios da formação esportiva.

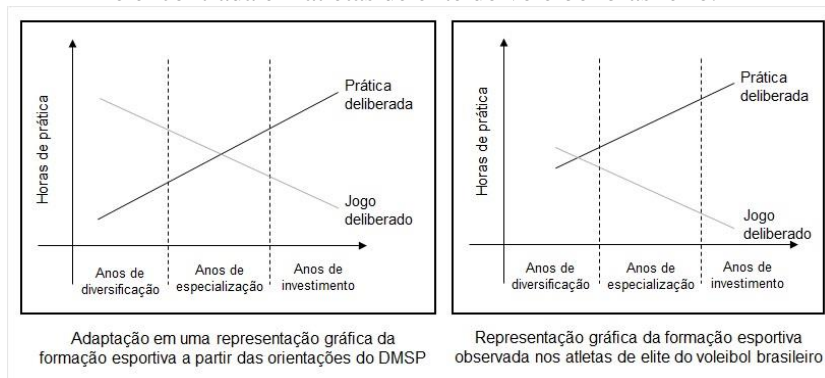


Fonte: A autora.

O aumento nas horas de prática deliberada e a diminuição das horas de jogo deliberado ao longo dos estágios da formação esportiva estão de acordo com as recomendações do *DMSP* e são semelhantes às identificadas em estudos com atletas canadenses de hóquei no gelo (SOBERLAK; CÔTÉ, 2003) e ingleses de futebol (FORD et al., 2009). Em contrapartida, os dados obtidos junto aos atletas brasileiros, acerca da quantidade de horas de prática e jogo dentro de cada estágio, foram diferentes, em alguns aspectos, das orientações do *DMSP*. Ao analisar os dados de cada estágio separadamente, observou-se equilíbrio nas horas de jogo e prática deliberada nos anos de diversificação, momento em que o modelo indica que haja maior número de horas de jogo em detrimento à prática deliberada. A Figura 5 representa graficamente as diferenças encontradas a partir de uma adaptação das orientações do

*DMSP* (esquerda) e de acordo com as informações obtidas junto aos atletas de elite do voleibol brasileiro (direita).

Figura 5. Representação gráfica da formação esportiva a partir do *DMSP* e encontrada em atletas de elite do voleibol brasileiro.



Fonte: A autora.

O *DMSP* indica que, durante a diversificação, os atletas devem se envolver predominantemente com atividades de jogo deliberado para que se forme uma sólida base de controle e diversificação motora, a partir de atividades que são intrinsecamente motivantes (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). No presente estudo, os atletas relataram envolvimento com atividades de jogo deliberado neste estágio, porém elas não foram significativamente predominantes, pois relataram também o envolvimento com a prática deliberada em diferentes modalidades no primeiro estágio. Resultados semelhantes foram encontrados com atletas de futebol (DIOGO; GONÇALVES, 2014), voleibol (MENDES, 2017) e de modalidades coletivas (FORSMAN et al., 2016), em que o envolvimento desde cedo com atividades estruturadas pode ter favorecido a familiarização com o processo de desenvolvimento da *performance*. A investigação realizada com atletas do esquadrão nacional da Alemanha revelou que aqueles que obtiveram sucesso cedo na carreira foram os que iniciaram sua especialização precocemente. Porém, os atletas que atingiram o nível internacional na idade adulta foram os que se especializaram mais tarde, em torno dos 14 anos (GULLICH; EMRICH, 2014).

As atividades lúdicas, presentes em equilíbrio com as atividades de treino no primeiro estágio, diminuíram gradativamente no segundo e terceiro estágios. Em contrapartida, houve aumento no tempo de

atividades de prática deliberada que buscavam o aperfeiçoamento esportivo. De acordo com as orientações do *DMS*, nos anos de especialização deve haver equilíbrio entre a participação em atividades de jogo e de prática deliberada, assim como possibilitar a escolha pela especialização em seu esporte favorito ou a continuação no esporte recreacional (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORTH, 2009). Porém, a predominância de horas de atividades de prática deliberada nesse estágio pode ter sido influenciadora no sucesso precoce e na convocação dos atletas das seleções mais jovens, que são maioria no presente estudo. Tais resultados também foram observados nos estudos com atletas finlandeses de futebol, hóquei no gelo e basquete (FORSMAN et al., 2016) e com atletas alemães de destaque nacional (GULLICH; EMRICH, 2014).

Nos anos de investimento, observou-se grande número de atividades de prática e poucas horas de jogo deliberado, correspondendo às indicações do modelo e se assemelhando aos resultados de estudos com atletas canadenses de hóquei no gelo (SOBERLAK; CÔTÉ, 2003), atletas portugueses e brasileiros de voleibol (COUTINHO et al., 2016; MENDES, 2017) e atletas australianos de distintas modalidades esportivas (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003b).

Alguns estudos realizados com atletas *experts* revelaram que há intensificação do envolvimento com as atividades de prática deliberada e com todo o contexto e situações que podem auxiliar no desenvolvimento da *performance*, como participar de competições, de treinamento individualizado e assistir vídeos de jogos e treinos (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003a; PAZO; SÁENZ-LÓPEZ; FRADUA, 2012), entre outros fatores determinantes para o alcance da *expertise* (SÁENZ-LÓPEZ et al., 2005). Nesse sentido, o treinamento estruturado, somado a outros fatores influenciadores, contribui para a formação de atletas de elite, tendo em vista que se constitui de um processo voltado para o desenvolvimento de habilidades para a *performance* esportiva, que culmina nos momentos de competição.

Nessa perspectiva, envolver-se com diferentes tipos de atividades pode contribuir para o desenvolvimento da *performance* esportiva. Porém, é preciso levar em consideração as características do esporte, os contextos e as oportunidades de prática, que também são importantes nesse processo. Existem diferenças específicas entre os países, dependendo de aspectos culturais e sociais, no que se refere ao desenvolvimento de programas esportivos (FORSMAN et al., 2016). No caso do Brasil, o processo de mercantilização do voleibol, iniciado nos

anos de 1980, permitiu contato com altos investimentos de patrocinadores e impulsionou o desenvolvimento da modalidade (MIRANDA et al., 2016), principalmente na região Sudeste, onde concentram-se os principais clubes formadores do país. A diversificação dentro do contexto brasileiro, em virtude da sua abrangência territorial e grandes desigualdades sociais, interfere diretamente na prática esportiva e no desenvolvimento de atletas, em que as oportunidades de alcance da *expertise* estão condicionadas à mobilidade para grandes centros urbanos.



#### 4.3 ENGAJAMENTO EM ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL: DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS

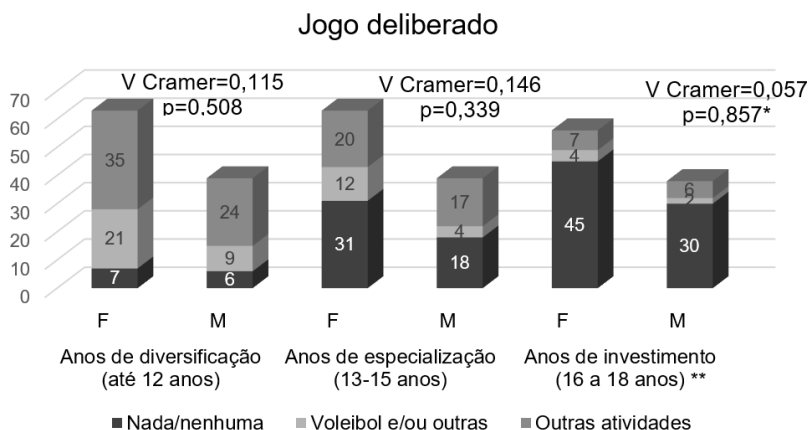
O engajamento em atividades físicas e esportivas é influenciado pelas escolhas dos indivíduos, pela motivação, pela cultura geral e esportiva, pelas oportunidades de prática, dentre outros fatores. Tendo em vista que muitos estudos têm destacado diferenças entre os sexos nos padrões de envolvimento com atividades físicas e esportivas (COAKLEY; WHITE, 1992; COUTINHO et al., 2014; GÓMEZ et al., 2015; EIME et al., 2016; TELFORD et al., 2016), buscou-se verificar a presença de tais diferenças em atletas de elite do voleibol brasileiro. Assim, as variáveis utilizadas para atingir este objetivo específico foram o tipo de atividade deliberada e o tipo de jogo deliberado em cada estágio da formação esportiva, considerando o sexo dos participantes.

Especificamente para esses resultados, foram utilizados somente os dados das seleções de base e adultas ( $n=102$ ; 63 feminino e 39 masculino), deixando de fora os dados dos atletas aposentados, em virtude de estes serem somente do sexo masculino, o que poderia gerar uma tendência e interferir nos resultados. Assim, ao analisar as associações entre as atividades de prática deliberada e jogo deliberado realizadas pelos atletas atuantes do voleibol brasileiro, considerando o sexo, observou-se que houve similaridade nas atividades realizadas entre os atletas do grupo feminino e do grupo masculino nos momentos de jogo deliberado. As maiores diferenças foram encontradas na prática de atividades estruturadas, principalmente no que diz respeito ao envolvimento com o voleibol no primeiro estágio da formação esportiva, apesar das diferenças diminuírem no decorrer dos demais estágios. Os resultados da comparação entre as atividades de jogo deliberado e de prática deliberada realizadas pelos atletas brasileiros de voleibol diferiram entre os sexos em alguns estágios da formação esportiva, principalmente no que diz respeito ao envolvimento com a modalidade específica. Enquanto o grupo feminino tinha média de idade de  $18,2\pm 3,2$  anos e relatou ter iniciado a prática sistematizada do voleibol aos  $12,41\pm 2,04$  anos, o grupo masculino possuía, em média,  $18,08\pm 2,74$  anos de idade e relatou se envolver mais intensamente com o voleibol a partir dos  $13,54\pm 1,98$  anos.

### 4.3.1 Envolvimento com o jogo deliberado

As atividades de jogo deliberado não apresentaram variações significativas entre os sexos, como demonstrado na Figura 6.

Figura 6. Atividades de jogo deliberado realizadas em cada estágio da formação esportiva e seu respectivo grau de associação (V Cramer).



\*Nível de significância observado com cautela, tendo em vista que mais de 20% da contagem esperada nas células foi menor que 5. Porém, as categorias foram mantidas para identificar as mudanças de comportamento dos atletas nesse estágio.

\*\*Dados de 94 atletas, tendo em vista que 8 atletas não tinham atingido a faixa etária para aquele estágio.

Fonte: A autora.

Os dados apresentaram similaridade na distribuição de frequências no tipo de atividade realizada de acordo com o sexo, tendo em vista que não foram observadas associações significativas entre estas variáveis nos anos de diversificação [ $X^2(2)=1,356$ ;  $p=0,508$ ], nos anos de especialização [ $X^2(2)=2,165$ ;  $p=0,339$ ] e nos anos de investimento [ $X^2(2)=0,308$ ;  $p=0,857$ ].

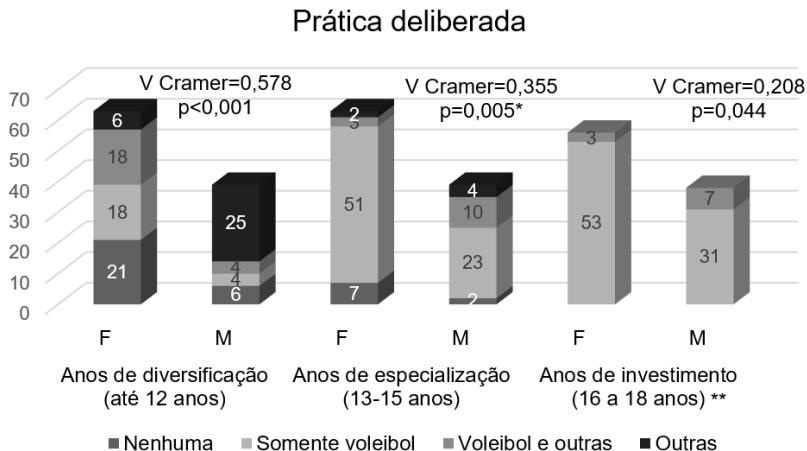
A atividades de jogo deliberado, como jogos e brincadeiras realizadas espontaneamente nos momentos de lazer, são fundamentais na aquisição de habilidades que auxiliarão no desenvolvimento esportivo (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; 2007). Nos atletas investigados, não foram observadas grandes diferenças entre os sexos no envolvimento com tais atividades, diferentemente de outros

estudos que encontraram maior participação esportiva entre os meninos (FREDRICKS; ECCLES, 2005; RODRÍGUEZ-HERNÁNDEZ et al., 2011; GÓMEZ et al., 2015; EIME et al., 2016; TELFORD et al., 2016). Tal fato pode estar relacionado com a característica das participantes femininas do estudo (atletas de elite), que podem apresentar tendência de maior interesse pelo esporte desde cedo em comparação às mulheres não atletas.

### 4.3.2 Envolvimento com a prática deliberada

No que diz respeito às atividades de prática deliberada (Figura 7), os dados do estudo demonstraram que há diferenças significativas entre os sexos nas atividades realizadas nos anos de diversificação [ $X^2(3)=34,034$ ;  $p<0,001$ ], nos anos de especialização [ $X^2(3)=12,874$ ;  $p=.005$ ] e nos anos de investimento [ $X^2(1)=4,064$ ;  $p=0,044$ ].

Figura 7. Atividades de prática deliberada realizadas em cada estágio da formação esportiva e seu respectivo grau de associação (V Cramer).



\*Nível de significância observado com cautela, tendo em vista que mais de 20% da contagem esperada nas células foi menor que 5. Porém, as categorias foram mantidas para identificar as mudanças de comportamento dos atletas nesse estágio.

\*\*Dados de 94 atletas, tendo em vista que 8 atletas não tinham atingido a faixa etária para aquele estágio.

Fonte: A autora.

Nos anos de diversificação, a maioria das atletas já se envolvia com a modalidade específica, praticando somente voleibol (RA=2,2) ou voleibol mais outras atividades físicas e esportivas (RA=2,2), enquanto os meninos se envolviam com outras atividades sem a presença do voleibol (RA=5,8). Nos anos de especialização, embora tenha sido constatado o envolvimento predominante dos atletas investigados com o treinamento de voleibol, as atletas do sexo feminino se envolviam somente com o voleibol (RA=2,4) e os atletas do sexo masculino treinavam outras atividades além do voleibol (RA=3,1) quando comparados ao sexo feminino. Nos anos de investimento, todos os atletas investigados se envolveram intensivamente com a prática deliberada do voleibol, sendo que as atletas do sexo feminino apresentaram um processo mais intensificado de especialização (RA=2,0) e sete dos 31 atletas do sexo masculino continuaram praticando mais uma modalidade além do voleibol nesse estágio (RA=2,0).

A prática deliberada, sistematicamente realizada com o intuito de melhorar a *performance* esportiva (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; ERICSSON, 2003), foi relativamente diferente entre os atletas femininos e masculinos, principalmente nos anos de diversificação. De fato, muitos estudos têm demonstrado que o sexo feminino se envolve menos com atividades esportivas organizadas que o sexo masculino, tanto no que se refere à quantidade quanto ao tipo de atividades praticadas (SLATER; TIGGEMANN, 2011; DEANER; SMITH, 2012; MARTÍN et al., 2014; PNUD, 2017).

Dentre os atletas do presente estudo, enquanto o masculino se envolvia com atividades diversificadas sem voleibol, as atletas do sexo feminino, que já treinavam no primeiro estágio da formação esportiva, tinham o voleibol como a única ou uma das atividades praticadas. No caso específico do voleibol, realmente observa-se maior equilíbrio entre a quantidade de praticantes do sexo feminino e do sexo masculino, com leve vantagem para o feminino (COOKY et al., 2016). O envolvimento feminino com o voleibol normalmente ocorre desde cedo, como encontrado no estudo com crianças brasileiras de seis a 14 anos, as quais relataram preferência em modalidades como voleibol e basquetebol, enquanto os meninos relataram preferência pelo futebol (ROSSETTI; SOUZA, 2005).

Na sequência dos estágios da formação esportiva, houve aumento gradativo da especialização e do envolvimento mais intenso com o voleibol em ambos os grupos investigados, embora essa

predominância tenha sido mais significativa entre as atletas do sexo feminino. Tais características devem ser levadas em consideração na montagem e no desenvolvimento de programas esportivos, em que a intervenção profissional necessita promover um ambiente esportivo apropriado para todos os jogadores (COUTINHO et al., 2014; EIME et al., 2016).

Destaca-se que, nos anos de especialização, 12,4% dos atletas ainda não tinham se envolvido com o voleibol de maneira sistematizada, o que ocorreu somente na fase de investimento (a partir dos 16 anos). De fato, o voleibol é considerado uma modalidade de especialização tardia, quando comparada a outras modalidades esportivas (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003a; MILISTETD et al., 2010). Entretanto, verificou-se no presente estudo que a especialização no voleibol ocorreu antes nas atletas femininas do que nos atletas masculinos.

As diferenças nos tipos de envolvimento entre meninos e meninas com a prática de atividades físicas e esportivas podem advir de questões biológicas, mas principalmente quando se observam os aspectos históricos, culturais e sociais. Apesar de alguns estudos terem atribuído tal diferença para maior competitividade masculina por questões biológicas e evolucionistas (LOMBARDO, 2012; APOSTOLOU, 2014; BALISH et al., 2016), a sociedade tem papel fundamental nessa distinção, tendo em vista que os fatores históricos, sociais, da escola e da família relacionados à participação esportiva são menos favoráveis às meninas (FREDRICKS; ECCLES, 2005; TELFORD et al., 2016). Neste caso, estudos realizados com atletas profissionais têm revelado características biológicas e condicionais que interferem nas diferenças entre os sexos (SAMPAIO; IBÁÑEZ; FEU, 2004; SENEFFELD; SMITH; HUNTER, 2016), porém esse não deve ser um fator limitador da presença feminina no esporte.

Quando se trata de participação feminina no esporte, é fundamental que sejam consideradas as questões histórico-culturais que envolvem o tema. Por muito tempo, o esporte era proibido às mulheres, inclusive na condição de espectadoras. No Brasil, o Decreto-lei de 1941 não permitia às mulheres a prática de atividades físicas e esportivas “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Em 1965, passa-se a nomear as diversas atividades físicas e esportivas proibidas às mulheres, perdurando até 1979, quando a normatização foi revogada (PNUD, 2017).

Todavia, as mulheres têm conquistado cada vez mais seu espaço no contexto esportivo, mas ainda estão muito aquém da igualdade de oportunidades com o sexo masculino, pois enfrentam

muitas barreiras relacionadas às poucas oportunidades, ao preconceito, às desigualdades de investimentos e à baixa representação na mídia. Tais situações são destacados em muitos estudos (DEANER; SMITH, 2012; COOKY et al., 2016; SENEFELD; SMITH; HUNTER, 2016). Por exemplo, o estudo realizado com adolescentes australianas destacou que o preconceito e as preocupações com a imagem corporal contribuem com a reduzida participação feminina na prática de atividades físicas e esportivas (SLATER; TIGGEMANN, 2011). Além disso, a mídia continua a deixar de representar as realidades e a alta qualidade do desempenho esportivo das mulheres (SHERRY; OSBORNE; NICHOLSON, 2015), o que também tem contribuído para a manutenção das diferenças entre os sexos.

As oportunidades de ambientes que busquem o desenvolvimento do esporte sistematizado também dependem da cultura do local em que são ofertados, com diferentes oportunidades de modalidades esportivas para meninos e meninas. Um estudo que documentou 248 esportes em 50 países revelou que há mais esportes com participação exclusiva masculina (198) do que esportes com participação exclusiva feminina (13), sendo que ambos têm a possibilidade de participar em 37 modalidades (DEANER; SMITH, 2012).

Nesse contexto, destaca-se que é necessário promover a equidade de oportunidades sem deixar de lado as características específicas dos participantes e dos contextos de prática, para que o esporte se destaque cada vez mais como uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento humano e social.

#### 4.4 RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA: NÍVEL DE INCENTIVO PERCEBIDO POR ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL

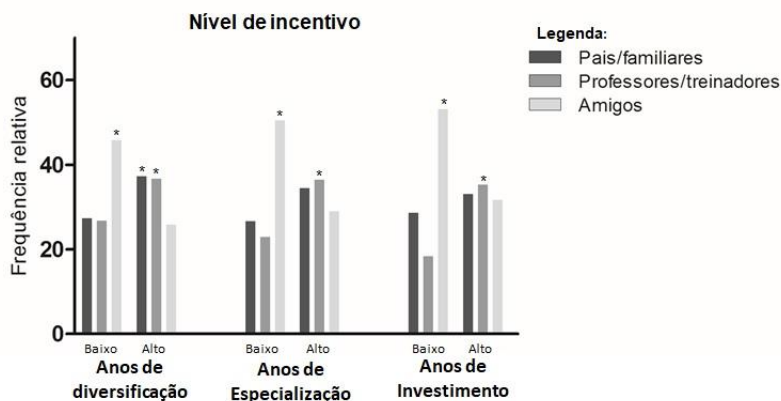
As relações interpessoais se constituem em um importante elemento no desenvolvimento de qualquer indivíduo. As interações estabelecidas nos ambientes de prática esportiva podem se tornar essenciais na escolha e na manutenção da prática de uma modalidade esportiva específica (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STORM et al., 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016), inclusive quando se trata de atletas profissionais e de elite. Visando analisar o nível de incentivo dos agentes sociais à formação esportiva percebido por atletas de elite do voleibol brasileiro, buscou-se informações específicas em cada estágio da formação esportiva, relacionado a cada grupo de agentes sociais e de acordo com o sexo. Os dados revelaram que, de maneira geral, os atletas relataram alto incentivo percebido dos treinadores/professores durante toda sua formação esportiva, principalmente quando se tratou do voleibol em específico. Além disso, os familiares foram mais importantes durante o primeiro estágio da formação e os amigos foram os agentes sociais que menos incentivaram os atletas durante a sua carreira esportiva.

##### 4.4.1 Nível de incentivo à formação esportiva

No decorrer do desenvolvimento esportivo, as relações interpessoais com cada agente social podem variar de acordo com o estágio de formação em que o jovem se encontra, tanto no que diz respeito à intensidade do envolvimento quanto no tipo de papel desempenhado. No início da formação esportiva, os pais estão mais presentes, pois seu envolvimento é maior nessa fase do que mais tarde (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Os pares e amigos podem afetar na fase da adolescência, em que as escolhas são muitas vezes direcionadas ao sentimento de pertencimento a um grupo específico (FITZGERALD; FITZGERALD; AHERNE, 2012). Porém, as relações interpessoais com determinados agentes sociais podem transcender a mudança de estágios e servirem de suporte à formação esportiva em longo prazo, como o caso dos treinadores que correspondem à peça chave durante todo o processo (STORM et al., 2014).

Os resultados descritivos relacionados à percepção de incentivo de cada grupo de agentes sociais, em cada etapa da formação esportiva, são apresentados na Figura 8. Independentemente das etapas de formação esportiva, os atletas investigados relataram o alto incentivo recebido dos professores/treinadores e o baixo incentivo recebido dos amigos. O alto incentivo percebido dos pais/familiares foi observado em todos os estágios, mas associou-se significativamente somente nos anos de diversificação.

Figura 8. Frequência relativa do nível de incentivo percebido em cada estágio da formação esportiva.



\* Variáveis que demonstraram associação significativa (RA>1,96).

Fonte: A autora.

De maneira geral, os resultados inferenciais Figura 8 demonstraram que houve associação significativa entre os agentes sociais e o nível de incentivo percebido pelos atletas [ $X^2(2)=44,632$ ; VCramer=0,178;  $p<0,001$ ], sendo que os pais/familiares e professores/treinadores se associaram ao alto incentivo (RA=2,6 e RA=4,0, respectivamente), enquanto que os amigos estiveram associados ao baixo incentivo (RA=6,6). Ao considerar os estágios da formação esportiva, associações significativas também foram encontradas no nível de incentivo percebido nos anos de diversificação [ $X^2(2)=21,765$ ; VCramer=0,202;  $p<0,001$ ], anos de especialização [ $X^2(2)=27,34$ ; VCramer=0,192;  $p<0,001$ ] e anos de investimento [ $X^2(2)=9,747$ ; VCramer=0,155;  $p=0,008$ ].

Nos anos de diversificação, observou-se maior incentivo percebido por parte dos pais/familiares e professores/treinadores



(RA=2,3 e RA=2,3, respectivamente), e baixo incentivo percebido dos amigos (RA=4,7). Nos anos de especialização e de investimento, observou-se associação significativa entre os professores/treinadores com o alto incentivo (RA=2,6 e RA=2,4, respectivamente) e dos amigos com o baixo incentivo percebido nesses estágios (RA=4,1 e RA=3,0 respectivamente).

O alto incentivo percebido dos pais e familiares no início do envolvimento com o esporte pelos atletas investigados não exclui a importância do papel da família ao longo do processo de formação esportiva, mas revela o quanto pode mudar no decorrer dos demais estágios. De fato, a liderança dos pais nos anos de diversificação se transforma no decorrer da formação em outros tipos de suporte menos diretos (CÔTÉ, 1999; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; FERREIRA; MORAES, 2012; FRASER-THOMAS; BEESLEY, 2015). Na adolescência, os jovens se tornam menos dependentes dos pais e mais influenciáveis pelos professores, treinadores, pares e amigos, tendo em vista que o papel dos pais passa a ser o de dar suporte ao atleta no desenvolvimento de habilidades e na motivação competitiva, que são promovidas diretamente pelos treinadores e compartilhada com os pares (HELLSTEDT, 2005).

Desde o nascimento, os pais e os familiares mais próximos são as primeiras pessoas de contato direto com as crianças, pois conduzem a aprendizagem, indicam caminhos, opinam e interferem diretamente no desenvolvimento das crianças. Nesse contexto, o esporte também passa a ser uma possibilidade de prática a ser viabilizada pelos pais, irmãos e outros familiares, seja por meio do envolvimento direto com determinadas modalidades ou pelo incentivo à sua prática. O fato de pais ou irmãos terem sido atletas ou praticado intensamente uma modalidade esportiva pode despertar o interesse esportivo desde cedo (KNIGHT et al., 2016).

Um aspecto importante a destacar é que os pais e familiares podem assumir diferentes papéis, principalmente o de despertar o interesse para o esporte sem promover foco intenso no treinamento (CÔTÉ, 1999). Além disso, para que o envolvimento dos pais seja considerado adequado, Harwood e Knight (2015) recomendam aos pais (a) selecionar oportunidades esportivas apropriadas e dar o suporte necessário; (b) compreender (e aplicar) seu papel como pai de atleta; (c) gerenciar as emoções nas competições; (d) promover relações saudáveis com outros envolvidos; (e) gerenciar as demandas associadas à participação desportiva e, (f) adaptar seu envolvimento aos diferentes estágios da carreira atlética de seus filhos.

A família se constitui de um sistema interativo durante toda a vida, sendo que os pais devem incentivar a cooperação entre os irmãos para promover a participação esportiva de todos, criando um ambiente favorável para o desenvolvimento de habilidades no esporte (CÔTÉ; HAY, 2002b). No contexto familiar, os irmãos também representam papel fundamental no envolvimento esportivo das crianças, principalmente quando estas possuem irmãos mais velhos envolvidos com o esporte, identificado entre os atletas de elite (HOPWOOD et al., 2015). Além disso, a rivalidade entre irmãos pode impactar positivamente sobre o processo e contribuir para o desenvolvimento da resiliência, característica psicológica fundamental para lidar com os desafios do alto nível de desempenho (TAYLOR; COLLINS; CARSON, 2017).

Embora os familiares têm assumido o papel de treinadores em muitas culturas (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; LAUER et al., 2010), no contexto brasileiro tem sido menos habitual, porque a atividade de treinador esportivo em todos os níveis de formação é considerada uma profissão (MILISTETD et al., 2014). A lei que rege a atividade engloba a possibilidade de atuação nos contextos de saúde, lazer e *performance* esportiva dentro da área da Educação Física (BRASIL, 1998). Com o exercício da profissão de treinador regulamentado no Brasil, os pais têm assumido o papel de incentivadores e apoiadores, atribuindo aos treinadores o papel de condutores do processo de desenvolvimento esportivo específico.

No que diz respeito aos treinadores, os atletas investigados relataram alto incentivo percebido em todos os estágios da formação esportiva, principalmente ao esporte específico de prática, demonstrando que as relações interpessoais com os treinadores assumem papel de destaque durante todo o processo. Considerando que o voleibol requer maior estrutura para sua prática, especialmente quando comparado ao futebol de rua, por exemplo, os interessados na modalidade buscam espaços de treinamento sistematizados que contam com a presença direta de um professor/treinador. Tal fato aumenta a interferência desse agente na formação dos jogadores, a partir do constante contato e da responsabilidade que ele assume.

O treinador pode assumir diferentes papéis ao longo da formação esportiva, os quais afetam diretamente o desenvolvimento do jovem atleta. Porém, o domínio de conhecimento técnico específico tem permitido assumir papel fundamental na condução da formação esportiva. De fato, cabe ao treinador planejar, conduzir e avaliar o processo de desenvolvimento de habilidades gerais e específicas para o

esporte, fundamentalmente a competência (habilidades gerais e específicas), a confiança (auto-estima), a conexão (relações interpessoais) e o caráter (responsabilidade, empatia, etc.) dos atletas (CÔTÉ; GILBERT, 2009). Além do planejamento das práticas, do encorajamento e do fornecimento de instruções (SALMELA; MORAES, 2003), o treinador influencia diretamente no desenvolvimento físico, psicológico e de valores sociais (CÔTÉ, 2002).

Tendo em vista que os atletas passam uma grande parte do seu tempo no contexto esportivo, os treinadores passam a ser considerados como ‘segundos pais’ e são cruciais no seu desenvolvimento (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011). Além disso, os treinadores devem estar aptos a permitir que jovens atletas se tornem membros construtivos de uma equipe e, conseqüentemente, membros produtivos da sociedade, em que todos tenham iguais oportunidades de aprender as habilidades físicas (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Os próprios treinadores reconhecem a sua importância como agentes motivadores na decisão sobre a participação esportiva dos jovens (CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016), mas também destacam a importância de outros agentes, como a família, a escola e a comunidade (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011) no processo de formação esportiva.

Na literatura consultada (CÔTÉ, 2002; FRASER-THOMAS; BEESLEY, 2015; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016), os pares e os amigos também são importantes agentes no desenvolvimento, principalmente, dos jovens. Um estudo de revisão sistemática (FITZGERALD; FITZGERALD; AHERNE, 2012), que analisou 23 artigos relacionados a esta temática, destacou a associação positiva dos pares e/ou amigos em termos de apoio, presença de colegas e/ou amigos, normas, qualidade de amizade, aceitação, participação, popularidade e ausência de vitimização entre pares. Além disso, a influência dos pares e amigos pode ser de diferentes formas, encorajando ou desencorajando verbal ou não verbalmente e servindo de modelo no envolvimento ou não envolvimento no esporte (CÔTÉ, 2002).

Apesar de a literatura consultada destacar a importância dos pares e dos amigos no desenvolvimento esportivo, os atletas investigados no presente estudo relataram o baixo incentivo advindo destes agentes em todos os estágios da formação esportiva. A característica dos participantes do estudo, ou seja, atletas de elite pode justificar esta evidência, considerando que muitas vezes os atletas se inserem em programas esportivos em virtude de seus fatores antropométricos e vislumbram a possibilidade de profissionalização,

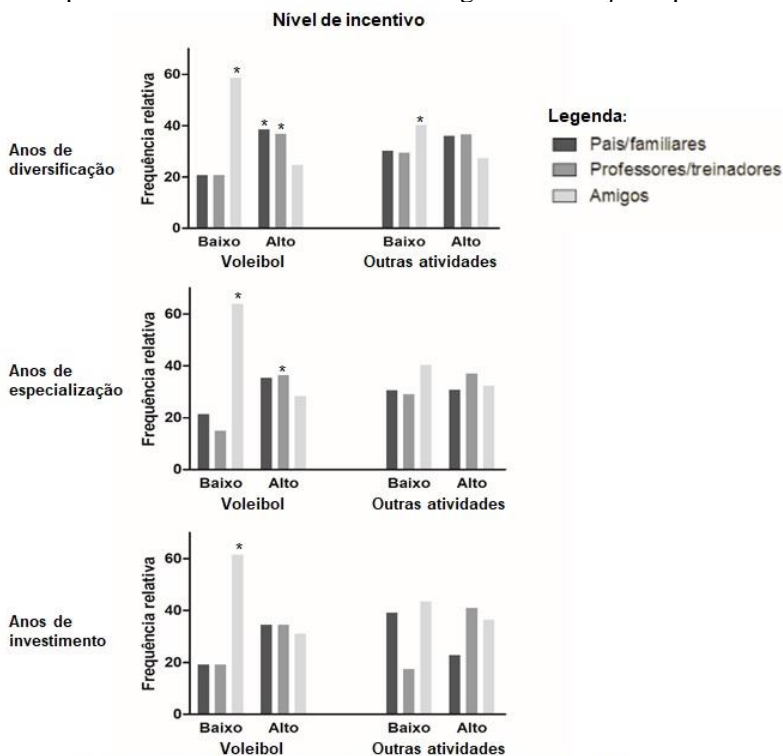
tendo em vista que este é um dos principais fatores de seleção esportiva no voleibol, inclusive no contexto brasileiro nos últimos anos (PETROSKI et al., 2013). Assim, os amigos ou os colegas de equipe podem não ter tanta importância para a trajetória esportiva devido aos atletas já vislumbrarem um potencial para o alto rendimento, bem como a possibilidade de ascensão na carreira esportiva.

O alto envolvimento dos atletas nas sessões de treinamento e a dedicação intensa ao esporte podem afetar negativamente a relação com os amigos, especialmente devido à falta de tempo disponível, como também verificado em estudo com atletas de vela dinamarqueses (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010a). Por se tratar de um contexto de seleção e com níveis de rendimento cada vez mais aumentados, o colega de equipe pode ser visto como um adversário pessoal que pode tirar o seu lugar na equipe. Por outro lado, o alto incentivo dos amigos também foi percebido pelos atletas investigados no presente estudo, indicando que estes também compreendem um grupo social importante durante a formação esportiva, como verificado no estudo realizado com jogadores britânicos de escolas e clubes da cidade (VAZOU; NTOUMANIS; DUDA, 2005) e com atletas brasileiras de basquetebol (FOLLE et al., 2017) os quais identificaram influência positiva do clima motivacional induzido pelos pares.

#### **4.4.2 Nível de incentivo, considerando o tipo de atividade**

Muitas vezes, o tipo de atividade praticada influencia no nível de incentivo dos agentes sociais, que pode depender do nível de envolvimento ou de afeição por uma modalidade específica. Nessa perspectiva, a Figura 9 traz a análise pormenorizada dos dados, levando em consideração o tipo de atividade relacionada ao esporte-específico (voleibol) e a outras atividades físicas e esportivas.

Figura 9. Frequência relativa do nível de incentivo percebido ao voleibol e para outras atividades em cada estágio da formação esportiva.



\* Variáveis que demonstraram associação significativa (RA>1,96).

Fonte: A autora.

Quando considerados os dados específicos de cada tipo de atividade praticada, as análises inferenciais revelaram associações entre o nível de incentivo percebido ao voleibol nos anos de diversificação [ $X^2(2)=22.891$ ; VCramer=0,309;  $p<0,001$ ], especialização [ $X^2(2)=23.438$ ; VCramer=0,260;  $p<0,001$ ] e investimento [ $X^2(2)=10.081$ ; VCramer=0,172;  $p=0,006$ ]. O alto incentivo percebido ao voleibol, nos anos de diversificação, apresentou associação significativa com os pais/familiares (RA=2,5) e com os professores/treinadores (RA=2,3) e nos anos de especialização somente com os professores/treinadores (RA=2,9). Os amigos se associaram com o baixo incentivo percebido ao voleibol nos anos de diversificação (RA=4,8), especialização (RA=4,8) e investimento (RA=3,2). No que se

refere a outras atividades, observou-se maior equilíbrio entre os níveis de incentivo percebidos associado aos diferentes agentes sociais, exceto nos anos de diversificação [ $X^2(2)=5.405$ ;  $V_{Cramer}=0,136$ ;  $p=0,067$ ], em que houve uma tendência de os amigos se associarem ao baixo incentivo ( $RA=2,3$ ).

Quando se trata especificamente do voleibol, o maior incentivo percebido se associou com os pais e os treinadores, enquanto que o menor incentivo se associou com os amigos nos estágios de diversificação e especialização. Nos anos de investimento, em que a maioria dos atletas já estava mais envolvido com a carreira esportiva, houve equilíbrio do maior incentivo percebido entre todos os agentes sociais. Assim, no decorrer dos estágios de formação esportiva, observou-se um equilíbrio entre todos os agentes quando considerado somente o alto incentivo, destacando a importância do envolvimento dos agentes sociais no processo de formação esportiva (CÔTÉ, 1999; PETITPAS et al., 2005; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Com relação à prática de outras atividades, o incentivo percebido pelos atletas investigados foi mais equilibrado entre os agentes sociais, pois não apresentou associação com um grupo específico de agentes. Em virtude dessas atividades serem praticadas nos mais diversos contextos e com diferentes pessoas, o nível de incentivo pode variar de acordo com o tipo de atividade, dependendo do envolvimento e dedicação a elas. Muitas vezes, quanto maior o envolvimento com determinada atividade, maior o incentivo de todas as pessoas, buscando reforçar e apoiar as escolhas dos jogadores e dando diferentes suportes às suas necessidades (KEEGAN et al., 2009; FRASER-THOMAS; STRACHAN; JEFFERY-TOSONI, 2013).

De maneira geral, as relações interpessoais com os agentes sociais no decorrer dos estágios da formação esportiva devem ser positivas para que o jovem se sinta satisfeito com o seu envolvimento no contexto do esporte. A falta de incentivo ou o excesso de pressão por resultados pode prejudicar o processo, levando à desmotivação para a prática e até mesmo ao abandono da modalidade (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; LAUER et al., 2010; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). Porém, muitas vezes, a percepção das relações interpessoais não é clara no momento em que elas acontecem, ou até mesmo podem ocorrer interpretações equivocadas a partir do tipo de relação que está se desenvolvendo, o que somente poderá ser percebido em algum momento do futuro (STORM et al., 2014). Nesse sentido, se torna importante que distintos agentes sociais sejam corresponsáveis

pelo processo de formação esportiva dos jovens, a partir do incentivo, apoio e relações interpessoais positivas.

#### **4.4.3 Nível de incentivo, considerando o sexo dos participantes**

A análise pormenorizada do nível de incentivo percebido, considerando o sexo dos participantes do estudo, revelou poucas diferenças significativas no que diz respeito ao agente social incentivador e ao estágio da formação esportiva. Diferenças significativas foram encontradas somente relacionadas ao incentivo percebido de acordo com o tipo de atividade [ $X^2(1)=60.787$ ;  $VCramer=0,239$ ;  $p<0,000$ ]. Enquanto as atletas do sexo feminino relataram alto incentivo percebido para o voleibol ( $RA=7,8$ ), os atletas do sexo masculino indicaram alto incentivo percebido para outras atividades ( $RA=7,8$ ). O fato das atletas perceberem alto incentivo para o voleibol e dos atletas para outras atividades reforça as diferenças de tratamento que existe entre os sexos quando se trata de fatores influenciadores das relações interpessoais no ambiente esportivo.

Alguns estudos têm demonstrado que pais e mães podem desempenhar diferentes papéis na formação esportiva de seus filhos, inclusive fornecendo distintos tipos de suporte e de níveis de incentivo para os jovens do sexo feminino e masculino (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; FREDRICKS; ECCLES, 2005; HARWOOD; KNIGHT, 2015). Enquanto as mães são mais envolvidas ativamente e fornecem suporte positivo (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004), os pais fornecem mais incentivo para o sexo masculino e também exercem mais pressão sobre eles (HARWOOD; KNIGHT, 2015). Atletas do sexo feminino têm relatado perceber menor incentivo por parte de ambos os pais (FREDRICKS; ECCLES, 2005). Por mais que essa relação tenha se alterado ao longo do tempo e que as mulheres tenham obtido cada vez mais espaço no cenário esportivo, as desigualdades de incentivo, de oportunidades e preconceitos ainda são fatores que dificultam a participação feminina no esporte (TELFORD et al., 2016; PNUD, 2017).

Quando se trata especificamente de atletas do sexo feminino, o estudo realizado com jovens atletas de vários esportes em distintos níveis competitivos (MACPHERSON; KERR; STIRLING, 2016) revelou a importância dos pares no desenvolvimento da identidade esportiva, influenciando no desenvolvimento de fatores psicológicos (inclusive emocionais e intelectuais), sociais e físicos. Outro estudo,

realizado com atletas em formação no basquetebol, revelou reciprocidade nas relações estabelecidas entre as atletas de diferentes categorias esportivas, mesmo que cada uma represente um papel diferente dentro do contexto esportivo (FOLLE et al., 2017).



## 4.5 CONTEXTOS DE PRÁTICA NA FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL BRASILEIRO

Os contextos de prática correspondem a um dos elementos dinâmicos que são influenciadores da formação esportiva, tendo em vista a importância do envolvimento em contextos adequados (VIERIMAA et al., 2012; BALISH; CÔTÉ, 2013; MACDONALD; BAKER, 2013). Os locais de prática esportiva podem representar um importante indicador de identificação dos contextos de prática, tendo em vista que cada local apresenta características peculiares. Assim, o intuito desse tópico foi atender ao último objetivo específico, que pretendeu analisar os contextos de prática esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, a partir dos locais de prática e da verificação do efeito do local de nascimento dos atletas. Para tanto, o enfoque foi dado para as questões relacionadas aos locais de prática esportiva e às informações sociodemográficas e contextuais que pudessem influenciar nessa escolha, além de informações sobre a cidade e o estado de nascimento e de desenvolvimento dos atletas durante os estágios da formação esportiva.

Nesse ínterim, observou-se, de maneira geral, que os atletas investigados praticavam, ao longo de sua formação esportiva, as atividades físicas e esportivas em ambientes mais estruturados, como clubes e academias, principalmente durante os anos de especialização e de investimento. Além disso, a prática nos clubes destacou-se entre as atletas do sexo feminino, entre os atletas que, atualmente, pertencem às categorias mais jovens (infanto-juvenil e juvenil) e que vivem nas metrópoles brasileiras (acima de 1 milhão de habitantes).

### 4.5.1 Locais de prática de atividades físicas e esportivas

As informações obtidas a partir dos questionários revelaram que, de maneira geral, os atletas de elite do voleibol brasileiro destacaram o envolvimento em diferentes contextos de prática de atividades físicas e esportivas, como clubes, academias, escolas e ginásios municipais, bem como ruas praças e parques. Tais resultados demonstram que a variedade de contextos de prática pode influenciar diretamente no desenvolvimento esportivo desde a infância. As características físicas e sociais de cada um desses locais interferem nas relações estabelecidas e nas oportunidades de prática que estão disponíveis.

As atividades físicas e esportivas podem ser realizadas em diferentes ambientes, desde os mais estruturados e com equipamentos específicos, até ambientes não específicos que promovam, de alguma maneira, o desenvolvimento motor e proporcionem diversas possibilidades de prática. No presente estudo, os locais destacados pelos atletas foram os clubes, as academias, as escolas, os ginásios municipais, as ruas e os parques. O estudo realizado com uma equipe feminina de voleibol da seleção brasileira de base também revelou que a formação das atletas resultou do somatório dos estímulos ocorridos em ambientes formais (clubes e escolas com professores/treinadores dirigindo as atividades) e não formais (em grupos de amigos brincando livremente) (ROTHER, 2014).

Os atletas investigados no presente estudo destacaram a prática de atividades em clubes esportivos, principalmente no que se refere ao voleibol. Os clubes e as academias se constituem em ambientes mais formais, com estrutura e materiais específicos para a prática esportiva. Os clubes correspondem a uma das mais importantes organizações para a promoção e o fomento do esporte no Brasil e em muitos países (GALATTI, 2010). Geralmente, os clubes são responsáveis pelo desenvolvimento técnico-tático específico de uma modalidade, porém, a partir das demandas apresentadas atualmente, o clube passou a assumir um papel de responsabilidade social mais intenso. O desenvolvimento esportivo ambientado nos clubes deve promover oportunidades para a busca da alta *performance*, mas também deve oportunizar grande diversidade de atividades para atrair e manter o maior número de crianças e jovens, visando a participação esportiva em longo prazo, como verificado no estudo com um clube de sucesso espanhol (GALATTI et al., 2016). Além disso, os clubes devem promover o bom relacionamento entre todos os envolvidos (atletas, treinadores, dirigentes, família e comunidade), proporcionando uma abordagem ecológica holística no ambiente de formação esportiva (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010a; 2010b; 2011).

Outro local de prática em destaque na formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro foi a escola, especialmente nos anos de iniciação esportiva e citado principalmente pelos atletas da categoria adulta. Neste contexto, destaca-se que na realidade brasileira, muitas escolas oferecem a prática de atividades no contra-turno escolar, geralmente relacionadas ao treinamento de determinadas modalidades, com o intuito de aperfeiçoamento esportivo e de participação em competições escolares. Tais ambientes têm a responsabilidade de desenvolver o esporte sem a exigência de alta *performance* que

geralmente é observada nos ambientes do clube esportivo. Além disso, a escola se caracteriza como uma facilitadora do crescimento e da identidade positiva do jovem atleta dentro do seu esporte específico (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011), tendo em vista que passa boa parte de sua infância e adolescência inserido no contexto escolar. Neste caso, a prática esportiva no contra-turno escolar, juntamente com as aulas de Educação Física, pode promover o desenvolvimento cognitivo e os benefícios educacionais imediatos (BRADLEY; KEANE; CRAWFORD, 2013) e em longo prazo, auxiliando na manutenção da saúde mental quando adultos (JEWETT et al., 2014).

Os ginásios municipais também se destacaram como uma possibilidade de prática no início da formação esportiva, tendo em vista que prefeituras e órgãos públicos tem o dever de ofertar e fomentar a prática esportiva. Esses espaços constituem-se de uma alternativa de local para a prática de atividades físicas e esportivas estruturadas, porém com valores mais acessíveis em comparação aos cobrados nos clubes esportivos. Assim, maior número de pessoas pode desfrutar de tais espaços e dos benefícios da atividade física orientada por um profissional contratado pelos órgãos públicos. No caso dos atletas investigados, apesar da prática ser mais frequente em clubes em cidades de diferentes tamanhos, destacou-se a importância dos ginásios municipais como oportunidade de espaço para a prática de atividades físicas e esportivas nas cidades de pequeno porte.

A importância dos órgãos públicos em cidades pequenas, em especial, da Fundação Municipal de Esportes no processo de desenvolvimento de atletas foi retratada em estudo com jogadoras de basquetebol no estado de Santa Catarina, no qual se constatou a importância desta esfera administrativa no que se refere ao oferecimento tanto de recursos humanos (treinadores) e financeiros quanto de espaços físicos e materiais (ginásios municipais) para o treinamento de equipes esportivas. Na realidade investigada (município catarinense), as modalidades esportivas oferecem a participação em escolinhas por intermédio do Projeto Atleta do Futuro, visando a promoção da prática esportiva, especialmente para crianças durante a iniciação esportiva (FOLLE; NASCIMENTO; SOUZA, 2015).

A prática esportiva nas ruas, nas praças e nos parques também foi destacada pelos atletas investigados. Esses locais constituem-se de ambientes democráticos, em que as atividades podem ser praticadas por diferentes grupos de pessoas, por se tratar de ambientes informais que visam, geralmente, a prática espontânea e o divertimento. Eles são ambientes propícios para o envolvimento com atividades não-

estruturadas, como brincadeiras, jogos e esportes com pessoas de diferentes idades e com diferentes características, contribuindo para a interação social e o enriquecimento motor (KYTTÄ, 2002; CÔTÉ et al., 2006; BAKER et al., 2009; ROTHER, 2014).

Diferentes fatores podem influenciar na escolha dos ambientes para a prática de atividades físicas e esportivas, a partir da motivação interna até fatores externos e contextuais que fazem com que os indivíduos frequentem determinados locais. Tais fatores externos, no presente estudo, foram verificados a partir das informações sobre as variáveis sociodemográficas (estágio da formação, sexo, categoria esportiva, tamanho da cidade e macrorregiões geográficas), obtidas por meio do questionário.

#### **4.5.2 Variáveis intervenientes na determinação dos locais de prática**

As variáveis intervenientes contempladas no estudo foram o estágio da formação, o sexo, a categoria esportiva, o tamanho da cidade e as macrorregiões geográficas, as quais foram investigadas para verificar o nível de influência nos locais de prática esportiva. De maneira geral, os dados descritivos revelaram que, independentemente do estágio de desenvolvimento, os atletas praticavam atividades físicas e esportivas em ambientes, preferencialmente, mais estruturados, como clubes e academias, com destaque para os anos de especialização e de investimento, no sexo feminino, das categorias infanto-juvenil e juvenil e nas metrópoles (Tabela 8).

Tabela 8. Frequência percentual da distribuição dos locais de prática de atividades físicas e esportivas dos atletas de elite do voleibol brasileiro.

	Clube / academia (%)	Escola (%)	Rua / praça / praia (%)	Ginásio municipal (%)	Total (%)
<b>Estágio de formação</b>					
Anos de diversificação	35,4	33,0	26,9	4,7	100
Anos de especialização	53,7	26,6	14,8	4,9	100
Anos de investimento	68,5	15,8	10,3	5,5	100
<b>Sexo</b>					
Feminino	60,4	23,9	11,4	4,3	100
Masculino	44,0	27,4	23,1	5,5	100
<b>Categoria</b>					
Infanto-juvenil	54,7	26,7	16,1	0,7	100
Juvenil	55,7	24,1	14,9	5,2	100
Adulta	57,4	26,9	9,3	6,5	100
Aposentados	36,5	26,3	30,7	6,6	100
<b>Tamanho da cidade</b>					
Pequeno porte	42,9	27,3	15,6	14,3	100
Médio porte	44,3	27,9	20,5	7,4	100
Grande porte	56,3	28,2	11,3	4,2	100
Metrópole	54,8	24,2	19	1,9	100
<b>Macrorregiões demográficas</b>					
Norte	30,8	30,8	30,8	7,7	100
Nordeste	40,0	26,7	16,7	6,7	100
Sudeste	52,4	25,9	18,6	3,0	100
Sul	49,7	24,8	15,9	9,7	100
Centro-oeste	53,1	31,3	9,4	6,3	100

Fonte: A autora.

Quando realizadas as análises inferenciais (Tabela 9), os resultados revelaram que, de maneira geral, houve associação significativa dos locais de prática com o estágio da formação [ $X^2(6)=52.709$ ;  $p<0,001$ ], o sexo [ $X^2(3)=8.387$ ;  $p=0,039$ ], a categoria [ $X^2(9)=22.297$ ;  $p=0,008$ ] e o tamanho da cidade [ $X^2(9)=22.342$ ;  $p=0,008$ ]. Todavia, o local de prática esportiva não apresentou associação significativa com a macrorregião sociodemográfica ( $p=0,655$ ).

Tabela 9. Associação das variáveis com os locais de prática esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro.

Variável	Rua vs Clube / academia		Rua vs Escola		Rua vs Ginásio municipal	
	RO (IC95%)	<i>p</i>	RO (IC95%)	<i>p</i>	RO (IC95%)	<i>p</i>
<b>Estágio de formação</b>						
Anos de diversificação	<b>0,16</b> <b>(0,08-0,31)</b>	0,000	0,70 (0,34-1,45)	0,338	<b>0,26</b> <b>(0,09-0,83)</b>	0,022
Anos de especialização	0,53 (0,27-1,05)	0,068	1,16 (0,54-2,50)	0,710	0,58 (0,19-1,79)	0,342
Anos de investimento	1,00		1,00		1,00	
<b>Sexo</b>						
Feminino	<b>2,14</b> <b>(1,08-4,26)</b>	0,029	1,19 (0,57-2,49)	0,638	0,76 (0,20-2,90)	0,691
Masculino	1,00		1,00		1,00	
<b>Categoria</b>						
Infanto-juvenil	<b>2,91</b> <b>(1,41-6,03)</b>	0,004	1,91 (0,89-4,13)	0,099	0,31 (0,07-1,39)	0,125
Juvenil	<b>3,01</b> <b>(1,41-6,42)</b>	0,004	1,81 (0,82-4,03)	0,145	0,87 (0,22-3,44)	0,841
Adulta	<b>3,33</b> <b>(1,20-9,28)</b>	0,021	<b>2,99</b> <b>(1,01-8,84)</b>	0,048	1,86 (0,35-9,88)	0,469
Aposentados	1,00		1,00		1,00	
<b>Tamanho da cidade</b>						
Pequeno porte	0,69 (0,29-1,64)	0,396	1,16 (0,47-2,84)	0,759	<b>11,76</b> <b>(2,55-54,18)</b>	0,002
Médio porte	0,80 (0,43-1,50)	0,486	1,09 (0,56-2,09)	0,807	<b>3,83</b> <b>(1,14-12,87)</b>	0,030
Grande porte	1,92 (0,79-4,67)	0,149	2,12 (0,84-5,35)	0,111	<b>5,30</b> <b>(1,00-27,99)</b>	0,049
Metrópole	1,00		1,00		1,00	
<b>Macrorregiões demográficas</b>						
Norte	0,21 (0,03-1,48)	0,117	0,28 (0,04-2,03)	0,208	0,07 (0,00-1,46)	0,085
Nordeste	0,18 (0,03-1,36)	0,097	0,31 (0,04-2,36)	0,258	0,13 (0,01-2,86)	0,194
Sudeste	0,38 (0,10-1,49)	0,166	0,40 (0,10-1,62)	0,198	<b>0,07</b> <b>(0,01-0,62)</b>	0,017
Sul	0,50 (0,12-2,08)	0,342	0,43 (0,10-1,88)	0,264	0,16 (0,02-1,44)	0,103
Centro-oeste	1,00		1,00		1,00	

Fonte: A autora.

Nos primeiros anos de envolvimento com atividades físicas e esportivas, denominado de anos de diversificação, observou-se equilíbrio entre a prática no clube (35,4%) e na escola (33%), porém a prática no clube foi se intensificando na sequência dos estágios (53,7% e 68,5%, respectivamente). Os resultados inferenciais evidenciaram que, nos anos de diversificação, os atletas tinham menos chances de praticar atividades físicas e esportivas em clubes (0,16) e em ginásios municipais (0,26) do que na rua, comparados aos anos de investimento.

Na infância e nos primeiros anos da formação esportiva, os atletas investigados vivenciaram maior distribuição no que se refere aos locais de prática, nomeadamente nos clubes, nas escolas e nas ruas. A mudança de comportamento relacionada aos locais de prática ao longo dos estágios da formação esportiva esteve relacionada com as características e o aumento das exigências específicas em cada estágio, em que se intensificou a prática em ambientes mais estruturados. Nesse caso, os resultados corroboram a indicação de que os anos iniciais do envolvimento com atividades físicas e esportivas devem contar com grande diversidade de prática em ambientes menos formais, passando para atividades mais estruturadas e em ambientes específicos de desenvolvimento esportivo para então atingir a alta *performance* ou a participação esportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Quando comparados os sexos, observou-se maior prática nos ambientes mais estruturados (clube e escola) entre as mulheres, o que representa que as elas tinham 2,14 vezes mais chances de praticar atividades físicas e esportivas no clube do que na rua, quando comparados com o sexo masculino. Em contrapartida, os homens apresentaram frequência relativamente maior de prática na rua do que as mulheres. Tal fato demonstra que as oportunidades de prática para o sexo feminino são, geralmente, em espaços predeterminados, enquanto o sexo masculino tem maiores oportunidades de prática em diferentes ambientes, inclusive quando se trata de espaços de jogo deliberado (MACDONALD et al., 2009b; HANCOCK et al., 2017). Muitos estudos têm evidenciado maiores oportunidades de prática e percepção de incentivo diferenciado entre os sexos, em que há uma sobrevalorização do esporte entre os homens e menor valorização quando se trata do esporte feminino (COAKLEY; WHITE, 1992; EIME et al., 2016; TELFORD et al., 2016).

Com relação às diferentes categorias esportivas, observou-se maior prática nos clubes entre os atletas das categorias mais jovens (54,7%, 55,7% e 57,4%, respectivamente), enquanto os atletas que já

encerraram a carreira esportiva praticavam mais atividades nas ruas (30,7%) do que os demais atletas mais novos. Tais diferenças foram significativas, sendo que os atletas das categorias mais jovens têm mais chances (2,91, 3,01 e 3,33, respectivamente) de praticar atividades nos clubes do que na rua quando comparados com os atletas que já encerraram a carreira esportiva, demonstrando-se assim diferenças nas oportunidades de locais de prática entre as diferentes gerações de elite do voleibol brasileiro. Além disso, os atletas da categoria adulta apresentaram mais 2,99 chances de praticar atividades nas escolas fora dos horários de aula do que na rua quando comparados aos atletas que já encerraram a carreira esportiva.

Nessa perspectiva, observou-se que os atletas mais antigos, praticavam mais atividades nas ruas quando comparados aos atletas adultos e mais jovens e a categoria adulta demonstrou mais oportunidades de prática na escola do que os atletas de outras categorias. Em contrapartida, os atletas mais jovens demonstraram maior participação em atividades realizadas em clubes e academias, ambientes mais específicos para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento esportivo. A evolução do esporte e, conseqüentemente, dos contextos de prática esportiva tem acompanhado a evolução histórica e cultural da sociedade. Se no início da história o esporte tinha funções utilitárias e ritualísticas, com o passar do tempo foi se tornando uma possibilidade de profissionalização e espetacularização (OLIVEIRA, 1994; COSTA, 2007) para então se tornar o fenômeno multifacetado e contemporâneo que hoje se apresenta (GALATTI, 2010). Essa evolução tem influenciado na maneira com que as pessoas veem e se envolvem com o esporte, inclusive na sua configuração enquanto patrimônio da sociedade, alterando os contextos prioritariamente escolhidos e oportunizados para a sua prática.

A prática nos clubes também foi destaque nas cidades de grande porte (56,3%) e nas metrópoles (54,8%), sendo que a prática nos ginásios municipais foi mais intensa nas cidades de pequeno porte (14,3%). Os municípios de até 1 milhão de habitantes apresentaram maiores chances de prática nos ginásios municipais do que na rua quando comparados às metrópoles, principalmente 11,76 mais chances nas cidades de pequeno porte, mas também 3,83 mais chances nas cidades de médio e 5,83 mais chances nas cidades de grande porte.

O efeito do tamanho da cidade tem sido um dos principais temas de debate entre os pesquisadores no que tange aos aspectos influenciadores nos contextos de formação esportiva. De maneira geral, as cidades menores têm mais possibilidades de envolvimento com o



jogo deliberado, maior acesso a espaços abertos e mais segurança para realizarem atividades sem a supervisão de adultos, enquanto as cidades maiores apresentam mais possibilidades de prática de atividades estruturadas sob a orientação de adultos, visando, inclusive, o alto rendimento esportivo (KYTTÄ, 2002; CÔTÉ et al., 2006; MACDONALD et al., 2009a; TURNNIDGE; HANCOCK; CÔTÉ, 2014; HANCOCK et al., 2017). Porém, em alguns casos, as cidades pequenas podem limitar as oportunidades de prática de determinadas atividades, inclusive com menor incentivo para a prática esportiva e número limitado de crianças praticando esportes (LIDOR et al., 2010).

Estudos têm revelado que a maioria dos atletas de elite de países como Canadá, Estados Unidos e Austrália nasceram e passaram a maior parte da infância em cidades entre 1.000 e 500.000 habitantes (consideradas pequenas para o tamanho do país), sendo que, para as modalidades de hóquei, golfe, basquetebol, baseball e futebol americano as maiores chances de se tornar atleta de elite estão em cidades entre 50.000 e 100.000 habitantes (CÔTÉ et al., 2006; MACDONALD et al., 2009a; HANCOCK; ADLER; CÔTÉ, 2013; TURNNIDGE; HANCOCK; CÔTÉ, 2014). Em Portugal, atletas nascidos em cidades de 200.000 a 399.999 habitantes possuem 2,4 vezes mais chances de fazerem parte do quadro de representantes do voleibol nacional (HANCOCK et al., 2017). Além disso, estudo realizado em Israel (país pequeno quando comparado ao Canadá e Estados Unidos) revelou haver o efeito do local de nascimento em atletas de elite das modalidades de futebol, handebol e voleibol, mas não no basquetebol. Os atletas nascidos nas cidades consideradas de porte médio nesse país (50.000-200.000 hab.) tiveram vantagem no desenvolvimento esportivo no futebol e no handebol, enquanto que passar a infância em pequenas vilas (<2.000 hab.) apresentou-se vantajoso na modalidade de voleibol (LIDOR et al., 2010).

No caso do Brasil, observou-se que a maioria dos atletas de elite do voleibol são oriundos de metrópoles (>1 milhão de hab.) com maior estrutura e incentivo para o desenvolvimento da modalidade e do esporte de maneira geral, em cidades que contam com a presença ou estão próximas a clubes formadores de reconhecimento nacional. Esses dados são semelhantes a outro estudo realizado com atletas de elite do voleibol brasileiro, em que a maioria das atletas investigadas eram de cidades que contavam com equipes que disputavam a superliga nacional na época da investigação (ROTHER, 2014). Outros estudos, ambientados em países europeus como Dinamarca (ROSSING et al., 2016; ROSSING et al., 2017), Alemanha (BAKER et al., 2009), Suécia

e Finlândia (BRUNER et al., 2011) não observaram dados consistentes sobre efeito de um local de nascimento específico sobre o desenvolvimento de atletas de elite. Nessa perspectiva, observa-se que há diferenças nas características de oportunidades oferecidas em cada tamanho de cidade, porém tais vantagens podem estar mais ligadas à cultura esportiva de cada local do que com o tamanho da cidade em si.

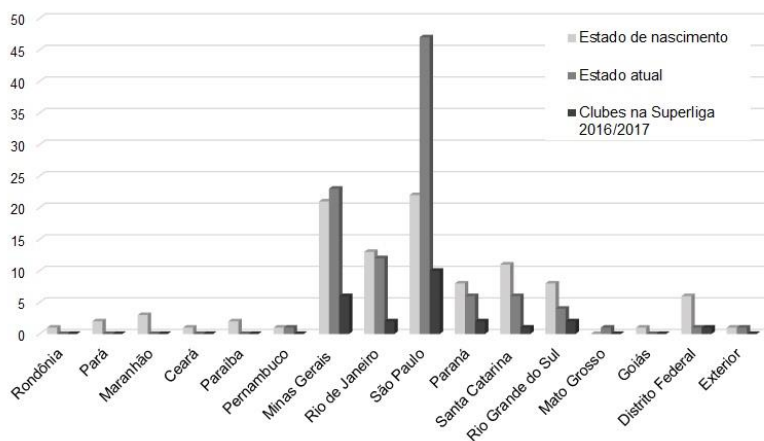
As influências do contexto também estão relacionadas com a densidade demográfica e com a sazonalidade da cultura esportiva, ou seja, qual a influência da comunidade relacionada à uma cultura esportiva predominante, que pode determinar a quantidade de oportunidades oferecidas às crianças e jovens, inclusive em termos de patrocínio e investimento em uma modalidade ou equipe específica. Muitas vezes, clubes ou comunidades recrutam crianças e jovens para participação em um esporte específico, a partir do que é mais difundido naquele local (LIDOR et al., 2010). Assim, o efeito do local de nascimento tem variado de acordo com o país, a cultura e o esporte em si, principalmente a partir de um modelo de influências baseado na comunidade como um todo e nos agentes sociais mais próximos (pais, treinadores, amigos...) (HANCOCK et al., 2017). Neste caso, qualquer efeito do local de nascimento é complexo e regido por fatores socioculturais (BAKER et al., 2009), em que se deve levar em consideração o tamanho da cidade, a densidade demográfica e a proximidade com clubes de reconhecimento (ROSSING et al., 2017).

Quando consideradas as macrorregiões demográficas do Brasil, os atletas praticavam mais atividades nos clubes, principalmente nas regiões Centro-Oeste (53,1%) e Sudeste (31,3%), porém na região Norte houve mais equilíbrio entre a prática em clubes (30,8%), escolas (30,8%) e ruas (30,8%). As análises inferenciais revelaram que não houve associação significativa das macrorregiões com os locais de prática, embora a região Sudeste tenha menos chances de praticar nos ginásios municipais do que na rua quando comparada à região Centro-Oeste. Tais dados revelam que, apesar da extensão do território brasileiro, não há um local específico de prática que se destaque de acordo com a macrorregião. As macrorregiões brasileiras possuem diferentes características, porém, devido a sua extensão, até mesmo cada cidade ou estado dentro da mesma região possui suas características específicas, com maiores incentivos para determinadas práticas esportivas em detrimento a outras.

Observou-se, também, que a maioria dos atletas nasceram ou se mudaram para os estados das regiões Sudeste e Sul, principalmente

naqueles com a maior presença de clubes participantes da Superliga Nacional de Voleibol. Os dados da Figura 10 representam a distribuição dos atletas, de acordo com o estado de nascimento e o estado de residência atual, bem como a distribuição por estado dos clubes participantes da Superliga Nacional de Voleibol 2016/2017. Nessa análise, foram utilizados somente as informações dos atletas atuantes em 2016 (n=102), excluindo-se os atletas aposentados, tendo em vista que seu local de residência atual nem sempre corresponde aos locais em que residiam quando eram convocados para as seleções nacionais.

Figura 10. Mobilidade entre estados e número de clubes participantes da Superliga Nacional de Voleibol 2016/2017.



Fonte: A autora.

No caso dos atletas investigados no presente estudo, observou-se que a maioria nasceu ou se mudou para cidades da região Sudeste e Sul, onde estão presentes os maiores clubes formadores de atletas de voleibol do país e de equipes participantes da Superliga Nacional masculina e feminina. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Mendes (MENDES, 2017), que investigou atletas masculinos de voleibol de clubes de destaque no Brasil, verificando que os estados da região Sudeste são os principais fornecedores de atletas para as seleções nacionais. A proximidade a locais em que existam clubes formadores ou até mesmo clubes de destaque no alto rendimento esportivo se constitui de mais um fator contextual (para além do tamanho da cidade e da

densidade demográfica) que pode ser determinante no envolvimento de jovens com um esporte específico (ROSSING et al., 2017).

A proximidade a locais de sucesso no desenvolvimento esportivo pode despertar a curiosidade e o interesse sobre uma modalidade específica, gerando oportunidades de prática e maior número de atletas envolvidos, para então serem selecionados os melhores para comporem o quadro de selecionados nacionais. Tal fato já foi verificado com atletas femininas de voleibol (ROTHER, 2014), em que uma das grandes barreiras para a participação na seleção era a distância entre o local de residência e o local de treinamento, exigindo mudança de cidade ou então longos períodos longe de casa. Além disso, a maioria das atletas eram convocadas para a seleção a partir do relacionamento entre os treinadores das equipes e das seleções estaduais, ficando de fora atletas que não participam de equipes formalizadas.

De maneira geral, apesar das diferenças encontradas com relação aos locais de prática, em todas as variáveis analisadas observou-se predominância da prática em clubes esportivos, provavelmente devido às características do voleibol, relacionadas à maior necessidade de estrutura específica para sua prática. Por se tratar de uma modalidade que necessita de uma rede para a divisão da quadra de jogo e de uma bola que, por ser rebatida, precisa de dimensões específicas, assim os clubes esportivos e as escolinhas de esportes se tornam os ambientes que melhor fornecem tais estruturas e materiais. Treinadores de elite têm destacado que a estrutura adequada do ambiente esportivo envolve manutenção e segurança dos equipamentos, local claro e seguro, boa estrutura de treinamento, expectativas comportamentais e de treinamento adequadamente estabelecidas (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011). Além disso, para que o desenvolvimento esportivo seja adequado, os ambientes devem promover a) segurança física e psicológica, b) estrutura apropriada, c) relações de suporte, d) oportunidades para pertencimento, e) normas sociais positivas, f) suporte eficaz, g) oportunidades para desenvolvimento de habilidades e h) integração da família, escola e comunidade (NRCIM, 2004).

Nessa perspectiva, observa-se que o Brasil tem grande potencial para o desenvolvimento esportivo em todas as suas possíveis manifestações em qualquer lugar do país e em todas as modalidades esportivas. Porém, ao se tratar de esporte de alto rendimento, é necessário que os atletas busquem locais e contextos mais propícios para a sua evolução, com maiores oportunidades, visibilidade, estrutura mais adequada e treinadores mais qualificados, com maiores investimentos

financeiros. Essas oportunidades são mais favoráveis em grandes centros urbanos, principalmente na região Sudeste do país, onde se concentram os principais clubes formadores e clubes de destaque do voleibol brasileiro.



## 5 CONCLUSÕES

As evidências encontradas no presente estudo permitem concluir que a formação esportiva dos atletas de elite do voleibol brasileiro apresenta grande variedade de percursos e de aspectos influenciadores desse processo. Porém, foi possível identificar algumas tendências que podem elucidar a formação de atletas de voleibol no Brasil e esclarecer aspectos que possam justificar a sua posição de destaque no cenário internacional.

Inicialmente, verificou-se que o IAFEV é um instrumento válido e confiável para obter informações acerca da formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. O instrumento passou pelo processo de validação por avaliadores de alta qualidade e credibilidade na área temática estudada, os quais forneceram contribuições para que o instrumento se tornasse mais objetivo e que pudesse obter as informações necessárias. Além disso, a alta correlação entre os dados das duas aplicações e a verificação da consistência interna do instrumento possibilitam a obtenção adequada de informações sobre os aspectos que mais influenciaram na formação esportiva de atletas de voleibol. Assim, pode-se dizer que esse é um instrumento adequado para conhecer aspectos relacionados aos elementos dinâmicos nos estágios de formação esportiva de atletas profissionais e amadores.

De maneira geral, as evidências encontradas no presente estudo permitem concluir que a formação esportiva dos atletas de elite do voleibol brasileiro aconteceu por meio de atividades diversificadas no estágio inicial passando para atividades voltadas especificamente ao voleibol. Além dos atletas contarem com o alto incentivo dos pais no estágio inicial e dos treinadores durante todos os estágios, predominou a prática em espaços mais estruturados em todos os estágios.

Com relação ao engajamento pessoal nas atividades, observou-se que a formação esportiva dos atletas de elite do voleibol brasileiro aconteceu a partir do envolvimento inicial com atividades de jogo e prática deliberada, com aumento gradativo na duração semanal das atividades de prática deliberada e diminuição do jogo deliberado. Esse cenário corresponde à indicação da literatura internacional, que destaca as influências positivas das atividades de lazer no estágio inicial para posterior envolvimento com o ambiente de prática sistematizada e busca pelo rendimento esportivo.

Em contrapartida, o momento em que essa transição ocorreu nos atletas brasileiros se diferenciou dos estágios iniciais sugeridos pela literatura. O equilíbrio entre as atividades de prática deliberada e jogo

deliberado aconteceu no estágio inicial da formação dos atletas de voleibol (diversificação), quando o indicado seria que acontecesse a partir do segundo estágio (especialização). Tal fato pode estar associado a abrangência territorial do país, com diferentes culturas, oportunidades e políticas de desenvolvimento esportivo, que afetam diretamente o envolvimento das crianças e jovens com o esporte.

Na verificação das diferenças entre os sexos no envolvimento com atividades físicas e esportivas, as evidências encontradas permitem afirmar que não há diferenças entre os sexos nas atividades de jogo deliberado, indicando que o envolvimento com atividades não sistematizadas foi similar entre meninos e meninas. Ao considerar as características dos participantes da pesquisa, os quais correspondem aos atletas de elite do voleibol brasileiro, essas diferenças de envolvimento podem não ter influenciado na alternativa de praticar ou não atividade física e esportiva, mas no tipo de atividade a se envolver.

Assim, as diferenças encontradas entre os sexos feminino e masculino nos padrões de envolvimento com atividades específicas e esportivas revelam indícios de que o processo de especialização esportiva no voleibol acontece mais cedo entre as meninas do que entre os meninos. Enquanto as meninas revelaram um envolvimento mais intensificado com atividades de prática deliberada no voleibol, os meninos tenderam a se envolver com maior diversificação de atividades dentro de cada estágio de formação esportiva. Acredita-se que tais aspectos devem ser levados em consideração durante a montagem de programas esportivos, bem como orientar o envolvimento de pais, treinadores e dirigentes, para que o desenvolvimento esportivo seja adequado para meninos e meninas, buscando a equidade de oportunidades, sem deixar de lado as especificidades de cada grupo.

No que diz respeito às relações interpessoais percebeu-se que distintos agentes sociais são importantes no processo de formação esportiva, porém os treinadores foram aqueles que receberam maior destaque dentre os atletas de elite do voleibol brasileiro. Na fase inicial da formação esportiva, os pais têm influência mais direta. Contudo, na medida em que o adolescente se desenvolve, o maior incentivo passa a ser percebido por parte dos treinadores, que têm assumido as responsabilidades do desenvolvimento técnico-tático esportivo, bem como das demais esferas de desenvolvimento humano.

As relações interpessoais são fundamentais para criar um ambiente adequado de desenvolvimento esportivo, seja no contexto da prática de atividades físicas e esportivas de maneira geral, quanto no contexto no alto rendimento. O incentivo à prática e o envolvimento



direto e indireto dos diferentes agentes sociais têm facilitado a formação esportiva específica e também o desenvolvimento positivo dos jovens.

A análise dos contextos de prática de atividades físicas e esportivas revelou que os clubes são os locais mais citados durante a formação esportiva dos atletas de elite investigados. Apesar das diferentes possibilidades e contextos de prática, o voleibol tem características específicas que fazem com que sua prática seja mais comumente realizada em ambientes fechados, estruturados e com materiais específicos, como é o caso do clube esportivo. Os dados revelaram também que a mudança para locais de prática mais estruturados, verificada ao longo dos estágios da formação esportiva, juntamente com a mobilidade para grandes centros urbanos são essenciais para atingir a *performance* de elite em uma modalidade esportiva. Os atletas que apresentam esse tipo de ambição devem buscar locais específicos, que tenham boa estrutura e materiais, pessoal qualificado e adequado planejamento das atividades e das sessões de treinamento.

Um dos principais fatores que interferem na formação é a cultura esportiva de cada cidade, de cada país, dependendo das oportunidades e do tipo de modalidade praticada naquele local. No contexto brasileiro, pode-se observar que, quanto maior a cidade, maiores são as oportunidades de prática esportiva formalizada em diferentes modalidades, maiores são os investimentos de patrocinadores e da mídia, proporcionando maiores possibilidades de desenvolvimento esportivo para jovens, principalmente a partir dos anos de investimento esportivo.

De maneira geral, pôde-se concluir que o processo de desenvolvimento esportivo compreende um complexo sistema de ações, relações e contextos que deverão, em conjunto, proporcionar experiências positivas e satisfatórias aos jovens praticantes. Independentemente do objetivo final a ser alcançado na idade adulta (participação ou *performance* esportiva), a formação esportiva deve ser acessível a todos, de maneira a fomentar a busca do melhor rendimento e também a evolução dos praticantes.

### **Implicações práticas**

Os elementos dinâmicos da formação esportiva, os quais compreendem o engajamento pessoal em atividades físicas e esportivas, as relações interpessoais e os contextos de prática, possuem influência

direta na formação esportiva. Como esse processo deve ocorrer em longo prazo, as atividades devem mudar de características, visando inicialmente a ampla aquisição de repertório motor para posterior aperfeiçoamento em uma modalidade específica. Durante todo esse processo, torna-se fundamental o apoio e o incentivo dos agentes sociais que fazem parte do cotidiano dos jogadores, tendo em vista que todos são responsáveis por criar uma atmosfera positiva de desenvolvimento esportivo. Além disso, os contextos de prática devem ser adequados, com oportunidades para o envolvimento diversificado e específico em atividades físicas e esportivas, a partir da criação de amplas oportunidades em diferentes locais, estados e regiões, para que a mobilidade para os grandes centros de referência aconteça somente no momento de iniciar o aperfeiçoamento de elite.

Embora caminhos distintos possam ser percorridos, tanto no que diz respeito à formação de atletas de elite quanto de praticantes de esportes por toda a vida, modelos internacionais têm apontado alguns indícios que facilitam o desenvolvimento positivo de crianças e jovens. Adaptações culturais e contextuais devem ser realizadas para atender aos anseios dos praticantes, em conjunto com as metas formativas e esportivas durante o longo processo de formação, visando a manutenção do esporte para toda a vida.

Mais especificamente, as informações sobre a formação esportiva de atletas, obtidas por meio do IAFEV, permitem aos responsáveis pelo desenvolvimento esportivo, como pais, treinadores e dirigentes, melhor orientar suas ações e programas, no sentido de assegurar uma formação cada vez mais ampla e qualificada de atletas e praticantes de esportes. Além disso, constata-se que é necessário que políticas públicas de investimento no setor esportivo seja mais bem distribuídas e que o incentivo à prática do voleibol e de outras modalidades não se restrinja à possibilidade de alto rendimento. Mesmo ao se considerar as características de cada população e as especificidades da modalidade em questão, há necessidade de concentrar esforços para superar a tendência patriarcal do esporte (voltado, prioritariamente, para o público masculino), no sentido de prevalecer a equidade de oportunidades dentro da sociedade.

Por fim, as evidências do presente estudo podem contribuir na elaboração e no desenvolvimento de programas esportivos que envolvam crianças e jovens, reconhecendo alguns aspectos que poderão auxiliar na criação de um modelo de formação esportiva mais adequado ao contexto brasileiro.

## **Sugestões para estudos futuros**

A continuidade dos estudos é sugerida, principalmente com o emprego da abordagem qualitativa, no sentido de compreender, com maior profundidade, as características dos elementos dinâmicos que mais têm favorecido a formação esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. Sugere-se o emprego de diferentes estratégias para obtenção de dados da trajetória esportiva de atletas de voleibol, como entrevistas, *timeline*, acompanhamento com diário de campo, entre outros. Estudos longitudinais ou longitudinais mistos configuram-se como importantes estratégias de pesquisa, principalmente para analisar a prática deliberada e jogo deliberado de novas gerações de atletas.

Por fim, torna-se importante a verificação da aplicação de modelos internacionais, de maneira geral e específica, em diferentes modalidades esportivas, tendo em vista as especificidades do contexto brasileiro. Sugere-se também, a realização de estudos com praticantes de atividades físicas e esportivas em nível recreacional, no intuito de verificar se as influências observadas nos atletas de elite se refletem também nesses praticantes.



## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, A., et al. **Developing the potential of young people in sport**. Edinburg: Sportscotland, 2007. 192 p.
- AIKEN, L. Three coefficients for analyzing the reliability and validity of ratings. **Educational and Psychological Measurement**, v. 45, n. 1, p. 131-143, 1985.
- ALMEIDA, B. S., et al. O "país do futebol" que joga com as mãos - a gestão esportiva da Confederação Brasileira de Voleibol. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 2, n. 2, p. 144-162, 2012.
- ANDREFF, W. Why Tax International Athlete Migration? The 'Coubertobin' Tax in a Context of Financial Crisis. In: MAGUIRE, J.; FALCOUS, M. (Ed.). **Handbook on Sport and Migration**: Routledge, 2010. p. 31-45.
- APOSTOLOU, M. The Athlete and the Spectator Inside the Man. **Cross-Cultural Research**, v. 49, n. 2, p. 151-173, 2014.
- ATO, M.; LÓPEZ, J. J.; BENAVENTE, A. Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. **Anales de Psicología**, v. 29, n. 3, p. 1038-1059, 2013.
- BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Learning from the experts: Practice activities of expert decision-makers in sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 74, n. 3, p. 342-347, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 12-25, 2003b.
- BAKER, J., et al. Circumstantial development and athletic excellence: The role of date of birth and birthplace. **European Journal of Sport Science**, v. 9, n. 6, p. 329-339, 2009.
- BAKER, J.; WATTIE, N.; SCHORER, J. Defining expertise: A taxonomy for researchers in skill acquisition and expertise. In: BAKER,

J.; FARROW, D. (Ed.). **The Routledge Handbook of Sport Expertise**. London: Routledge, 2015. p. 145–155.

BAKER, J.; YOUNG, B. 20 years later: deliberate practice and the development of expertise in sport. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 135-157, 2014.

BALISH, S.; CÔTÉ, J. The influence of community on athletic development: an integrated case study. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 6, n. 1, p. 98-120, 2013.

BALISH, S. M., et al. Sex differences in sport remain when accounting for countries' gender inequality. **Cross-Cultural Research**, v. 50, n. 5, p. 395-414, 2016.

BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A. M. Training and psychosocial patterns during the early development of Portuguese national team athletes. **High Ability Studies**, v. 24, n. 1, p. 49-61, 2013.

BERGERON, M. F., et al. International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. **British Journal of Sports Medicine**, v. 49, p. 843-851, 2015.

BERRY, J.; ABERNETHY, B.; CÔTÉ, J. The contribution of structured activity and deliberate play to the development of expert perceptual and decision-making skill. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 30, n. 6, p. 685-708, 2008.

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2004. 334 p.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.

BOX, G. E. P.; COX, D. R. An analysis of transformation. **Journal of the Royal Statistical Society**, v. 26, n. 2, p. 211-252, 1964.

BRADLEY, J.; KEANE, F.; CRAWFORD, S. School sport and academic achievement. **Journal of School Health**, v. 83, n. 1, p. 8-13, 2013.

BRASIL. **Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998.** Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Brasília: Diário Oficial da União 1998.

BRONFRENBERGER, U. **The ecology of human development: Experiments by nature and design.** Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRUNER, M. W.; EYES, M. A.; TURNNIDGE, J. Peer and group influences in youth sport. In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Ed.). **Conditions of children`s talent development in sport.** Morganton: Fitness Information Technology, 2013. p. 157-178.

BRUNER, M. W., et al. Examination of birthplace and birthdate in World Junior ice hockey players. **Journal of Sports Science**, v. 29, n. 12, p. 1337-1344, 2011.

CAMPOS, L. T. D. S.; VIGÁRIO, P. D. S.; LÜRDOF, S. M. A. Fatores motivacionais de jovens atletas de vôlei. **Motriz, Rio Claro**, v. 33, n. 2, p. 303-317, 2011.

CÁRDENAS, M.; ARANCIBIA, H. Potencia estadística y cálculo del tamaño del efecto en G\*power: Complementos a las pruebas de significación estadística y su aplicación en psicología. **Salud & Sociedad**, v. 5, n. 2, p. 210-224, 2014.

CARRETERO-DIOS, H.; PÉREZ, C. Normas para el desarrollo y revisión de estudios instrumentales. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 5, p. 521-551, 2005.

CASADO-ALDA, A.; RUIZ-PÉREZ, L. M. Los corredores kenianos y españoles de larga distancia y su práctica deliberada. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 26, n. 2, p. 55-61, 2017.

CASSEPP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, L. (Ed.). **Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas.** Porto Alegre: ARTMED, 2009. p. 506-520.

CASTEJÓN-OLIVA; SANTOS-PASTOR; PALACIOS-PICOS. Cuestionario sobre metodología y evaluación en formación inicial en Educación Física. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v. 15, n. 58, p. 245-267, 2015.

CHALABAEV, A., et al. The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 14, n. 2, p. 136-144, 2013.

COAKLEY, J.; WHITE, A. Making decisions: gender and sport participation among British adolescents. **Sociology of Sport Journal**, v. 9, p. 20-35, 1992.

COBLEY, S., et al. Annual age-grouping and athlete development: a meta-analytical review of relative age effects in sport. **Sport Medicine**, v. 39, n. 3, p. 235-256, 2009.

COHEN, J. A Power Primer. **Psychological Bulletin [PsycARTICLES]**, v. 112, n. 1, p. 155-159, 1992.

COLLET, C., et al. Construção e validação do instrumento de avaliação do desempenho técnico-tático no voleibol. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 13, n. 1, p. 43-51, 2011.

COOKY, C., et al. Gender and sport participation in Montenegro. **International Review for the Sociology of Sport Journal**, v. 51, n. 8, p. 917-939, 2016.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

COSTA, M. M. Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade – o caso do vôlei de praia. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 1, p. 35-69, 2007.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.



\_\_\_\_\_. Coach and peer influence on children's development through sport. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. (Ed.). **Psychological foundations of sport**. Boston, MA: Allyn and Bacon, 2002. p. 520-540.

CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. A developmental approach to sport expertise. In: MURPHY, S. (Ed.). **The Oxford handbook of sport and performance psychology**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 435-447.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. In: STARKES, J.; ERICSSON, K. A. (Ed.). **Expert Performance in Sports: Advances in Research on Sport Expertise**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2003. p. 89-113.

\_\_\_\_\_. Practice and play in the development of sport expertise. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (Ed.). **Handbook of Sport Psychology**. 3rd. ed. Hoboken/NJ: Wiley, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K. Diversification and deliberate play during the sampling years. In: BAKER, J.; FARROW, D. (Ed.). **Routledge Handbook of Sport Expertise**. London and New York: Routledge, 2015. p. 305-316.

CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A.; LAW, M. P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, p. 1-19, 2005.

CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. In: CROCKER, P. (Ed.). **Sport Psychology: a Canadian perspective**. Toronto: Pearson, 2007. p. 270-298.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. (Ed.). **Psychological**

**foundations of sport.** Boston, MA: Allyn and Bacon, 2002a. p. 503-519.

\_\_\_\_\_. Family influences on youth sport participation and performance. In: SILVA, J.; STEVENS, D. (Ed.). **Psychological foundations of sport.** Boston/MA: Allyn and Bacon, 2002b. p. 503-519.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 9, n. 1, p. 7-17, 2009.

CÔTÉ, J., et al. When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 10, p. 1065-1073, 2006.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. In: GREEN, K.; SMITH, A. (Ed.). **Routledge Handbook of Youth Sport.** New York: Routledge, 2016. p. 243-255.

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, v. 29, n. Supl., p. 63-69, 2014.

COUTINHO, P., et al. How structured and unstructured sport activities aid the development of expertise in volleyball players. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 25, p. 51-59, 2016.

COUTINHO, P., et al. Patterns of sport participation in portuguese volleyball players according to expertise level and gender. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 9, n. 4, p. 579-592, 2014.

COUTINHO, P. A. D. S. **O Percurso para a Excelência no Desporto: Estudo Retrospectivo de Fatores de Treino e Psicossociais em**

**Voleibolistas Portugueses** 2014. 223 f. Tese de doutorado - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto. 2014.

CRONBACH, L. J. Coefficient Alpha and the Internal Structure of Tests. **Psychometrika**, v. 16, n. 3, p. 297-334, 1951.

CRONIN, L. D.; ALLEN, J. Development and initial validation of the Life Skills Scale for Sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 28, p. 105-119, 2017.

DEANER, R. O.; SMITH, B. A. Sex Differences in Sports Across 50 Societies. **Cross-Cultural Research**, v. 47, n. 3, p. 268-309, 2012.

DIOGO, F.; GONÇALVES, C. E. The path to expertise in youth sport: using a retrospective interview in three different competitive contexts. **Perceptual & Motor Skills: Exercise & Sport**, v. 118, n. 2, p. 317-330, 2014.

DROST, E. A. Validity and Reliability in Social Science Research. **Education Research and Perspectives**, v. 38, n. 1, p. 105-123, 2011.

DUNN, J. G. H.; BOUFFARD, M.; ROGERS, W. T. Assessing Item Content-Relevance in Sport Psychology Scale-Construction Research: Issues and Recommendations. **Measurement in Physical Education and Exercise Science**, v. 3, n. 1, p. 15-36, 1999.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, p. 154-171, 2002.

EIME, R. M., et al. Population levels of sport participation: implications for sport policy. **BMC Public Health**, v. 16, p. 1-8, 2016.

ERICKSON, K.; GILBERT, W. Coach-athlete interactions in children's sport. In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Ed.). **Conditions of children's talent development in sport**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2013. p. 139-156.

ERICSSON, K. A. Development of elite performance and deliberate practice. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. (Ed.). **Expert Performance in Sports: Human Kinetics**, 2003. p. 50-83.

\_\_\_\_\_. The influence of experience and deliberate practice on the development of superior expert performance. In: ERICSSON, K. A., et al (Ed.). **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 683-703.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

ESCOBAR-PÉREZ, J.; CUERVO-MARTÍNEZ, Á. Validez de contenido y juicio de expertos: Una aproximación a su utilización. **Avances en Medicina**, v. 6, p. 27-36, 2008.

ESCURRA, L. M. Cuantificación de la validez de contenido por criterio de jueces. **Revista de Psicología**, v. 6, p. 103-111, 1988.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 42-51, 2012.

FIELD, A. **Discoveryin Statistics Using SPSS**. London: SAGE Publications, 2009. 857 p.

FITZGERALD, A.; FITZGERALD, N.; AHERNE, C. Do peers matter? A review of peer and/or friends' influence on physical activity among American adolescents. **J Adolesc**, v. 35, n. 4, p. 941-58, 2012.

FIVB. **Federation Internationale de Volleyball World Rankings**. 2017a. Disponível em: <<http://www.fivb.org/en/volleyball/Rankings.asp>>. Acesso em 20/6/2017.

\_\_\_\_\_. 35th FIVB Congress 2016. **Official Volleyball Rules 2017-2020**. 2017b. >. Acesso em 20/12.

FLINTOFF, A.; FOSTER, R.; WYSTAWNOHA, S. Promoting and sustaining high quality physical education and school sport through

school sport partnerships. **European Physical Education Review**, v. 17, n. 3, p. 341-351, 2011.

FOLLE, A., et al. Elementos do microssistema esportivo: estudo em contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 3, p. 106-124, 2017.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V.; SOUZA, E. R. Estrutura e finalidades do ambiente esportivo: estudo de caso em clube de basquetebol feminino. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, n. 4, p. 23-37, 2015.

FOLLE, A., et al. Construção e validação preliminar de instrumento de avaliação do desempenho técnico-tático individual no basquetebol. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 3, p. 405-418, 2014.

FORD, P. R., et al. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. **High Ability Studies**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FORSMAN, H., et al. The role of sport-specific play and practice during childhood in the development of adolescent Finnish team sport athletes. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 11, n. 1, p. 69-77, 2016.

FRASER-THOMAS, J.; BEESLEY, T. Family and peer influences on the development of sport expertise. In: BAKER, J.; FARROW, D. (Ed.). **Routledge Handbook of Sport Expertise**. New York: Routledge, 2015. p. 329-346.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, p. 645-662, 2008.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; MACDONALD, D. J. Community size in youth sport settings: examining developmental assets and sport withdrawal. **Physical & Health Education Academic Journal**, v. 2, n. 2, 2010.

FRASER-THOMAS, J.; STRACHAN, L.; JEFFERY-TOSONI, S. Family influence on children's involvement in sport. In: CÔTÉ, J.;

LIDOR, R. (Ed.). **Conditions of children's talent development in sport**. Morgantown: Copyright, 2013. p. 179-196.

FREDRICKS, J. A.; ECCLES, J. S. Family socialization, gender, and sport motivation and involvement. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 27, p. 3-31, 2005.

GAGNÉ, F. **Building gifts into talents: Brief overview of the DMGT 2.0 (Differentiated Model of Giftedness and Talent)**. 2008

GALATTI, L. R. **Esporte e clube sócio-esportivo: Percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol** 2010. 306 f. f. Tese de doutorado - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinsa/SP. 2010.

GALATTI, L. R., et al. Fostering Elite Athlete Development and Recreational Sport Participation: a Successful Club Environment. **Motricidade**, v. 12, n. 3, p. 20, 2016.

GARCÍA-MARTÍN, A.; ANTÚNEZ, A.; IBÁÑEZ, S. J. Análisis del proceso formativo en jugadores expertos: validación de instrumento / Analysis of expert players' training process: validation of tools. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v. 16, n. 61, p. 157-182, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, A., et al. La deportividad en escolares según su sexo, nivel educativo y el entorno del centro. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 11, n. 3, p. 209-211, 2015.

GONZÁLEZ, S., et al. Programas de intervención para la enseñanza deportiva en el contexto escolar, PETB y PEAB: Estudio preliminar. **Retos**, v. 31, p. 107-113, 2017.

GRISSOM, R. J.; KIM, J. J. **Effect sizes for research: univariate and multivariate applications**. New York: Routledge - Taylor & Francis Group, 2012.

GULLICH, A. International medallists' and non-medallists' developmental sport activities - a matched-pairs analysis. **Journal of Sports Science**, v. 35, n. 23, p. 2281-2288, 2017.

GULLICH, A.; EMRICH, E. Considering long-term sustainability in the development of world class success. **European Journal of Sport Science**, v. 14, n. 1, p. 383-397, 2014.

HANCOCK, D. J.; ADLER, A. L.; CÔTÉ, J. A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport. **Eur J Sport Sci**, v. 13, n. 6, p. 630-7, 2013.

HANCOCK, D. J., et al. Influences of population size and density on birthplace effects. **Journal of Sports Science**, v. 36, n. 1, p. 33-38, 2017.

HARWOOD, C. G.; KNIGHT, C. J. Parenting in youth sport: a position paper on parenting expertise. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, n. 1, p. 24-35, 2015.

HAUGAASEN, M.; TOERING, T.; JORDET, G. From childhood to senior professional football: A multi-level approach to elite youth football players' engagement in football-specific activities. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 15, p. 336-344, 2014.

HELLSTEDT, J. Invisible players: A family systems model. **Clinics in Sports Medicine**, v. 24, p. 899-928, 2005.

HENDRY, D. T.; CROCKER, P. R.; HODGES, N. J. Practice and play as determinants of self-determined motivation in youth soccer players. **Journal of Sports Science**, v. 32, n. 11, p. 1091-1099, 2014.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 11, n. 3, p. 212-222, 2010a.

\_\_\_\_\_. Successful talent development in track and field: considering the role of environment. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 20, n. 2, p. 122-132, 2010b.

\_\_\_\_\_. Riding the Wave of an Expert: A Successful Talent Development Environment in Kayaking. **The Sport Psychologist**, v. 25, n. 3, p. 341-362, 2011.

HERNÁNDEZ-SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ-COLLADO, C.; BAPTISTA-LUCIO, M. D. P. **Metodologia de la Investigacion**. 6 ed. México: Mc Graw Hill Education, 2014. 634 p.

HOLT, N. L., et al. Levels of social complexity and dimensions of peer experiences in youth sport. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 30, p. 411-431, 2008.

HOPWOOD, M. J., et al. Sibling dynamics and sport expertise. **Scand J Med Sci Sports**, v. 25, n. 5, p. 724-33, 2015.

HORNIG, M.; AUST, F.; GULLICH, A. Practice and play in the development of German top-level professional football players. **European Journal of Sport Science**, v. 16, n. 1, p. 96-105, 2016.

HYRKÄS, K.; APPELQVIST-SCHMIDLECHNER, K.; OKSA, L. Validating an instrument for clinical supervision using an expert panel. **International Journal of Nursing Studies**, v. 40, n. 6, p. 619-625, 2003.

INTERDONATO, G. C., et al. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. **Motriz, Rio Claro**, v. 14, n. 1, p. 63-55, 2008.

JEWETT, R., et al. School sport participation during adolescence and mental health in early adulthood. **Journal of Adolescent Health**, v. 55, n. 5, p. 640-4, 2014.

KEEGAN, R. J., et al. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, p. 361-372, 2009.

KNIGHT, C. J., et al. Influences on parental involvement in youth sport. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 5, n. 2, p. 161-178, 2016.



KYTTÄ, M. Affordances of childrens environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in finland and Belarus. **Journal of Environmental Psychology**, v. 22, p. 109-123, 2002.

LARSON, R. W. Toward a psychology of positive youth development. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 170-183, 2000.

LAUER, L., et al. Parental behaviors that affect junior tennis player development. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 11, n. 6, p. 487-496, 2010.

LIDOR, R., et al. Relative Age and Birthplace Effects in Division 1 Players – Do They Exist in a Small Country? **Talent Development & Excellence**, v. 2, n. 2, p. 181-192, 2010.

LIMA, E. P., et al. Cross-cultural adaptation of the Posttraumatic Stress Disorder Checklist 5 (PCL-5) and Life Events Checklist 5 (LEC-5) for the Brazilian context. **Trends Psychiatry Psychother**, v. 38, n. 4, p. 207-215, 2016.

LOMBARDO, M. P. On the evolution of sport. **Evolutionary Psychology**, v. 10, n. 1, p. 1-28, 2012.

LUCENA-SANTOS, P., et al. Body-Image Acceptance and Action Questionnaire: Its deleterious influence on binge eating and psychometric validation. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 17, n. 2, p. 151-160, 2017.

LYNN, M. R. Determination and quantification of content validity. **Nursing Research**, v. 35, n. 6, p. 382-386, 1986.

MACDONALD, D. J.; BAKER, J. Circumstantial development: Birthdate and birthplace effects on athlete development. In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Ed.). **Conditions of Children's Talent Development in Sport**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2013. p. 197-208.

MACDONALD, D. J., et al. Place but not date of birth influences the development and emergence of athletic talent in American Football. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 21, p. 80-90, 2009a.

MACDONALD, D. J., et al. Birthplace effects on the development of female athletic talent. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 12, p. 234-237, 2009b.

MACPHERSON, E.; KERR, G.; STIRLING, A. The influence of peer groups in organized sport on female adolescents' identity development. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 23, p. 73-81, 2016.

MAIA, J. A. R. **Abordagem antropobiológica da seleção em desporto** 1993. 389 f. Tese de doutorado - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, Portugal. 1993.

MANCHOLA-GONZÁLEZ, J.; BAGUR-CALAFAT, C.; GIRABENT-FARRÉS, M. Fiabilidad de la versión española del cuestionario de actividad física PAQ-C. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v. 17, n. 65, p. 139-152., 2017.

MARONI, F. C.; MENDES, D. R.; BASTOS, F. V. C. Gestão do voleibol no Brasil: O caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 2, p. 239-248, 2010.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. D.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento, Porto Alegre**, v. 13, n. 3, p. 225-242, 2007.

MARQUES, R. F. R., et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo**, v. 28, n. 2, p. 293-304, 2014.

MARTÍN, M. D. C., et al. Diferencias de género en los hábitos de actividad física de la población adulta en la Comunidad de Madrid. **RICYDE. Revista internacional de ciencias del deporte**, v. 10, n. 38, p. 319-335, 2014.

MATIAS, C. J. A. D. S.; GRECO, P. J. De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo**, v. 10, n. 2, p. 49-63, 2011.

MEMMERT, D.; BAKER, J.; BERTSCH, C. Play and practice in the development of sport-specific creativity in team ball sports. **High Ability Studies**, v. 21, n. 1, p. 3-18, 2010.

MENDES, F. G. **A trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol brasileiro 2017**. 124 f. Dissertação de mestrado - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017.

MERINO, C. S.; JOSÉ LIVIA, J. S. Intervalos de confianza asimétricos para el índice la validez de contenido: Un programa Visual Basic para la V de Aiken. **Anales de Psicología**, v. 25, n. 1, p. 169-171, 2009.

MESQUITA, I. O ensino do voleibol: uma proposta metodológica. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. Porto: FCDEF-UP, 1998. p. 153-199.

\_\_\_\_\_. Refundar a cooperação escola-clubes no desporto de crianças e jovens. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Ed.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2004. p. 143-170.

MESQUITA, I. A magnitude adaptativa da técnica nos jogos desportivos: fundamentos para o treino. In: TAVARES, F., et al (Ed.). **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos**. Porto: Editora da FADEUP, 2008. p. 93-107.

MILISTETD, M., et al. Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 1, p. 79-93, 2010.

MILISTETD, M., et al. Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 165-172, 2014.

MIRANDA, Y. D. H. B. D., et al. A importância da gestão esportiva no desenvolvimento do voleibol brasileiro: estratégias da Confederação Brasileira de Voleibol. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 13-23, 2016.

MONTERO, I.; LEÓN, O. G. A guide for naming research studies in Psychology. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 7, n. 3, p. 847-862, 2007.

NRCIM. **National Research Council and the Institute of Medicine: Community programs to promote youth development**. Washington: National Academy of Sciences, 2004.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAZO, C. I.; SÁENZ-LÓPEZ, P.; FRADUA, L. Influencia del contexto deportivo en la formación de los futbolistas de la selección española de fútbol. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 21, n. 2, p. 291-299, 2012.

PEDERSEN, D. M. Intrinsic-extrinsic factors in sport motivation. **Perceptual and Motor Skills**, v. 95, p. 459-476, 2002.

PENFIELD, R. D.; GIACOBBI, P. R. Applying a Score Confidence Interval to Aiken's Item Content-Relevance Index. **Measurement in Physical Education and Exercise Science**, v. 8, n. 4, p. 213-225, 2004.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM, Maringá**, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

PETITPAS, A. J., et al. A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. **The Sport Psychologist**, v. 19, p. 63-80, 2005.

PETROSKI, E. L., et al. Características antropométricas, morfológicas e do somatotipo de atletas voleibolistas da seleção brasileira masculino: estudo descritivo de 11 anos (1995-2005). **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 15, n. 2, 2013.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas**. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento 2017. 392 p.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Nursing Research: Principles and Methods**. 7 ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2003. 746 p.

PRIETO, G.; DELGADO, A. R. Fiabilidad y Validez. **Papeles del Psicólogo**, v. 31, n. 1, p. 67-74, 2010.

ROBLES RODRÍGUEZ, A., et al. Validación de una entrevista para estudiar el proceso formativo de judokas de élite / Validation of an Interview for Study the Process of Formation of Elite Judokas. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v. 16, n. 64, p. 723-738, 2016.

RODRÍGUEZ-HERNÁNDEZ, A., et al. Prevalencia y distribución de la inactividad física y el exceso de peso en la población española en edad escolar. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 7, n. 3, p. 157-168, 2011.

ROSSETTI, C. B.; SOUZA, M. T. C. C. D. Preferência lúdica de uma amostra de crianças e adolescentes da cidade de Vitória. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 7, n. 2, p. 87-114, 2005.

ROSSING, N. N., et al. The role of community in the development of elite handball and football players in Denmark. **European Journal of Sport Science**, v. 16, n. 2, p. 237-245, 2016.

ROSSING, N. N., et al. Influence of population size, density, and proximity to talent clubs on the likelihood of becoming elite youth athlete. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 27, n. 12, p. 1-10, 2017.

ROTHER, R. L. **Análise da formação de atletas no voleibol brasileiro sob a perspectiva da teoria bioecológica do desenvolvimento humano** 2014. 119 f. - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, Lajeado/RS. 2014.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the motivation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000.

SÁENZ-LÓPEZ, P., et al. Multifactor characteristics in the process of development of the male expert basketball player in Spain. **Internacional Journal of Sport Psychology**, v. 36, n. 2, p. 151-171, 2005.

SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C. A. A. Tradução e validade de conteúdo do Youth Sport Value Questionnaire 2. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 4, p. 383-388, 2015.

SALMELA, J. H. Stages and transitions across sports career. In: (?), D. J. (Ed.). **Psycho-social issues and interventions in elite sports**. Frankfurt: Lang, 1994. p. 11-28.

SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of expertise: the role of coaching, families and cultural contexts. In: STARKES, J. L. E. K. A. (Ed.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 275-293.

SAMPAIO, J.; IBÁÑEZ, S. J.; FEU, S. Discriminative power of basketball game-related statistics by level of competition and sex. **Perceptual and Motor Skills**, v. 99, p. 1231-1238, 2004.

SANTOS, A. J. F. D. O. **O Percurso para a Excelência: Estudo de caso com a atleta de basquetebol "Ticha" Penicheiro** 2011. 145 f. Dissertação de mestrado - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2011.

SENEFELD, J.; SMITH, C.; HUNTER, S. K. Sex Differences in Participation, Performance, and Age of Ultramarathon Runners. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 11, n. 7, p. 635-42, 2016.

SHERRY, E.; OSBORNE, A.; NICHOLSON, M. Images of sports women: A review. **Sex Roles**, v. 74, n. 7-8, p. 299-309, 2015.

SKJONG, R.; WENTWORTH, B. H. **Expert Judgment And Risk Perception**: International Society of Offshore and Polar Engineers 2001.

SLATER, A.; TIGGEMANN, M. Gender differences in adolescent sport participation, teasing, self-objectification and body image concerns. **Journal of Adolescence**, v. 34, n. 3, p. 455-63, 2011.

SOARES, B. R. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação (on line)**, v. 1, n. 6, p. 55-63, 1999.

SOBERLAK, P.; CÔTÉ, J. The developmental activities of elite ice hockey players. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 41-49, 2003.

SOSNIAK, L. A. Retrospective Interviews in the study of expertise and expert. In: ERICSSON, K. A., et al (Ed.). **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 287-302.

STAMBULOVA, N. B. Developmental sports career investigations in Russia: A post-Perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, v. 8, p. 221-237, 1994.

STAMM, C., et al. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. **Interações**, v. 14, n. 2, p. 251-265, 2013.

STORM, L., et al. Influential relationships as context of learning and becoming elite: athletes' retrospective interpretations. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 9, n. 6, p. 1341-1356, 2014.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 3, n. 1, p. 9-32, 2011.

SURYA, M., et al. A comparison of developmental activities of elite athletes born in large and small cities. **PHEnex Journal**, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2012.

TAYLOR, R. D.; COLLINS, D.; CARSON, H. J. Sibling interaction as a facilitator for talent development in sport. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 2, p. 219-230, 2017.

TELFORD, R. M., et al. Why Are Girls Less Physically Active than Boys? Findings from the LOOK Longitudinal Study. **PLoS One**, v. 11, n. 3, p. 1-11, 2016.

TURNNIDGE, J.; HANCOCK, D. J.; CÔTÉ, J. The influence of birth date and place of development on youth sport participation. **Scand J Med Sci Sports**, v. 24, n. 2, p. 461-8, 2014.

UNESCO, U. N. E. S. A. C. O. **Third International Conference of Ministers and Senior Officials Responsible for Physical Education and Sport (MINEPS III)**. Third International Conference of Ministers and Senior Officials Responsible for Physical Education and Sport (MINEPS III). Punta del Este, Uruguay: 1-61 p. 1999.

VAZOU, S.; NTOUMANIS, N.; DUDA, J. L. Peer motivational climate in youth sport: a qualitative inquiry. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 6, p. 497-516, 2005.

VELLA, S.; OADES, L.; CROWE, T. The Role of the Coach in Facilitating Positive Youth Development: Moving from Theory to Practice. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 23, p. 33-48, 2011.

VIERIMAA, M., et al. Positive youth development: A measurement framework for sport. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 3, p. 600-614, 2012.

VILLAREJO, D., et al. Design, validation, and reliability of an observational instrument for ball possessions in rugby union. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 14, p. 955-967, 2014.

VINK, K.; RAUDSEPP, L.; KAIS, K. Intrinsic motivation and individual deliberate practice are reciprocally related: Evidence from a longitudinal study of adolescent team sport athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, n. 3, p. 1-6, 2015.

VOUTILAINEN, P.; LIUKKONEN, A. Senior Monitor - laadun arviointimittarin sisällön validiteetin määrittäminen. **Hoitotiede**, v. 1, p. 51-56, 1995.



WARD, P., et al. The road to excellence: deliberate practice and the development of expertise. **High Ability Studies**, v. 18, n. 2, p. 119-153, 2007.

WEISS, M. R.; BOLTER, N. D.; KIPP, L. E. Assessing impact of physical activity-based youth development programs: validation of the Life Skills Transfer Survey (LSTS). **Res Q Exerc Sport**, v. 85, n. 3, p. 263-78, 2014.

WUERTH, S.; LEE, M. J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 5, n. 1, p. 21-33, 2004.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D.; ALFERMANN, D. **Career transitions in competitive sports**. Suíça: FEPSAC, 1999.



## APÊNDICES



**APÊNDICE A: Instrumento de Avaliação da Formação Esportiva  
no Voleibol (IAFEV)**





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE DESPORTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**  
 Campus Universitário Trindade - Florianópolis - SC - Brasil



**QUESTIONÁRIO: FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL**

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Categoria atual na seleção brasileira: \_\_\_\_\_

Mês e ano de nascimento: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Cidade/estado em que você nasceu: \_\_\_\_\_

Cidade/estado em que passou a maior parte da infância (até 12 anos): \_\_\_\_\_

Cidade/estado em que passou a maior parte da pré-adolescência (13 a 15 anos): \_\_\_\_\_

Cidade/estado em que passou a maior parte da adolescência (16 a 18 anos): \_\_\_\_\_

Escolaridade:

Ensino Fundamental:

( ) escola pública

( ) escola particular

Ensino Médio:

( ) escola pública

( ) escola particular

Clube em que treina atualmente: \_\_\_\_\_

Clubes em que já treinou: \_\_\_\_\_

Com quantos anos foi federado a primeira vez no seu estado? \_\_\_\_\_

Ganha algum auxílio financeiro para treinar voleibol?

( ) salário, bolsa-atleta ( ) moradia, alimentação ( ) outro: \_\_\_\_\_ ( ) nenhum

Funções/posições em que já atuou:

( ) levantador ( ) meio ( ) entrada/ponta ( ) saída/oposto ( ) líbero

Principal função/posição em que atua:

( ) levantador ( ) meio ( ) entrada/ponta ( ) saída/oposto ( ) líbero

Participações em seleções de voleibol (assinale um X nos parênteses das seleções em que participou):

Seleções estaduais	Participação em competições sulamericanas	Participação em competições mundiais
<b>Feminino:</b> ( ) Infantil (sub-15) ( ) Infanto-juvenil (sub-17) ( ) Juvenil (sub-19)	<b>Feminino:</b> ( ) Sub-18 ( ) Sub-20 ( ) Sub-23	<b>Feminino:</b> ( ) Sub-18 ( ) Sub-20 ( ) Sub-23
<b>Masculino:</b> ( ) Infantil (sub-16) ( ) Infanto-juvenil (sub-18) ( ) Juvenil (sub-20)	<b>Masculino:</b> ( ) Sub-19 ( ) Sub-21 ( ) Sub-23	<b>Masculino:</b> ( ) Sub-19 ( ) Sub-21 ( ) Sub-23

Caso você tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, indique seu nome e e-mail. Caso contrário, não há necessidade de preencher este espaço.

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

**Parte 2: ATIVIDADES PRATICADAS ATÉ OS 12 ANOS DE IDADE**

1. Assinale as atividades que você praticava nas aulas de Educação Física na escola até os 12 anos e assinale o quanto elas influenciaram seu interesse pela carreira esportiva.

Atividades praticadas na escola	Grau de influência				
	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
( ) esportes. Principais: _____	1	2	3	4	5
( ) jogos e brincadeiras	1	2	3	4	5
( ) dança	1	2	3	4	5
( ) ginástica	1	2	3	4	5
( ) lutas	1	2	3	4	5

2. Indique as atividades que você praticava até os 12 anos e, para cada uma delas, indique a característica da atividade, quantas horas por semana e assinale o número que corresponde à sua motivação pessoal.

Atividades físicas ou esportivas praticadas (inclusive brincadeiras de rua)	Característica (lazer ou treinamento)	Quantas horas por semana (aproximadamente)	Motivação pessoal para a prática				
			Muito baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito alta
1-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
2-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
3-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
4-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
5-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5

3. Indique uma ou duas das principais atividades que você praticava até os 12 anos e assinale o número que corresponde ao grau de incentivo (apoio) das pessoas citadas.

Principais atividades praticadas	Grupo de pessoas	Grau de Incentivo (apoio)				
		Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
1-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5
2-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5

4. Assinale os números que correspondem à qualidade dos locais e dos materiais disponíveis para as atividades físicas e esportivas que você praticava até os 12 anos.

Principais atividades praticadas	Local (rua, praça, clube, escola-fora dos horários de aula...)	Qualidade da estrutura do local					Qualidade dos materiais				
		Muito ruim	Ruim	Moderada	Boa	Muito boa	Muito ruim	Ruim	Moderada	Boa	Muito boa
1-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5



**Parte 3: ATIVIDADES PRATICADAS DOS 13 AOS 15 ANOS DE IDADE**

5. Assinale as atividades que você praticava nas aulas de Educação Física na escola dos 13 aos 15 anos e assinale o quanto elas influenciaram seu desenvolvimento como atleta.

Atividades praticadas na escola	Grau de influência				
	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
( ) esportes. Principais: _____	1	2	3	4	5
( ) jogos e brincadeiras	1	2	3	4	5
( ) dança	1	2	3	4	5
( ) ginástica	1	2	3	4	5
( ) lutas	1	2	3	4	5

6. Indique as atividades que você praticava dos 13 aos 15 anos e, para cada uma delas, indique a sua característica, quantas horas por semana e assinale o número que corresponde à sua motivação pessoal.

Atividades físicas ou esportivas praticadas (inclusive brincadeiras de rua)	Característica (lazer ou treinamento)	Quantas horas por semana (aproximadamente)	Motivação pessoal para a prática				
			Muito baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito alta
1-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
2-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
3-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
4-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
5-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5

7. Indique uma ou duas das principais atividades que você praticava dos 13 aos 15 anos e assinale o número que corresponde ao grau de incentivo (apoio) das pessoas citadas no quadro.

Principais atividades praticadas	Grupo de pessoas	Grau de Incentivo (apoio)				
		Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
1-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5
2-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5

8. Assinale os números que correspondem à qualidade dos locais e dos materiais disponíveis para as atividades físicas e esportivas que você praticava dos 13 aos 15 anos.

Principais atividades praticadas	Local (rua, praça, clube, escola-fora dos horários de aula...)	Qualidade da estrutura do local				Qualidade dos materiais					
		Muito ruim	Ruim	Moderada	Boa	Muito boa	Muito ruim	Ruim	Moderada	Boa	Muito boa
1-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

**Parte 4: ATIVIDADES PRATICADAS DOS 16 AOS 18 ANOS DE IDADE**

9. Assinale as atividades que você praticava nas aulas de Educação Física na escola dos 16 aos 18 anos e assinale o quanto elas influenciaram o desenvolvimento de sua carreira esportiva como atleta.

Atividades praticadas nas aulas de Educação Física escola	Grau de influência				
	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
( ) esportes. Principais: _____	1	2	3	4	5
( ) jogos e brincadeiras	1	2	3	4	5
( ) dança	1	2	3	4	5
( ) ginástica	1	2	3	4	5
( ) lutas	1	2	3	4	5

10. Indique as atividades que você praticava dos 16 aos 18 anos e, para cada uma delas, indique a sua característica, quantas horas por semana e assinale o número que corresponde à sua motivação pessoal.

Atividades físicas ou esportivas praticadas (inclusive brincadeiras de rua)	Característica (lazer ou treinamento)	Quantas horas por semana (aproximadamente)	Motivação pessoal para a prática				
			Muito baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito alta
1-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
2-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
3-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
4-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5
5-	( ) lazer ( ) treino		1	2	3	4	5

11. Indique uma ou duas das principais atividades que você praticava dos 16 aos 18 anos e assinale o número que corresponde ao grau de incentivo ou de apoio das pessoas citadas no quadro.

Principais atividades praticadas	Grupo de pessoas	Grau de Incentivo (apoio)				
		Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
1-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5
2-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5

12. Assinale os números que correspondem à qualidade dos locais e dos materiais disponíveis para as atividades físicas e esportivas que você praticava dos 16 aos 18 anos.

Principais atividades praticadas	Local (rua, praça, clube, escola-fora dos horários de aula...)	Qualidade da estrutura do local				Qualidade dos materiais					
		Muito ruim	Ruim	Moderada	Boa	Muito boa	Muito ruim	Ruim	Moderada	Boa	Muito boa
1-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

## **APÊNDICE B: Quadro geral de variáveis**



### Quadro de variáveis relacionadas ao do perfil sociodemográfico.

Variável	Tipo de variável	Tipo de reposta	Registro inicial	Nº
Sexo	Nominal	Feminino	Feminino	1
		Masculino	Masculino	2
Categoria	Nominal	Sub18 (n= 18)	Sub18	1
		Sub19 (n= 19)	Sub19	2
		Sub20 (n= 22)	Sub20	3
		Sub21 (n= 19)	Sub21	4
		Sub23 (n= 19)	Sub23	5
		Adulta feminina (n= 4)	Adulta feminina	6
		Adulta masculina (n= 1)	Adulta masculina	7
		Aposentados (n= 19)	Aposentados	8
Mês de nascimento	Nominal	Janeiro	Janeiro	1
		Fevereiro	Fevereiro	2
		Março	Março	3
		Abril	Abril	4
		Maiο	Maiο	5
		Junho	Junho	6
		Julho	Julho	7
		Agosto	Agosto	8
		Setembro	Setembro	9
		Outubro	Outubro	10
		Novembro	Novembro	11
		Dezembro	Dezembro	12
Idade	Intervalar	Idade no momento da coleta	Idade em meses	
Cidade de nascimento	Nominal	Cidade de nascimento	Tamanho da cidade de acordo com o senso do IBGE 2010	
Estado de nascimento	Nominal	Estado de nascimento		
Região de nascimento	Nominal	Região do país que nasceu e em cada fase	Região Norte (RO, AC, AM, RR, PA, AP, TO)	1
Região até 12 anos			Região Nordeste (MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA)	2
Região de 13 a 15 anos			Região Sudeste (MG, ES, RJ, SP)	3
			Região Sul (PR, SC, RS)	4

			Região Centro-oeste (MS, MT, GO, DF)	5
Região de 16 a 18 anos			Exterior	6
Escola Ensino Fundamental	Nominal	Pública	Pública	1
		Privada	Privada	2
Escola ensino médio	Nominal	Pública	Pública	1
		Privada	Privada	2
Procedência/ Região do clube atual ou último clube que atuou	Nominal	Região pertencente ao clube que atua ou último que atuou	Região Norte (RO, AC, AM, RR, PA, AP, TO)	1
			Região Nordeste (MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA)	2
			Região Sudeste (MG, ES, RJ, SP)	3
			Região Sul (PR, SC, RS)	4
			Região Centro-oeste (MS, MT, GO, DF)	5
			Exterior	6
Idade de início no voleibol (treino)	Intervalar	Idade de início anos treinos de voleibol		
Função atual	Nominal	Levantador	Levantador	1
		Entrada	Entrada	2
		Meio	Meio	3
		Saída	Saída	4
		Líbero	Líbero	5
Funções que já atuou	Nominal	Levantador	Sim	1
		Entrada		
		Meio		
		Saída	Não	2
Líbero				
Participação seleções estaduais	Nominal		Sim	1
			Não	2
Participação competições sul-americanas e mundiais sub18/sub19	Nominal		Sim	1
			Não	2
Participação competições sul-	Nominal		Sim	1
			Não	2

americanas e mundiais sub20/sub21				
Participação competições sul-americanas e mundiais sub23	Nominal		Sim	1
			Não	2





### Quadro de variáveis operacionais do estudo.

Dimensão	Variável	Tipo de variável	Tipo de resposta	Registro inicial	Nº	
ENGAJAMENTO PESSOAL EM ATIVIDADES	Influência dos esportes na escola	Ordinal	Percepção da influência das atividades realizadas na escola	Não teve/Muito baixo	1	
	Influência dos jogos na escola			Baixo	2	
	Influência da dança na escola			Moderado	3	
	Influência da ginástica na escola			Alto	4	
	Influência das lutas na escola			Muito alto	5	
	Quantidade de atividades de prática deliberada	Intervalar	Quantidade de atividades de treino			
	Quantidade de atividades de jogo deliberado			Quantidade de atividades de lazer		
	Duração semanal de atividades de prática deliberada	Intervalar	Duração aproximada das atividades de treino por semana			
	Duração das atividades de jogo deliberado			Duração aproximada das atividades de lazer por semana		
	Tipo de atividade de prática deliberada		Nominal	Atividades ou esportes realizados	Nada/nenhuma	1
					Só voleibol	2
Voleibol + 1 atividade					3	
Voleibol + 2 atividades					4	
Voleibol + 3 atividades					5	
Tipo de atividade de jogo deliberado		Nominal	Atividades ou esportes realizados	Voleibol + 4 atividades	6	
				1 atividade sem voleibol	7	
				2 atividades sem voleibol	8	
				3 atividades sem voleibol	9	
				4 atividades sem voleibol	10	
				5 atividades sem voleibol	11	

Dimensão	Variável	Tipo de variável	Tipo de resposta	Categorização	Nº
RELAÇÕES INTERPESSOAIS	Grau de incentivo para o voleibol – pais e familiares	Ordinal	Percepção do nível de incentivo para cada grupo de agentes sociais	Nenhum ou muito baixo	1
	Grau de incentivo para o voleibol – professores e treinadores			Baixo	2
	Grau de incentivo para o voleibol – pares e amigos			Moderado	3
				Alto	4
				Muito alto	5
	Grau de incentivo para outras atividades – pais e familiares	Ordinal	Percepção do nível de incentivo para cada grupo de agentes sociais	Nenhum ou muito baixo	1
	Grau de incentivo para outras atividades – professores e treinadores			Baixo	2
	Grau de incentivo para outras atividades – pares e amigos			Moderado	3
				Alto	4
				Muito alto	5
CONTEXTOS DE PRÁTICA	Local de prática: Clube	Nominal		Sim	1
	Local de prática: Escola				
	Local de prática: Rua/prça/prai				
	Local de prática: Academia				
	Local de prática: Ginásio municipal				
	Qualidade da estrutura voleibol	Ordinal	Percepção da qualidade da estrutura	Muito ruim	1
	Qualidade da estrutura outras			Ruim	2
				Regular	3
				Bom	4
				Muito bom	5
Qualidade dos materiais voleibol		Ordinal	Percepção da qualidade dos materiais	Muito ruim	1
Qualidade dos materiais outras	Ruim			2	
	Regular			3	
	Bom			4	
	Muito bom			5	

**APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –  
Atletas**





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis/SC – CEP: 88040-900  
Fone: (48) 3721-9926 Fax: (48) 3721-9792 – e-mail: ppgef@contato.ufsc.br



## TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO

Prezado(a) atleta.

Temos a honra de convida-lo(a) para participar de uma pesquisa sobre a carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. A pesquisa tem como título “CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE NO VOLEIBOL: um estudo com as seleções brasileiras” e corresponde a um projeto de doutorado vinculado ao Laboratório de Pedagogia do Esporte do Centro de Desportos e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Esta investigação tem como objetivo geral analisar a formação e o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite no voleibol. Espera-se que esta investigação possa fornecer informações importantes que permitam compreender a carreira esportiva de atletas de voleibol, identificando contextos, vivências e experiências que poderão servir de exemplo ou de orientação para a formação cada vez maior e mais qualificada de praticantes e atletas. Dessa forma, será possível apresentar indícios de como formar atletas de voleibol, visando melhorar a qualidade na formação esportiva e, consequentemente, manter o voleibol brasileiro como esporte amplamente praticado e também na condição de potência mundial.

A metodologia adotada prevê a coleta de dados a partir da aplicação de um questionário aos atletas integrantes das seleções brasileiras femininas das categorias Sub-18, Sub-20, Sub-23 e adulta e masculinas Sub-19, Sub-21, Sub-23 e adulta e de entrevistas semiestruturadas com os atletas de excelência de seleções adultas. O questionário será entregue aos atletas das categorias de base, juntamente com a explicação dos propósitos da pesquisa e solicitada a sua devolução devidamente preenchido. A entrevista com os atletas das categorias adultas serão gravadas em áudio, podendo gerar algum constrangimento ao relatar fatos importantes de sua carreira esportiva, porém serão tomados cuidados para que esses constrangimentos sejam minimizados.

A intervenção dos investigadores não afetará o desenvolvimento pleno das suas atividades profissionais. Informamos que você não terá despesas ou compensações financeiras relacionadas à sua participação, porém, caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido. Além disso, você terá a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você terá garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento sobre a pesquisa, inclusive poderá deixar de participar a qualquer momento se assim desejar, sem a necessidade de apresentar justificativas e sem prejuízos.

Os principais benefícios em participar da pesquisa é que você fornecerá informações que poderão auxiliar nos propósitos da pesquisa, que busca melhorar a qualidade no desenvolvimento de atletas de voleibol. Quanto aos riscos, serão tomadas todas as providências necessárias para a manutenção do sigilo das informações obtidas, bem como o seu anonimato, porém sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências poderão ser tratadas nos termos da lei. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente pelo Laboratório de Pedagogia do Esporte da UFSC, cujo acesso está limitado aos investigadores responsáveis. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados, de maneira geral, em revistas e congressos científicos, visando o compartilhamento de conhecimentos acerca do voleibol, porém não serão

divulgados nomes, instituições ou qualquer informação relacionada à privacidade ou que possibilitem a sua identificação.

Os pesquisadores, que também assinam o presente documento, estão atentos aos itens da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e às determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos para manter os preceitos éticos e de proteção aos participantes da pesquisa. Este documento será elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, por você, pela pesquisadora responsável e pelo coordenador da pesquisa.

Gostaríamos de contar com a sua colaboração para a concretização desta investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à sua inteira disposição para quaisquer esclarecimentos. Por fim, você poderá entrar em contato com os pesquisadores por meio telefônico, correio eletrônico ou no endereço abaixo citado, além dos contatos do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina:

Carine Collet (Pesquisadora principal):  
Fone: (48) 99193402 ou (48) 3721-8526

E-mail: [ca\\_collet@hotmail.com](mailto:ca_collet@hotmail.com)

Endereço: Laboratório de Pedagogia do Esporte, Centro de Desportos. Campus Universitário Trindade. CEP: 88040-900, Florianópolis/SC.

Juarez Vieira do Nascimento

Fone: (48) 3721-8526

E-mail: [Juarez.nascimento@ufsc.br](mailto:Juarez.nascimento@ufsc.br)

Endereço: Laboratório de Pedagogia do Esporte, Centro de Desportos. Campus Universitário Trindade. CEP: 88040-900, Florianópolis/SC.

Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos da UFSC

Fone: (48) 3721-6094

E-mail: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br)

Endereço: Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, CEP 88.040-400, Florianópolis/SC.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Prof. Ma. Carine Collet  
Doutoranda/Pesquisadora principal

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento  
Coordenador da Pesquisa/Professor  
Orientador

---

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, li este documento e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa "CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL: a representatividade do contexto brasileiro".

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do atleta

**APÊNDICE D: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido –  
Atletas menores de 18 anos**







UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis/SC – CEP: 88040-900  
Fone: (48) 3721-9926 Fax: (48) 3721-9792 – e-mail: ppgef@contato.ufsc.br



#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) atleta,

O Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (NUPPE/CDS/UFSC) está realizando uma pesquisa sobre a carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. A pesquisa tem como título “CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE NO VOLEIBOL” e tem como objetivo geral analisar a formação e o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite no voleibol. Espera-se que esta investigação possa fornecer informações importantes que permitam compreender a carreira esportiva de atletas de voleibol, identificando contextos, vivências e experiências que poderão servir de exemplo ou de orientação para a formação cada vez maior e mais qualificada de praticantes e atletas.

Você está sendo convidado a participar dessa pesquisa. Para isso, você responderá a um questionário sobre sua idade, sexo, local de nascimento, idade de início no voleibol, clube de voleibol em que atua e mais algumas informações pessoais relacionadas à sua vida esportiva. Além disso, você responderá a questões sobre as atividades físicas e esportivas que já realizou, os locais em que praticou essas atividades e as pessoas que influenciaram a sua vida esportiva.

O preenchimento do questionário não afetará o desenvolvimento pleno das suas atividades esportivas, porém você deverá disponibilizar um tempo para que ele possa ser preenchido. O principal benefício em participar da pesquisa é que você fornecerá informações que poderão auxiliar nos propósitos da pesquisa, que busca melhorar a qualidade no desenvolvimento de atletas de voleibol. Para isso, você não terá despesas ou compensações financeiras. Caso alguma despesa associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido, inclusive com a garantida indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Você e seus pais ou responsáveis terão garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento sobre a pesquisa e seus resultados, inclusive poderá deixar de participar a qualquer momento se assim desejar, sem a necessidade de apresentar justificativas e sem prejuízos. Além disso, um termo de consentimento deverá ser assinado pelo seu pai, mãe ou responsável.

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados, de maneira geral, em revistas e congressos científicos, visando o compartilhamento de conhecimentos acerca do voleibol, porém não serão divulgados nomes, instituições ou qualquer informação relacionada à privacidade ou que possibilitem a identificação dos participantes.

Os pesquisadores responsáveis são o Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento e a Profª. Ms. Carine Collet, ambos pertencentes à UFSC e você poderá entrar em contato com eles pelos telefones (48)37218526 ou pelos e-mails juarez.nascimento@ufsc.br e ca\_collet@hotmail.com.

Atenciosamente,

Prof. Ma. Carine Collet  
Doutoranda/Pesquisadora principal

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento  
Coordenador da Pesquisa/Professor  
Orientador

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, li este documento e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa “CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL”.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do atleta



**APÊNDICE E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –  
Responsáveis pelos atletas menores de 18 anos**





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
Campus Universitário – Trindade – Florianópolis/SC – CEP: 88040-900  
Fone: (48) 3721-9926 Fax: (48) 3721-9792 – e-mail: ppgef@contato.ufsc.br



### TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO

Prezados pais ou responsáveis,

Temos a honra de convidar o(a) seu(sua) filho(a) para participar de uma pesquisa sobre a carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. A pesquisa tem como título “CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE NO VOLEIBOL: um estudo com as seleções brasileiras” e corresponde a um projeto de pesquisa de doutorado vinculado ao Laboratório de Pedagogia do Esporte do Centro de Desportos e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Esta investigação tem como objetivo geral analisar a formação e o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite no voleibol. Espera-se que esta investigação possa fornecer informações importantes que permitam compreender a carreira esportiva de atletas de voleibol, identificando contextos, vivências e experiências que poderão servir de exemplo ou de orientação para a formação cada vez maior e mais qualificada de praticantes e atletas. Dessa forma, será possível apresentar indícios de como formar atletas de voleibol, visando melhorar a qualidade na formação esportiva e, conseqüentemente, manter o voleibol brasileiro como esporte amplamente praticado e também na condição de potência mundial.

A metodologia adotada prevê a coleta de dados a partir da aplicação de um questionário aos atletas integrantes das seleções brasileiras femininas das categorias Sub-18, Sub-20, Sub-23 e adulta e masculinas Sub-19, Sub-21, Sub-23 e adulta e de entrevistas semiestruturadas com os atletas de excelência de seleções adultas. O questionário será entregue aos atletas das categorias de base, juntamente com a explicação dos propósitos da pesquisa e solicitada a sua devolução devidamente preenchido. A entrevista com os atletas das categorias adultas serão gravadas em áudio, podendo gerar algum constrangimento ao relatar fatos importantes de sua carreira esportiva, porém serão tomados cuidados para que esses constrangimentos sejam minimizados.

A intervenção dos investigadores não afetará o desenvolvimento pleno das atividades esportivas de seu(sua) filho(a). Informamos que você não terá despesas ou compensações financeiras relacionadas à participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa, porém, caso alguma despesa extraordinária venha a ocorrer, você será ressarcido. Além disso, você terá a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você e seu(sua) filho(a) terão garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento sobre a pesquisa, inclusive, ele poderá deixar de participar a qualquer momento se assim desejar, sem a necessidade de apresentar justificativas e sem prejuízos.

Os principais benefícios em participar da pesquisa é que seu(sua) filho(a) fornecerá informações que poderão auxiliar nos propósitos da pesquisa, que busca melhorar a qualidade no desenvolvimento de atletas de voleibol. Quanto aos riscos, serão tomadas todas as providências necessárias para a manutenção do sigilo das informações obtidas, bem como o anonimato dos participantes, porém sempre existe a remota possibilidade de quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas conseqüências poderão ser tratadas nos termos da lei. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente pelo Laboratório de Pedagogia do Esporte da UFSC, cujo acesso estará limitado aos investigadores responsáveis. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados, de maneira geral, em revistas e congressos científicos, visando o compartilhamento de conhecimentos acerca do voleibol,

porém não serão divulgados nomes, instituições ou qualquer informação relacionada à privacidade ou que possibilitem a identificação dos participantes.

Os pesquisadores, que também assinam o presente documento, estão atentos aos itens da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e às determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos para manter os preceitos éticos e de proteção aos participantes da pesquisa. Este documento será elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, por você, pela pesquisadora responsável e pelo coordenador da pesquisa.

Gostaríamos de contar com a sua colaboração a partir da permissão da participação de seu(sua) filho(a) para a concretização desta investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à sua inteira disposição para quaisquer esclarecimentos. Por fim, você e seu(sua) filho(a) poderão entrar em contato com os pesquisadores por meio telefônico, correio eletrônico ou no endereço abaixo citado, além dos contatos do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina:

Carine Collet (Pesquisadora principal):

Fone: (48) 99193402 ou (48) 3721-8526

E-mail: [ca\\_collet@hotmail.com](mailto:ca_collet@hotmail.com)

Endereço: Laboratório de Pedagogia do Esporte, Centro de Desportos. Campus Universitário Trindade. CEP: 88040-900, Florianópolis/SC.

Juarez Vieira do Nascimento

Fone: (48) 3721-8526

E-mail: [juarez.nascimento@ufsc.br](mailto:juarez.nascimento@ufsc.br)

Endereço: Laboratório de Pedagogia do Esporte, Centro de Desportos. Campus Universitário Trindade. CEP: 88040-900, Florianópolis/SC.

Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos da UFSC

Fone: (48) 3721-6094

E-mail: [cep\\_propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep_propesq@contato.ufsc.br)

Endereço: Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, CEP 88.040-400, Florianópolis/SC.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Prof. Ma. Carine Collet  
Doutoranda/Pesquisadora principal

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento  
Coordenador da Pesquisa/Professor  
Orientador

---

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, li este documento e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa "CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL: a representatividade do contexto brasileiro".

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do atleta

**ANEXOS**





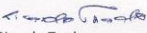
**ANEXO A: Autorização da Confederação Brasileira de Voleibol  
para a realização do estudo junto aos atletas**





#### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição **Confederação Brasileira de Voleibol**, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE NO VOLEIBOL: um estudo com as seleções brasileiras**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

  
Ricardo Trade

CEO

 Ricardo Trade  
CEO  
Confederação Brasileira de Voleibol



**ANEXO B: Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL:Um estudo com as seleções brasileiras

**Pesquisador:** Juarez Vieira do Nascimento

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 52935116.3.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.450.060

**Apresentação do Projeto:**

Tese de Doutorado de Carine Collet sob orientação de Juarez Vieira do Nascimento, do programa de pós-graduação em Educação Física. Estudo prospectivo, com 88 participantes. Critérios de inclusão: atletas integrantes das seleções brasileiras femininas das categorias Sub-18, Sub-20, Sub-23 e adulta e masculinas Sub-19, Sub-21, Sub-23 e adulta. Critérios de exclusão: sem informações. Intervenções: serão realizadas entrevistas semi-estruturadas e questionários com os atletas.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário: Analisar o processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro. Objetivo Secundário: Objetivos específicos: • Verificar a aderência ao esporte (ingresso, permanência e afastamento/aposentadoria) e os momentos marcantes da carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro; • Identificar a contribuição do envolvimento em atividades físicas e esportivas em cada etapa da carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro; • Verificar o impacto percebido do contexto e dos personagens marcantes no desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro; • Destacar as características de cada fase da carreira esportiva de atletas de diferentes gerações e relacionar com os momentos marcantes da evolução do voleibol brasileiro; • Apontar princípios

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 1.450.050

para a construção de um modelo de desenvolvimento esportivo de atletas de elite, a partir das fases e transições na carreira de atletas das seleções brasileiras de voleibol.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Adequada e bastante ampla.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Sem comentários adicionais.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de rosto assinada pelo pesquisador responsável e pelo coordenador do programa de pós-graduação ao qual o pesquisador responsável está vinculado. Declaração do responsável legal pela Confederação Nacional de Volei, autorizando-a nos termos da resolução 466/12. Cronograma, informando que a coleta de dados se dará a partir de 15/02/2016 estendendo-se até 31/08/2016. Orçamento, informando que as despesas serão custeadas pelos pesquisadores. Matriz analítica para elaboração de questionário e entrevistas semi-estruturadas a serem feitas com os participantes. TCLEs para os participantes ou responsáveis legais e termo de assentimento redigidos, em linguagem clara e adequada, contemplando todas as exigências da resolução 466/12.

**Recomendações:**

Sem recomendações adicionais.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_652718.pdf	25/02/2016 15:49:50		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoLivreeEsclarecido.pdf	25/02/2016 15:47:49	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecidoPais.pdf	25/02/2016 15:47:21	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Retortia II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400  
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
 Telefons: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 1.450.060

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecidoAtletas.pdf	25/02/2016 15:46:02	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito
Outros	Cartarespostapendencias.pdf	25/02/2016 15:45:20	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_CBIV.pdf	02/02/2016 16:02:53	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodeTese dedoutoradoCarine2015.pdf	22/01/2016 11:55:53	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto2.pdf	22/01/2016 11:54:06	Juarez Vieira do Nascimento	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FLORIANOPOLIS, 14 de Março de 2016

---

Assinado por:  
Washington Portela de Souza  
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400  
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
Telefone: (48)3721-6094 E-mail: oep.propesq@contato.ufsc.br